

ANDRÉ LUIZ RIBEIRO JUSTINO

**SENSIBILIDADES NARRADAS E HISTÓRIAS VIVIDAS: DOS
DEPENDENTES DE AMOR E SEXO ANÔNIMOS - D.A.S.A.**

GOIÂNIA

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, GEOGRAFIA, CIÊNCIAS SOCIAIS E
RELAÇÕES INTERNACIONAIS - HGSR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM HISTÓRIA CULTURAL E PODER

**SENSIBILIDADES NARRADAS E HISTÓRIAS VIVIDAS: DOS
DEPENDENTES DE AMOR E SEXO ANÔNIMOS - D.A.S.A.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História Cultural como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Dr^a. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante.

GOIÂNIA

2010

ANDRÉ LUIZ RIBEIRO JUSTINO

**SENSIBILIDADES NARRADAS E HISTÓRIAS VIVIDAS: DOS
DEPENDENTES DE AMOR E SEXO ANÔNIMOS - D.A.S.A.**

BANCA EXAMINADORA:

Dr^a. MARIA DO ESPÍRITO SANTO ROSA CAVALCANTE – PUC-GO
(ORIENTADORA)

Dr^a. MARIA ZENEIDE CARNEIRO MAGALHÃES DE ALMEIDA – PUC-GO

Dr^a. MARINA HAIZENREDER ETZOGUE – UFT-TO

GOIÂNIA

2010

Dedico este trabalho aos Grupos Anônimos e, em especial, aos
Dependentes de Amor e Sexo Anônimos - D.A.S.A.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e ao mesmo tempo dedico este trabalho à árvore mais bela do meu jardim, que atende pelo nome de Mãe, pernambucana e também Mulher, Maria Guiomar Carneiro Ribeiro.

A meu Pai, paraibano, Heleno Félix Justino, que mesmo em silêncio, me deu coragem para seguir e conquistar meus sonhos.

Aos meus sobrinhos, Maria Clara, Pedro, Ronald, Davi e Artur, com a certeza de que a família está mais bela com a chegada de vocês. Peço perdão pela escrita silenciosa da história que recebe o nome de tempo em seus corpos, as mudanças e crescimento que não acompanhei, como também os cabelos grisalhos e o talhar do desgaste da vida no rosto de meu pai.

Aos meus irmãos de jornada, João Francisco, Alexandre José e Luís Eduardo.

Aos meus amigos que deixei em Brasília, que o desejo de reencontrá-los possa sempre ocorrer; e, em especial, às suas mães, por terem sido minhas também.

À Dona Nair, à Mariana e, é claro, ao Gabriel (a Pãe que me ensinou o segredo do parafuso e sabão).

À Tia Leila e à Tia Maria.

E não seria possível esta feitura sem o apoio de minha Orientadora e Educadora, Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante, que me ensinou e me ensina do seu “Local” Religioso e de seu “Compromisso” Político. Que eu possa honrá-la no dignificar da vida.

À Casa do Estudante número 03, pela acolhida de um Candango, mesmo este tendo apenas um colchão e uma cafeteira.

Ao Adam, pelo carinho e amizade, e pelos passeios nesta cidade chamada Goiânia.

A Ismênia pela paciência e ajuda pela correção e releitura deste trabalho. Sem suas intervenções, ele não estaria finalmente pronto.

“Desagrado” ao meu irmão e amigo goiano Deidian, que me tirava, nas horas menos oportunas da minha “Torre de Marfim”, para ver o dia e a poesia contida em horas de conversas tecidas a fio na paciência sagrada, na água fervendo para o café embalado pela companhia de Chico, Gonzaguinha e Vinícius.

A você, Walquiria, ou simplesmente Linda, Amada, mulher atriz goiana, que me ensina a cada dia a não perder a minha alma, e a tudo que me permite ser o homem que sempre sonhei, com amor e alegria.

Aos Grupos de Anônimos que salvam vidas por este país afora, principalmente à Irmandade D.A.S.A. e a seus integrantes, por fazerem de cada dia o mais importante.

RESUMO

JUSTINO, André Luiz Ribeiro. **Sensibilidades Narradas e Histórias Vidas: Dos Dependentes de Amor e Sexo Anônimos-D.A.S.A.** 118 f. Departamento de História, Geografia, Ciências Sociais e Relações Internacionais – HGSR. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em História Cultural e Poder. 2012. PUC-GO, Goiânia / GO.

Este trabalho tem como objetivo compreender as histórias de vida de indivíduos em um ambiente proposto para dependentes de amor e sexo anônimos, avaliando o impacto dos princípios e práticas propostos pelo D.A.S.A. em suas biografias, através tanto de suas vivências e práticas dentro do grupo, quanto fora, assim como os materiais por eles produzidos. Dentro de uma perspectiva temática da história cultural, procurou-se enfatizar o diálogo entre a história e a sociologia, com alguns autores de psicanálise. Ao focar a história de vida, pretendeu-se privilegiar o estudo da masculinidade em tal ambiente. Além disso, trabalhar diretamente com discursos a sensibilidade tornou-se o fio de condução da pesquisa, a materialidade da subjetividade. Destaca-se seu nascimento em dois momentos: o primeiro nas reuniões, creditado à espontaneidade; o segundo, às entrevistas individuais, e também à leitura produzida pelo próprio como grupo. A verticalização sobre as sensibilidades proporcionou uma forma de empreendimento sobre o mundo e sua construção. Ao incidir sobre as emoções na relação do sensível do eu e sua realidade, as sensibilidades admitem uma forma de conhecimento do mundo, tornando presente uma temporalidade escoada pois permitem entender como os homens representavam a si mesmos e aos outros. Ao estudarmos alguns homens que vivenciam o D.A.S.A. e a sua programação, temos o leque de abertura da categoria gênero, privilegiando assim a vivência da masculinidade na contemporaneidade.

Palavras-chave: História. Sensibilidade. Instituição. Masculinidade.

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO	8
1. UMA HISTÓRIA DOS DEPENDENTES DE AMOR E SEXO ANÔNIMOS - D.A.S.A.	15
1.1 Tempo de sensibilidade, a batida do coração	15
1.2 A caminho da cura, recebendo meu coração de volta	46
1.3 Ao sentir aquele abraço, aquele sorriso, sentia-me	60
2. A PROPOSTA DO D.A.S.A.....	65
2.1 O princípio do coração.	65
2.2 Palavra cura: busca da independência.....	73
2.3 Sou igual a você.....	79
3. HOMENS CHOROSOS E MULHERES FOGOSAS.....	85
3.1 Uma contextualização da masculinidade; rastros de um território sombrio.....	85
3.2 O homem sem qualidade.	93
3.3 Alguns homens choram, enquanto algumas masculinidades amam.....	101
CONCLUSÃO.....	109
REFERÊNCIAS	114

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo o estudo das narrativas afetivas de gênero, em um ambiente com proposta à recuperação de dependentes de amor e sexo, cujo nome é D.A.S.A. Este é um dos programas de 12 passos, inspirado na proposta dos Alcoólicos Anônimos, A.A, sendo o foco de pesquisa tanto os discursos produzidos pelo D.A.S.A. para a recuperação, quanto a vivência de seus participantes.

Para o D.A.S.A., a dependência de amor e sexo é um comportamento compulsivo que atinge tanto homens, quanto mulheres e homossexuais (masculino ou feminino). Isto implica em dizer que não há uma restrição sexual, diferentemente do M.A.D.A., Mulheres que Amam Demais Anônimas, em que há, sim, uma restrição quanto ao gênero dos participantes. Em Brasília existe o P.A.D.A., Pessoas que Amam Demais Anônimas, cuja preocupação era a incorporação de indivíduos masculinos, que se identificavam com a proposta do M.A.D.A., em que o amor é associado ao sofrer.

A programação do D.A.S.A. tem como principal objetivo a busca de vivências saudáveis perante as escolhas amorosas e sexuais, construindo assim uma autonomia de laços afetivos, em que o indivíduo se percebia como “impotente” em suas escolhas. A percepção de tais relacionamentos tem como característica uma relação de preenchimento do vazio por outra pessoa, distanciando-o muitas vezes das sensações de dores e culpa, ocasionando-lhe também uma busca incessante por sexo. Este impulso desgovernado cria uma autodestruição, gerando, com isto, um descontrole sobre a vida cotidiana. Entre homens e mulheres que frequentam a sala do D.A.S.A., o pronunciar começa como anúncio do nome, seguido da afirmação: “Sou dependente de amor e sexo anônimo”. Ao relatar as experiências que os levaram àquele lugar, o sentimento de impotência em lidar com suas escolhas era traduzido em castelo de ouro e prata. Deparamo-nos com alguns problemas ao traduzir tais momentos, a partir de um pensar historiográfico.

A este descontrole sobre a vida cotidiana, o codependente afetivo necessita de outro indivíduo para ter uma sensação de segurança, em que a autoconfiança é construída por um, ou por vários laços afetivos, (Giddens, 1993). Mas estas mudanças são recentes. A ruptura ocorreu das transformações sofridas pelo amor romântico do século XVIII, em que os relacionamentos eram pensados em uma base patriarcal familiar rígida. Tal base legitimava as relações de gênero, através de um posicionamento social de homens e mulheres para ocupação de espaço, e sua medicalização teria um estrito controle sobre a vida sexual, principalmente a feminina. Passava-se assim, conforme o filósofo Michel Foucault (2006),

denomina como uma vontade de saber, através de crescentes descobertas científicas, para o conhecimento de uma organização da vida diária.

Neste aspecto, as restrições ocorrem não mais nos mecanismos político-jurídicos, mas sim nos mecanismos político-medicinais. A norma seria exercida por este desejo de saber que passaria a conduzir a vida dos indivíduos através de suas condutas. Ao pensarmos sobre o amor romântico, percebe-se um aumento do dizer de si, ou melhor, de nós. Este ato de narrar histórias amorosas, tem um terreno próprio, que em relação ao sociólogo Antony Giddens identifica como sendo “cor-de-rosa”, domínio das mulheres, ao passo que aos homens há um investimento de compromisso com o trabalho. Mundos que se organizam, o da natureza e o da razão. As desorganizações justificadas por uma inerência natural feminina à sua incapacidade de trabalhar, tendo em seu empreendimento emoções, como a delicadeza, que faziam do lar o local próprio à sua educação, direcionada em etapas, o que a “tornava mulher”. A rotina do trabalho só poderia ser exercida pelos homens, já que sua lógica e controle eram atributos naturais de sua constituição masculina, isto é, uma perpetuação de atos de caráter masculino. Tal estratégia discursiva fez uma regulamentação do corpo feminino com vistas a circunscrever as mulheres à esfera doméstica e à maternidade, enquanto a sexualidade do homem seria restritiva, sinalada por uma potencialidade peniana.

Com a entrada em cena da categoria **gênero**, o homem volta a ser objeto de estudo, em que sexualidade e desejo passam a ser escritos no interior dos sujeitos, negando, com isto, uma experiência coerente e singular, na vivência da masculinidade por parte de alguns homens. Esta vivência da masculinidade seria uma ordem natural, cuja significação cultural seria constituída por uma série discursiva. A filósofa Judith Butler (2008), iria apontá-la como uma coerência entre gênero e corpo. Tal reforço é o que constitui a existência da masculinidade como atributo do homem, a ser composto no século XVIII, com o amor romântico. Ao buscar a essência dos corpos, por uma incitação confessional, Foucault (2006) tem, no século XIX, uma intensa medicalização dos corpos, e a categoria homem, nascente através de seu irmão siamês. Ao apontar sobre a sexualidade do invertido, a homossexualidade, Foucault (2006) nos traz o silenciar da masculinidade, parada e inerte em seu corpo.

Seria criado, em torno desta definição um policial constante das fronteiras entre homens e mulheres e a ordem heterossexual. Mecanismo de violência, o amor romântico seria uma dessas engrenagens usadas para produzir e procriar esta ordem. Tendo em sua aplicação um conjunto amplo que inibe o desenvolvimento e as oportunidades de cada indivíduo, segundo Giddens (1996), temos neste sentido o uso da violência exercida por alguns homens

contra outros homens. Ao trazer a categoria gênero para o estudo da masculinidade, sua aplicação nos fornece um manancial de subjetividade que fora negado por muito tempo. Esta negação demonstra a feitura dos estudos históricos respondendo pelo seu tempo, que disponibiliza hoje, em consequência, uma tecelagem conceitual, transformando-se assim em patrimônio próprio e vital para o historiador.

Ao traçar tais linhas, no processo histórico do século XIX, Giddens (1993) e o sociólogo Zygmunt Bauman (2004) apontaram para mudanças ocorridas nas relações amorosas e sexuais, que atingiram o poder patriarcal. Isto implicou no primeiro momento, na influência crescente das mulheres em relação à educação dos filhos, deslocando o poder do pai sobre a prole. A entrada das mulheres no mercado de trabalho fez com que, cada vez mais as relações fossem negociadas entre elas e os homens. Estas alterações nas relações pessoais foram acompanhadas por mudanças tanto econômicas como políticas e sociais, que tornaram as relações de gênero tão importantes para a definição da ordem masculina.

A contração familiar e a diminuição do número de filhos fizeram com que as mulheres tivessem cada vez mais domínio de seu corpo, e isto começa a se refletir nas relações afetivas e sexuais, deslocando o casamento por via de contrato para uma institucionalização do amor no relacionamento, agora responsável pela união sentimental tornando-se pano de fundo para justificar as relações sexuais. Ainda em 1930¹ aponta para o silêncio sobre o prazer sexual, mas nos anos de 1960 a cena muda: o prazer e a sexualidade falam a mesma língua, e o controle da gravidez, por meios contraceptivos, trazem a autonomia e o domínio da mulher sobre sua sexualidade e seu sexo. Para o sociólogo Manuel Castells (2002), o poder dos homens sobre as mulheres fora ferido, primeiro, com a entrada maciça delas no mercado de trabalho, com a conquista e a ampliação dos direitos femininos, seguidos pelos avanços científicos sobre os métodos de gravidez. Tais conquistas são traduzidas por alguns homens como uma desorganização de sua masculinidade, já que esta era traduzida pela força de trabalho e da procriação. Este quadro veio trazer algo novo, isto é, as relações não eram mais apenas um artefato de ferramentas masculinas, passavam também a ser parte das ferramentas femininas.

A negociação, por parte das mulheres, não apenas demonstrou uma perda da dominação masculina, mas, sim, as estruturas nas quais o homem foi forjado, construído como um artefato singular, ao ser composto por uma categoria biológica. Isto implica dizer que o homem “é” produzido por comportamentos estáveis e transcendentais; a angústia

¹ Este estudo sobre a vida conjugal, nos anos 1930 a 1960 é desenvolvido nos estudos do historiador Antoine Prost, que tem na formação familiar e conjugal francesa seu foco de interesse *Fronteiras e espaços do privado*. História da Vida Privada, vol.05, (2008).

masculina aparece no mundo, quando suas fronteiras mostram-se menos rígidas. A exemplificação é dada pelo apoio da literatura da filósofa Elisabeth Badinter (1993), ao abordar os homens educados e refinados de alguns homens da aristocracia, que viviam nos salões e alcovas, absorvidos por perucas e maquiagens. O cavalheiro seria esta peça, tão impregnada no fazer masculino, que hoje se encontra deslocada. Ao tratar a conquista como meio de suporte masculino, Giddens (1993) norteia o machismo como sendo fruto da junção de um meio aristocrático, no qual os atos e condutas transmitem o personalismo, com um mundo cada vez mais burguês.

Estes homens de costumes aristocráticos, ao conduzirem suas conquistas, deparam-se com um contexto em que as relações começam a ser mais abertas, as mulheres exigindo uma situação que anteriormente não era comum Bauman (2004) analisa que a sociedade capitalista proporcionou nos últimos anos um aumento no mercado de procura de parceiros, sendo o valor mercadológico dos indivíduos proporcional ao que tende a ser oferecido. Colocando em pé de igualdade as mulheres no mercado das conquistas, as armas destes homens se encontram reduzidas a artefatos arcaicos. O amor romântico, desta forma, não proporcionou a conquista de uma maior intimidade masculina, e sim legitimando uma singularidade contida na maneira de ler o mundo, reduzindo e afastando com isto uma vivência afetiva quanto sexual. Tanto para Giddens (1993), quanto para Badinter (1993), a questão do homem não pode mais ser adiada, diante da crise instalada pelas conquistas feministas, a partir das quais alguns homens tendem a procurar novas maneiras de se relacionar.

A desorientação emocional e sexual está instalada. O mundo masculino, na modernidade, mostra-se sem encanto. Os garanhões tornaram-se escravos das mulheres, de sua afirmação de poder e fascínio. A dependência feminina arrefece e as mulheres afora giram em torno das próprias conquistas, com um agravante: elas também saíram para conquistar. Como ter seus troféus em um mundo em que a liberdade de gênero é cada vez mais ampliada? Para isso, há uma nova abordagem: lidar com os relacionamentos, através de investimento crescente em bases sentimentais e na percepção de si e do outro, promovendo com isto uma verticalização de autoconhecimento. Há nesta nova realidade um sentimento de impotência para lidar com ações do presente, em que não existe um conhecimento pessoal; a relação passa a ser, desta forma, um contato na superfície do eu, gerando dor e estranhamento, perspectiva esta arrastada pela idealização do amor romântico: ao atribuir às mulheres o papel de “damas”, a cordialidade passa a ser trunfo de conquista masculina.

Assim, ao entrarmos na sala dos Dependentes de Amor e Sexo Anônimos, estaremos fazendo perguntas novas aos objetos antigos da história, excursionando na etnografia

masculina, dos homens que frequentam aquelas salas, às terças-feiras e aos sábados, com a preocupação em entender o tecer sentimental masculino. O relatar de homens com “h” minúsculo ainda não é de uso comum. Ao fazermos isto, estamos remontando àqueles caminhos do narrador que instigavam Heródoto, e esta feitura, que não é muito familiar, nos traz algumas surpresas, e diálogos com outras disciplinas.

E são estes espaços, caracterizados pelo antropólogo Homi Bhabha (2008), que servem para questionar o local de formação e constituição de subjetividades. Entre “lá e cá” negociam-se as identidades hegemônicas, que são descaracterizadas quando não ocorre sua aceitação e repetição. “Entre-lugares” é aquela sala que nos acolheu e forneceu, não apenas para a pesquisa, o material em via de cura a ser colhido. E essa aproximação com a filósofa Butler (2008), ao pronunciar não sobre a representação, mas sobre sua conceituação de “performance”, nos conduz à realidade de gênero criada por atos sociais repetidos incansavelmente, cuja coerência está escrita nos corpos. A sala do D.A.S.A. é o local de desorganização do gênero. Antes de ser um espaço físico, é simbólico, e ali alguns homens se percebem e se qualificam através de seus atos cotidianos. A partir daí começa uma jornada de recuperação, em que o apoio está presente tanto nas reuniões quanto nas leituras do Grupo Anônimo, sendo estes espaços o local desafiador para o Homem com “H” maiúsculo.

O pronunciar masculino abria não apenas um novo campo de pesquisa, mas, também, uma nova perspectiva, uma relação com o presente, em que a afetividade é tecida em seu aspecto social e político. Ao perceber que o poder não é fixo, e sim móvel, reversível e instável, podendo ser encontrado em diferentes formas, a sua materialização ocorre primeiro dentro da instituição, a partir de uma mudança comportamental. Assim, fazia-se necessário não apenas o acompanhamento das reuniões, mas também a compreensão do novo quadro de sujeição e sujeitado, levando-se em consideração que as relações de poder são ao mesmo tempo intencionais e subjetivas.

Assim, tornaram-se relevante a vivência e a convivência com os participantes. Foram escolhidos cinco homens, dois que frequentavam as reuniões das terças-feiras, dois que iam aos sábados e um que frequentava as duas. Ao identificar seus depoimentos, estabelecemos como critério as siglas, acreditando preservar o anonimato dos participantes. Fazia-se nesse tecer o silêncio. O anonimato tem sua importância de funcionamento para o Grupo em dois sentidos: o primeiro, é que os princípios de recuperação estão acima de qualquer individualidade, e o segundo, é que o resguardar e a proteção individual contra preconceitos sociais fazem parte de um juízo de opinião comum. Ao contrário, o anonimato protege o dependente de sua própria doença, que é o egoísmo. Assim, primeiro adotamos o

anonimato, como parte da proposta do D.A.S.A., em que prevalece a programação de recuperação, e, segundo, ajudamos a combater um futuro mal para o Grupo.

Nos depoimentos orais, tanto das reuniões quanto em entrevistas, nota-se a referência de elementos que denunciam a camada social de que e fazem parte. Profissões, viagens, aventuras e presentes indicam que a maioria destes homens pertence pelo menos à camada média. O convívio diário possibilitou tais constatações, na medida em que eles compartilharam suas rotinas, mas a decisão de não mencionar suas atividades pessoais ajudou para que houvesse uma maior aproximação. Neste sentido, observamos um acréscimo sobre o contato diário com as práticas de recuperação. Também se pode constatar pelo *site* do D.A.S.A. que as reuniões ocorrem em bairros “nobres” das grandes cidades brasileiras. Em que em sua maioria, tais reuniões são frequentadas por homens (mesmo tendo mulheres), brancos (as), de idade entre 26 e 60 anos.

Tendo as entrevistas um caráter de espontaneidade, não foram formuladas perguntas e ocorreram sendo dois momentos bem distintos: na coleta de dados que, como já foi dito, deu-se no ambiente do próprio D.A.S.A., em que suas histórias de vida eram narradas; no convívio do dia a dia, em que a preocupação era uma maior abertura para com os entrevistados. Durante as peregrinações aos locais de convívio, percebeu-se uma resistência dos mesmos ao evitar situações que traziam dores e angústias, momentos que não passavam despercebidos, que afloravam na simples convivência diária. Tais momentos não tinham apenas um significado subjetivo, mas sim a busca por uma apreensão coletiva das relações sociais a partir de seus significados.

Esta reflexão produzida pelos grupos de autoajuda e pela produção literária sobre dependência são elementos típicos da modernidade, segundo Giddens (1993), fazem parte deste processo o questionamento e a transformação das relações pessoais, da intimidade, da sexualidade e do amor. Esses seriam elementos fundamentais do processo de constituição das identidades atuais, que se constroem, de acordo com o autor, a partir do “projeto reflexivo do eu”. Nesse processo é que se dá tanto a vivência cada vez maior de adições, quanto sua maior identificação e surgimento de recuperação.

Já para Foucault (2006), há uma alusão crítica a respeito das relações de poder que permeiam a construção do saber e que organizam a vida cotidiana. Essas propostas, os doze passos e as doze tradições, podem ser pensadas como estratégias de normatização das condutas, nos aspectos relacionados à afetividade e sexualidade, tentando uma coesão entre amor e sexo. Outro autor que critica sobretudo a autoajuda é Bauman (2005), acusando-a de ser uma falsa promessa de autonomia, o que significaria, na prática, uma maior dependência.

Ao difundir “receitas de vida”, as terapias de aconselhamentos, como grupos de autoajuda, constroem um modelo, diferente dos líderes, cujos exemplos se faziam presentes. De acordo com Foucault (2008), estudar o discurso é analisar sua economia interna, detectar os sistemas de correlações funcionais pela comparação de discursos, descrever suas transformações e as relações com as instituições, em que as relações de poder são móveis, reversíveis e instáveis, podendo se encontrar em diferentes níveis, sob diferentes formas. O poder está sempre presente, na forma da relação em que cada um procura dirigir a conduta do outro, que também resiste a essa tentativa. As relações de poder se materializam institucionalmente ao tomar corpo nos aparelhos estatais, mas também nas relações afetivas, em que se produziram através de um substrato comportamentos nos quais identificaram-se corpos e o amor romântico, de forma tanto intencional quanto subjetiva.

A reivindicação neste sentido foi projetada dentro de uma estrutura de três capítulos: no primeiro, há uma dedicação sobre o campo epistemológico da história da sensibilidade, um rastrear sobre a subjetividade masculina, tentando tatear a percepção da virilidade e a escrita sobre a contextualização do amor romântico. No segundo capítulo, situamos o D.A.S.A., cujo discurso veicula e produz poder, reforça-o, mas também o mina, expõe-no, debilita-o e permite barrá-lo. A resistência é contra discursos; no caso, o silêncio e a atenção redobrada surgem nessas relações. Por fim, é preciso localizar este sujeito e sua distribuição na sua polissemia discursiva, e nesse instante é que tentamos perceber as mudanças ocorridas no campo da intimidade masculina.

1. UMA HISTÓRIA DOS DEPENDENTES DE AMOR E SEXO ANÔNIMOS - D.A.S.A.

1.1 Tempo de sensibilidade, a batida do coração

Ao caminhar por um dos corredores localizados na Igreja Santa Cruz², direciono-me a uma sala com cadeiras dispostas em círculo, com a seguinte indicação: “O que se ouve aqui, fica aqui, o que se vê aqui, fica aqui e o que se fala aqui, fica aqui”. Poderia ser a reunião de algum grupo de anônimos destinada à recuperação de dependência química ou alcoólica, mas não é. O teor dos depoimentos é voltado para o “coquetel tóxico” do amor e do sexo, que age como uma doença, de forma progressiva, a qual não pode ser curada, mas, como outras enfermidades, pode ser detida ou freada.

Assim é a Irmandade D.A.S.A.³, que significa Dependentes de Amor e Sexo Anônimos, de origem norteamericana, fundada com o nome S.L.A.A., *Sex and Love Addict Anonymous*. Tem como inspiração o A.A., Alcoólicos Anônimos, grupo surgido em 1935, em Akron, estado de Ohio, nos Estados Unidos. Após um encontro entre o corretor da Bolsa de Nova York, Bill Wilson, e o médico de Akron, Bob Smith, ambos constataram que, por alguma razão até ali não bem compreendida, conseguiam ficar sem beber durante certo período depois de passar algum tempo conversando e compartilhando seus problemas. Ao passar por uma verdadeira “experiência espiritual” e de experimentar “fortes sentimentos de triunfo, paz e serenidade”, segundo depoimento de Wilson, o corretor decidiu trabalhar para que outros alcoólicos se beneficiassem com a autodescoberta. Ao compartilhar sua experiência com outros dependentes, ele “sentia-se revitalizado” e conseguia manter-se sóbrio.

O cofundador do A.A., Bill Wilson, publicou, em 1939, uma peça literária preconizando as chamadas “Experiências Práticas” como denominador comum para a recuperação do alcoolismo, denominada “Os 12 Passos”. Consistindo em uma estratégia diária para a dignificação pessoal, o primeiro momento é a admissão de ser impotente perante a doença, isto é, o álcool, seguido do desejo profundo de parar, ou de, pelo menos, frear seus efeitos. Estes princípios adotados nasceram dos Grupos Oxford (uma irmandade religiosa dos Estados Unidos, que inspirou o A.A. inicialmente), compostos por valores universais,

² Localizada na quadra 905-sul, da Asa Sul de Brasília, uma sala é cedida para as reuniões que ocorrem nas terças-feiras e nos sábados.

³ Ao todo são 13 Irmandades D.A.S.A. espalhadas pelo país. A primeira sede foi fundada no Rio de Janeiro, em 06 de setembro de 1993.

encontrados em todas as religiões e nas principais filosofias. A eficácia do programa formulado por Bill Wilson influenciou a criação de novos grupos de mútua ajuda, com os mesmos princípios, mas cada um voltado para dependências específicas, tais como: Narcóticos Anônimos, Comedores Compulsivos Anônimos, Neuróticos Anônimos, Jogadores Anônimos, Mulheres que Amam Demais etc. Assim é estabelecida uma compreensão recíproca, proporcionando a reconquista da dignidade pessoal de cada participante. No prefácio do material do D.A.S.A., encontra-se a seguinte explicação para a criação de outras irmandades especiais para cada dependência específica:

Dada a esfera de ação abrangente desses princípios, por que então existe a necessidade de irmandades especiais que se dirigem a desordens compulsivas específicas? A resposta parece ser de que, apesar dos princípios de recuperação codificados nos Doze Passos aplicarem-se além de seus limites, em um nível prático (e totalmente humano) adictos individuais tendem a pensar na dependência apenas em termos da indulgência que eles não conseguem governar. As preferências compulsivas de outros dependentes podem parecer surpreendentes ou ameaçadoras. O alcoólico, por exemplo, pode achar incompreensível a incapacidade de controle do comedor compulsivo, ou até mesmo engraçado; o jogador viciado que nunca sente desejo de beber em demasia porque o álcool o faz sentir-se mal não pode compreender o alcoólico que bebe até ficar doente, e depois recomeça (D.A.S.A., 2002, p. v).

Sentimento insaciável por sexo ou preocupação com fantasias românticas, uma ligação sentimental extrema com uma ou várias pessoas, ou até mesmo flertes “inocentes” podem ser compreendidos através dos jogos de conquistas amorosas ou sexuais, mas neste caso não são. Para o D.A.S.A. existe um padrão obsessivo/compulsivo, tanto nas relações afetivas ou nas atividades sexuais, que progressivamente atravessa e destrói todo o aspecto da vida, convertendo as diferenças e orientação sexual em algo secundário. Ao deixar de exercitar a autocomplacência para vivenciar uma satisfação mais abrangente, cujo retorno da sanidade é reconquistado através da família e do trabalho, neste estado de “sobriedade” a doença começa a ser rendida, quando o dependente se envolve com a programação dos “12 Passos”. Não existe uma regra determinada para atingir uma moderação de comportamento, como também não há um padrão de dependência de amor e sexo. Entretanto, é através da identificação comportamental feita por cada dependente, abstendo-se diariamente, que é alcançada a sobriedade. No início, fizeram com que Rich⁴ não percebesse o padrão de sua dependência de amor e sexo, ao entrar no A.A., em janeiro de 1971, com 24 anos. O comportamento de autoindulgência fizera com que Rich tivesse vários casos extraconjugais, “sexo sem culpa” e “sem compromisso”, criando um paradoxo ao se punir por conta de seu relacionamento: “Se o que você quer é ter sexo por aí, então por que não rompe com Lenore e

⁴ Rich é o nome do fundador do *SLAA, Sex and Love Addicts Anonymous*, que escreverá os textos básicos do D.A.S.A.

mergulha nisso logo de uma vez? Ou se realmente quer ficar com Lenore, por que não para de ter relações e flertar?” (D.A.S.A., 2002, p. 05). Os alívios das tensões, antes derivados de encantamentos e conquistas, passaram a ser associados com o álcool, substituto do sexo, para desinibir vontades:

Naquela ocasião, o padrão de minha dependência de sexo e “amor” já estava definido há vários anos. Apenas os atores haviam mudado. Naturalmente fui incapaz de perceber isso. Para mim, cada nova caçada continha a promessa de renovadas intrigas. Achei que estava vivendo a vida que os outros secretamente invejavam. “Eles são covardes”, pensava, “assustados demais para arriscar a chance de viver”. A possibilidade de que nenhuma felicidade durável ou realização pudesse provir de viver este padrão sem significado e sem sentido não me ocorria absolutamente. De fato a promessa de que a “próxima” seria a situação que me tornaria inteiro, ou me completaria de alguma maneira, era como uma cenoura sempre balançando em frente ao meu nariz, arrastando-me para frente (D.A.S.A., 2002, p. 08).

Naquela ocasião, Rich optou pela sobriedade através da programação dos “12 Passos” dos Alcoólicos Anônimos, seguindo uma base diária de compromissos com esta Irmandade, para reconstituir sua dignidade pessoal. Para ele foi possível conceber o seu “fundo do poço”⁵, não através da abstinência do uso do álcool, mas pela privação de amor e sexo. Ao experimentar pela primeira vez sentimentos de continência sentimental e sexual, ele percebeu que o abraço e o beijo eram formas sutis de camuflar a tensão nascente entre a dependência e a autonomia pessoal, alimentadas pelas fantasias amorosas e sexuais. O percurso de investigar cada ato e gesto, ao evitar tais recaídas, emergira de uma noção, como pessoa e como doente. Ao descrever um quadro de abstinência, o qual é configurado por comparação, Rich coloca em bases patológicas a invasão do organismo. O sistema imunológico é fortalecido, ao passo que, ao abster-se de tais sensações e sentimentos nocivos, o dependente se torna mais consciente de si, gerando uma maior segurança de seus atos e sensações. Ao praticar a programação, estaria fortalecendo a sua autonomia e portanto o seu sistema imunológico, e neste sentido favoreceria uma autocompreensão, afirmando para si sua decisão de continuar a se recuperar. Percebendo o teor de sua dependência, Rich fora nas reuniões de A.A., nas quais comentou sobre o teor de sua doença:

Contei minha história sobre como ficara sóbrio em A.A, e mencionei que minha natureza aditiva não havia simplesmente cessado quando parei de beber. Tristemente, a obsessão e a compulsão tinham continuado, embora em outras áreas.

⁵ Momento descrito, metaforicamente, de um “*déclat*”, isto é, da tomada de consciência das “perdas” acumuladas durante o tempo de dependência de amor e sexo. Esta situação exemplifica a vivência de Rich, mas também é utilizada pelos Alcoólatras Anônimos, para elucidar suas perdas durante o tempo do contato com a bebida alcoólica, dando conta de que o alcoólatra é “incapaz de parar de beber, sendo, portanto, um “dependente da bebida alcoólica”.

A sobriedade com o abuso de álcool trouxe-me, sem dúvida, muitas bênçãos, mas era incompleta em si mesma. Conte em detalhes minhas experiências com obsessão, compulsão, perda de controle e progressão (tal como as identificava agora) na área de sexo e “amor”. Referi-me abertamente a essa condição como “dependência de amor e sexo”, porque a ligação entre essas experiências e as alcoólicas estavam claras para mim agora. Falei da agonia da abstenção, mas mencionei a esperança de encontrar novo sentido e identificação que haviam me ajudado a vencer esse período.

...

...Almocei com Jim nesse dia, e ia justamente falar a respeito disso quando ele virou-se para mim de repente e disse: “Ei, Rich, que tal começarmos um grupo nosso?”(Grifo do autor) (D.A.S.A.,2002, p.28).

No dia 30 de dezembro de 1976, acontece a primeira reunião do grupo, no estado de Cambridge, nos Estados Unidos, com quatro pessoas, das quais dois homens e duas mulheres. As reuniões dos seus antigos grupos, A.A., através da vivência descrita como “efeito espelho”, isto é, a identificação com as histórias e experiências de outros membros que estão na mesma situação, foram inspiração para novas possibilidades de vivência e sanidade emocional. Considerados antes como párias sociais, fracos e pervertidos, encontram-se, agora, com pessoas que compartilham a mesma incapacidade de vivenciar afeto e sexualidade. Aos companheiros cabe a reformulação de seus valores para um novo começo, possibilitando o reinício de uma nova jornada.

Nasce o D.A.S.A., em 14 de janeiro de 1984, adequando leituras dos A.A, além dos “12 Passos” e das “12 Tradições”. Houve a substituição de termos e adequação de teor na feitura de seu aporte literário, principalmente do “Passo 12”. Nos Alcoólicos⁶ “atividades” denotam ação restritiva. Para o D.A.S.A., por exemplo, a palavra “área” transmite uma noção mais ampla, abarcando nisto toda a vida. A aplicação dos “12 Passos” do A.A. em versão voltada para o D.A.S.A. o favorece a reconstituição dos laços familiares, afetivos e profissionais.

O exercício diário da sobriedade seria o controle da “prática”, descrito por comportamentos dependentes básicos, sendo caracterizado da seguinte maneira: promiscuidade envolvendo vários (as) parceiros (as), atos solitários como masturbação compulsiva, *voyerismo*, exibicionismo, ou a entrega em fantasias amorosas. Diferindo entre dependentes, estes atos são também associados a recaídas, o não praticar é o cunho encontrado através da ajuda e vivência em D.A.S.A.; a submissão de seus membros está ligada aos princípios do desejo de recuperação. O desejo de não praticar é assumido pela submissão e impotência perante a doença, cujo esforço de parar é encontrado na vivência perante o grupo. A iniciação é marcada pela abstinência de comportamentos antigos, o laço de

⁶ Passo 12. Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades (grifo do autor).

solidariedade partilhado, com uma ou mais pessoas que visam o mesmo propósito. As “Tradições”, neste sentido, seriam o guia para fundação e convívio entre seus participantes:

“...Dentro do espírito desta Tradição, uma vez que você tenha encontrado um propósito vivo e real que é o de iniciar a abstinência e de encontrar-se informalmente com pessoas com o mesmo propósito, você realmente tem um grupo do D.A.S.A. formado (desde que, enquanto grupo, nenhuma outra filiação exista). (D.A.S.A., p.125, 2002).

Os princípios objetivam a saúde do grupo, como sua existência, e o propósito de manter a união interna de seus participantes. As Tradições foram também inspiradas pelo A.A., através da consciência de grupo e principalmente de salvaguardar a integridade individual dos seus membros, tendo sido publicadas pela primeira vez por esta Irmandade nos anos de 1930 e 1940. Já no Brasil, havia a necessidade desse material dentro da proposta e vivência de D.A.S.A.. Em 1999, foi adaptado à programação das Tradições da Irmandade Neurótico Anônimos e complementado depois pelo livro dos Alcoólicos Anônimos, ficando pronto no mesmo ano⁷. O desenrolar dos princípios tem em sua base a materialidade religiosa para superação, resumida assim:

“Na verdade, era a nossa experiência inicial como Irmandade, somados os exemplos retirados do histórico do A.A. que continuava a nos convencer de que, um a um, todos aqueles princípios eram necessários. Às vezes, de forma acalorada, discutíamos cada um deles, modificando-os quando necessário para ajustá-los às necessidades de nossa Irmandade (D.A.S.A., p.126, 2002).

Mas a recuperação faz parte do processo de autoconhecimento, a primeira palavra a ser pronunciada é o “eu”, identificando quem fala com a voz amparada. Nas sociedades tradicionais, os limites eram a percepção do outro, o indivíduo negado submetendo-se ao coletivo. Com isso, o convívio relacional não era cindido entre pessoa e corpo, e sim, compreendido em sua totalidade, noção que gravitava, integrando e abraçando tanto o cosmo (espírito) quanto a natureza (corpo) assim como ligando-o ao seio do grupo. Este sentido de coletividade e pertencimento era representado dentro desta vivência. Ao contrário de nossa sociedade ocidental moderna, o corpo é marco, tanto físico quanto geográfico. Indivíduo e individualidade são sitiados pela matéria, tornando-se local de soberania. Separado e isolado, do corpo, o homem se torna um artefato de investimento pessoal.

Moldado pelo contexto social e cultural, o corpo é tecido nas tramas supérfluas da vida cotidiana, rede que interpela e interpreta, em “órgãos de carne” a ser transformado,

⁷ Estas informações foram tiradas do material, “As 12 Tradições”, de distribuição das reuniões de D.A.S.A..

perpetuando sua identidade. Assim, os comportamentos de homens e mulheres são marcas traduzidas em seus corpos. Tais suposições começam a ser questionadas em 1960, com a estratégia de ampliação do campo narrativo para a história das mulheres. O ressurgimento do movimento feminista, que eclodiu nos países ocidentais na década de 1960, partia da primazia de denunciar a desigualdade sofrida por elas. Ao fincar a construção social em bases biológicas, a palavra sexo é carregada por uma essência comum, caracterizada em polos de percepção feminino/masculino nos corpos. Essa distinção biológica associou a hegemonia masculina, ocidental e branca, à instituição patriarcalista, cujo valor permeava as práticas sociais de opressão e submissão, sofrida pelas mulheres, aliando, desta maneira, o campo da “política” e da “visibilidade”, aferido por agentes históricos e universais, ao Homem. A visibilidade proposta pelas feministas naquele momento, no seu campo de pesquisa, era de denunciar o comportamento determinante biológico: homens/ativos e mulheres/passivas. Neste sentido, fomentava e reforçava uma dicotomia tanto sexual quanto comportamental. As “ativistas feministas reivindicavam uma história que estabelecesse heroínas, prova da atuação das mulheres, e também explicações sobre a opressão e inspiração para a ação.” (SCOTT, 1992, p.64).

Ao desmascarar tais preconceitos, as feministas começaram a reagir contra as grandes narrativas históricas, ênfase que dotava a escrita como local político. Agora, a preocupação era a de conscientização da atuação social e a contribuição de lutar pela independência e autonomia de cada um, sendo traduzida pelo *slogan* “o pessoal é político”. O debate ganhava espaço e apoio, principalmente em países que tiveram crescimento econômico no pós-guerra, com as conquistas do espaço público e o aumento da mão de obra e dos “colarinhos brancos”. Fizeram surgir debates em torno da divisão sexual do trabalho, ao se conferir maior valorização e visibilidade a espaços públicos, surgindo com isto a definição de mulher, mãe/reprodutora. A emancipação feminina fez com que as mulheres se aliassem a movimentos nascentes, principalmente nos Estados Unidos, através das conquistas dos Direitos Civis, aliando-se também para o fim do *apartheid* racial e o fim da Guerra do Vietnã, como filiação aos movimentos antiarmas nucleares. A personificação do patriarcalismo, como origem de toda a falência social, percebida pela associação dos chefes das nações e de grandes industriais, representada pelo Homem com “H” maiúsculo e universal, criou uma aversão em torno dos valores pregados por ele. A insatisfação da juventude encontrava eco e apoio nas reivindicações das feministas e tais inquietações favoreceram o surgimento, no final dos anos 60, da categoria mulher. As feministas, ao criarem esta categoria, estariam exercendo suas atividades na história, atuando como agentes históricos, e deflagrando a opressão sofrida por elas ao denunciar o patriarcalismo. Assim, política e movimento, associariam as causas

feministas em seu sexo, a emancipação e luta por direitos equitativos, a mulher passaria a ter uma identidade coletiva, o que resultaria em interesses compartilhados, e teria controle sobre o próprio corpo e desejos. A visibilidade, assim como o controle de suas próprias atividades profissionais e sexuais, fizeram com que um estabelecimento estreitamente associado entre política e atividade intelectual passasse a “ocupar” espaços institucionais, acadêmicos ou científicos, dando ao movimento essa percepção e estabelecendo uma “política de identidade”⁸, cujo inquirido não passaria apenas pelos grandes salões, mas também pelo “buraco da fechadura” (Scott,1992).

O historiador Eric Hobsbawm (1995) identifica este momento através de uma emancipação individual, que permeia a academia e atravessa tanto a família quanto a casa. Essa abordagem é analisada por mudanças da estrutura de relações entre sexos e gerações, nas décadas de 1910 a 1930, quando o homem detinha maior destaque no campo de trabalho, ocupando maiores cargos de responsabilidade, sendo modelo social e guiando as relações tanto sociais quanto familiares. Mas esse quadro sofreu mudanças, principalmente entre as décadas de 1940 e 1950, com o crescimento econômico. A primeira mudança foi o aumento da mão de obra feminina no mercado de trabalho, tendo como principal revolução a entrada de mulheres casadas de classe média. O contingente somado era de 14% da mão de obra nos Estados Unidos na década de 1940, sendo este número duplicado entre 1950 e 1970 (Hobsbawm, 1995). Em um segundo momento coligado, cresceram o aumento do poder de barganha perante os filhos e as decisões no lar, a despeito de receberem menos que os homens. O homem assim, visto como provedor legítimo do seu paraíso tem sua autoridade abalada: formador e fornecedor principal da mão de obra, portanto, da renda familiar, começa a dividir tanto o espaço público quanto o privado. A autoridade e a referência passam cada vez mais a ser partilhada com uma mulher e esposa. Essa conquista já era vivida pelas mulheres de classe baixa, pois o seu ganho não era complemento da renda e sim, em sua grande maioria, o carro-chefe da família. O elemento novo seria uma maior formação universitária que as mulheres de classe média começaram a ter, somada à ascensão no mercado, assim:

A entrada em massa de mulheres casadas – ou seja, em grande parte mães – no mercado de trabalho e a sensacional expansão da educação superior formaram o pano de fundo, pelo menos nos países ocidentais típicos, para o impressionante reflorescimento dos movimentos feministas a partir da década de 1960 (HOBSBAWM, 2001, p.305).

⁸ Expressão cunhada pelo historiador Eric Hobsbawm, em seu livro *A Era dos Extremos* (1995). Aqui a utilizamos para referendar o crescente interesse pela história social, ocorrida nesta década de 1960.

Nos países industrializados, a conscientização da mulher trazia novas maneiras de relacionar-se consigo e com o mundo. Seu campo de percepção, antes limitado ao papel de esposa/mãe, subjetivava a feminilidade em atributos negativos, falta que corroborava uma restrição denominada feminilidade. A ideia de mulher formava assim um sujeito universal, cujas características eram compartilhadas por todas, centrando desta maneira uma identidade coletiva. O crescimento do trabalho assalariado proporcionou o questionamento das desigualdades quanto ao exercício das atividades realizadas pelas mesmas. A fixação de barreiras através do sexo justificava uma desigualdade “natural” entre homens e mulheres, em que as atividades eram permeadas por sua natureza/função. Com isso, o movimento feminista de 1964 implementou leis sobre a discriminação sexual, no direito civil norteamericano, que estabelecia uma nova maneira relacional entre atividade/sexo, sendo a formação tanto acadêmica quanto técnica um mérito alcançado, e o indivíduo responsabilizando-se por suas realizações e conquistas. Este quadro estabeleceria o princípio da igualdade, isto é, o mesmo tratamento e as mesmas oportunidades seriam dados a mulheres e homens (HOBSBAWM, 2001).

Nos Estados Unidos, o feminismo ressurgiu nos anos 60, estimulado em parte pelo movimento dos direitos civis e pelas políticas do governo destinadas a estabelecer o potencial feminino, para ir ao encontro da expansão econômica através da sociedade, incluindo as profissões e a academia (SCOTT, 1992, p.67).

As décadas de 60 e 70 foram momentos efervescentes. É neste interstício que os estudos sobre as mulheres ganharam destaque, despertando o interesse de alguns homens em participar de tais reflexões e discussões sobre a condição feminina. Essa aproximação não era percebida de forma positiva pelas feministas, já que o modelo a ser combatido era o da família patriarcal, em que o “mal” era configurado e encarnado pelo “Homem”. Tal associação criava uma dicotomia, ou seja, as análises daquele período eram relacionadas entre masculino e feminino, orquestrando um roteiro social, no qual uma hierarquia do pensamento ocidental era organizada. O estudo promoveu um esmiuçar sobre tais pensamentos, em que o “Homem com -H- maiúsculo” passa a ser objeto, colocado à mesa, e começa a ser dissecado, revelando um modelo perverso:

(...) os homens foram inseridos como objeto nos estudos segundo este modelo, frequentemente referido como “patriarcal”: racional, ativo no público, na produção da ciência e da cultura, provedor, sexualmente “irresponsável”, poderoso, universalizado na sua dominação, homem com “H” maiúsculo. O outro lado desta moeda é a mulher: emotiva, voltada ao mundo privado da reprodução dos filhos, cuidando das relações de afeto, sexualmente passiva, dependente, obediente, universalizada na sua opressão (GIFFIN, 2005, p. 48).

As confrontações do campo público e doméstico tendiam para o Homem. Em uma sociedade individualizada, monetarizada e competitiva, este modelo vigente é interpelado. É importante lembrar que a contestação desses valores ganhava impulso com a juventude que cresceu na abundância material das décadas de 1950 e 1960, compreendidos pela figura de “jovens de calça jeans” e “rebeldes sem causa”, inquietos e insatisfeitos pelo autoritarismo e rigidez de seus pais, tanto em casa quanto pelos cargos que ocupavam. A juventude tendia a questionar essa masculinidade, mesmo sendo agraciada por um momento econômico favorável, diferente das intempéries vividas pelas gerações passadas. Assim, na década de 1950, a juventude teceu os anos sessenta, com o movimento das feministas de classe média, que fizera eclodir, no movimento de “contracultura”, a desestabilização deste modelo. Ao identificar nesta sociedade o aparato industrial militarizado, assim como crescente individualismo e consumismo, este modelo denunciava a hegemonia masculina branca de classe média. A sociedade heterossexual seria, assim, seu catalisador repressivo;

Um cartaz da Sorbonne proclama: “A revolução que vai colocar em dúvida não só a sociedade capitalista, mas também a sociedade industrial. A sociedade de consumo deve morrer uma morte violenta. A sociedade alienada deve desaparecer da história. Estamos inventando um mundo novo e original. A imaginação tomou o poder.” (FUENTES, 2008, p.38).

Força motriz das instabilidades, a dúvida, gerada sobre o modelo masculino, é encontrada nos cabelos compridos, pulseiras e ornamentos, no deslumbre das roupas coloridas e nas calças justas. O movimento *hippie* priorizou a delicadeza em vez da força, o diálogo como forma de conduta no local da imposição, como observou o psicanalista Sócrates Nolasco (1995). A imaginação e vontade são tecidas confundindo as linhas estabelecidas como barreiras através do sexo, homem/mulher. O feminismo, como referência reflexiva, faz pulsar as inquietações e angústias masculinas, juntamente com movimentos de escolha sexual e discriminação racial, *gays* e negros, ocupando locais, como estratégia de visibilidade política, já que eram os Homens que os ocupavam e os detinham, de forma “natural”. Mas um elemento era comum entre estes grupos: a identificação do “repressor”, o Homem. Contudo, é nos estudos apontados em 1950 que a masculinidade começa a ser colocada em questão, antes mesmo do ressurgimento feminista sobre a ausência dos pais nos lares e o aumento da delinquência dos filhos. Mas é nos estudos *gays*, em pleno vapor, que surge, de fato, a categoria da “hegemonia masculina”:

Nos anos 70, com o movimento feminista e os estudos de mulheres prosseguindo a todo vapor, e com homens do movimento e dos estudos *gays* insistindo que os homens heterossexuais eram todos candidatos à liberação, a hegemonia das ideologias binárias/da dominação masculina se viu sob séria contestação (GIFFIN, 2005, p. 49).

Mas é a partir de 1970 que os historiadores vieram a sofrer uma forte influência em seu campo de pesquisa, ao constatar que determinadas categorias dadas como naturais ou a-históricas, a exemplo do corpo, eram produzidas dentro da experiência diária, utensílio da prática e produção cultural, constituindo-se dessa maneira, em cada época, como móveis e históricas. As obras do filósofo francês Michel Foucault trouxeram movimento à história. Essa movimentação viabilizou a historicidade de categorias antes concebidas como transcendentais e de experiências universais, como o Estado, o próprio corpo, a loucura, postulados que fazem parte de objetos discursivos, sendo eles mesmos práticas e produções culturais. Assim, tais categorias são historicamente fundamentadas, “O Estado, o corpo, a sociedade, o sexo, a alma e a economia não são objetos estáveis, são discursos.” (O’BRIEN, 2001, p.47). É nesse ínterim que a masculinidade passa a ser percebida através de um artefato, sem negar sua dominação social, e assumindo tais responsabilidades, grupos de homens e *gays* começaram a afirmar que as centralizações de tais poderes passavam pelo viés da heterossexualidade. Essa atribuição trazia luz à pesquisa sobre a homossexualidade, mostrando que a ideia de um modelo binário é recente em nossa sociedade ocidental moderna, surgindo no século XVII e XVIII, vertendo para uma incitação constante e crescente sobre a nossa sexualidade. O século XVIII terá no sexo e na sociedade burguesa a ancoragem para nossa identidade: “Entre cada um de nós e nosso sexo, o Ocidente lançou uma incessante demanda de verdade.” (FOUCAULT, 2006, p.87).

Os estudos apontavam para o aparecimento discursivo da sexualidade, no século XVIII, concluindo que prática e gênero tinham surgimentos separados, considerando-se a masculinidade e a feminilidade. A sociedade burguesa nascente trazia para bailar o seu outro, isto é, a homossexualidade. Em sua primeira obra sobre a história da sexualidade, *A vontade de saber*, de 1976, Foucault data o nascimento da homossexualidade, dizendo:

É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada – o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as “sensações sexuais contrárias”, pode servir de data natalícia – menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma.”(FOUCAULT, 2006, p. 50-51).

Com isto, uma identidade sexual seria construída, o sexo anatômico seria o cabide da heterossexualidade e a hegemonia, a dobradiça entre sexo e sexualidade. O sexo é o ponto a pensar a sexualidade, por dispositivos complexos e dotados de inteligência, explicação que seria povoada por regras; a *imanência* atribuirá um domínio de conhecimento, transformando-

se em um possível objeto de saber. *As variações contínuas* teceriam uma teia, uma implicação em si mesmas; A sexualidade infantil, por exemplo, foi problematizada a partir das relações entre o médico e os pais; a relação entre o psiquiatra e a criança irá problematizar a sexualidade adulta. *A tática dos discursos*, à época *Vitoriana*, excitaria o sexo a falar: “Os discursos sobre o sexo não são a mera projeção dos mecanismos de poder. Saber e poder se articulam mutuamente. Por isso, a função tática do discurso não é nem uniforme nem estável.” (CASTRO, 2009, p.400)

Gênero, entendido como categoria relacional, passa a se tornar uma categoria hierárquica de ordem social burguesa. Ao pensar nesses aspectos, será compreendido como uma instância disciplinar de importância do sistema capitalista. Foucault (2006) percebe que a homossexualidade fala no século XIX, buscando sua naturalidade, diferentemente da cultura grega clássica, em que a linha divisória não era a homossexualidade ou a heterossexualidade, mas uma atitude de prazeres. Esses pontos são trabalhados no seu segundo volume da história da sexualidade, *O uso dos prazeres*, de 1984. Uma moral viril seria a fronteira, caracterizando o afeminado por uma preguiça e uma indolência, sendo essa uma experiência da Grécia clássica:

Aí está, sem dúvida, um dos pontos mais notáveis dessa reflexão moral: ela não tenta definir um campo de conduta e um domínio de regras válidas - segundo as modulações necessárias - para os dois sexos; ela é uma elaboração da conduta masculina feita do ponto de vista dos homens e para dar forma à sua conduta. (FOUCAULT, 2006, p.24)

O posicionamento do psicanalista Sócrates Nolasco (1995), neste aspecto, traz a denúncia de uma virilidade opressora, que começa a ser questionada pelos estudos da masculinidade, nos “Grupos de Homens”, formados nos Estados Unidos, na década de 1970, na qual a masculinidade passava a subordinar o homem, definindo-o com “H” maiúsculo e a sujeitar aqueles que eram vistos como opressores. Ao constituir a masculinidade como um campo de pesquisa, alguns homens se aproximaram dos estudos femininos e *gays*, contribuições que descortinaram as sensações antes vistas como atributos sexuais. Emoções e sentimentos começaram a ter um desbotar azul.No destronar da virilidade, o naturalizado passa a ser artefato, construído historicamente. Mas diferentemente dos movimentos feministas, *gays* e negros, os “Grupos de Homens” não tinham a pretensão de tomada de lugares, mas de denunciar uma opressão silenciosa, uma relação de tensão entre homem e Homem, indivíduo e universal, entre ser macho e ser masculino;

Estes movimentos têm características e dinâmicas próprias, seria um equívoco igualá-los, se o que eles buscam é uma diferenciação, pelo menos em tese, dos modelos sociais autoritários. (NOLASCO, 1995, p.20-21)

Neste sentido, é preciso beber em lugares “invisíveis” que articulem com a vida, posicionando os estudos das angústias masculinas através do compasso de cenas do presente e passado, investidas em imagens masculinas. Conforme os estudos do historiador alemão Peter Gay, o *Cultivo do ódio* (1995). Grafia dançante entre planos de uma sociedade burguesa do começo do século XIX, do exercício da agressão nasce o controle exercido sobre a violência, limiar entre a vida e a morte, traçando seus limites e contornos. Os duelos alemães, conhecido como *Mensur*, seriam este exercício praticado por estudantes, choque de mundos que vivem no mesmo marco temporal: de um lado a agonia aristocrática, e de outro a busca da afirmação burguesa. Treino e controle seriam suportes estritos para uma educação violenta, no qual o duelo é seu ponto máximo de contato, cujo o vencedor não é o que sofreu menos contato, e sim o que foi para o embate. A masculinidade em traços agressivos possui racionalidade, o que a transforma em qualidade, resultante de trabalho, aferido no cotidiano: “Os alemães, escreveu ele, tinham se convencido de que o *Mensur* era extremamente útil na construção do caráter.”(GAY, 1995, p.18)

Para alguns historiadores, como Arno J. Mayer (1987), há uma corrente de transição de força, de uma aristocracia para uma burguesia, que ainda gritava entre as épocas, fazendo ouvir dores e angústias que tentavam ainda reviver. A importância desse diálogo é tentar trazer não apenas a constituição dos Estados pré-modernos, mas sim as forças que proporcionaram a domesticidade dos sentimentos, que por via, será a da violência. O aspecto apresentado é o último lampejo aristocrático, da organização social. Seu ponto desastroso e desesperador seria a eclosão da Grande Guerra Mundial, cuja fragilidade estaria em sua constituição social, ao renegarem a si mesmo, a burguesia desejava por igualar os modos nobres. Essa anulação estaria no cerne dos grandes conflitos que eclodem no começo do século XX, no qual “os elementos “pré-modernos” não eram os remanescentes frágeis e decadentes de um passado quase desaparecido, mas a própria essência das sociedades civis e políticas situadas na Europa.”(MAYER, 1987, p. 15)

A fragilidade da sociedade civil, encontrada no início do século XIX, estaria intimamente ligada à dificuldade de se adaptar e de renovar-se a si mesma, diferentemente da nobreza. Desta maneira, as instituições modernas, como as escolas e universidades, os cursos profissionalizantes e o exército demonstram em sua vivência, o crivo da iniciação. Emblema do “sangue novo”, dever de lealdade aos mais velhos e aos seus valores, imposição

verticalizada, na qual aquelas instituições são demarcadas pelos seus ritos de iniciação e de passagem garantem, exclusividade de participar de uma confraria masculina. Os Estados pré-modernos ainda se constituíam como estruturas monopolizadoras de coerção. Para avançar nas profissões liberais, era necessário ser modelado por tais valores cavalheirescos, cooperação forjada que abre espaço na vida pública, com que a burguesia compactuava: “Ademais, os escalões mais altos da burocracia estatal e dos serviços militares continuavam reservados a homens de elevado nascimento e assimilação comprovada.” (MAYER, 1987, p.22)

Com esta configuração social, percebemos um movimento de enobrecimento e aristocratização da burguesia, na forma gradual de seus comportamentos. Ao convergir para a formação institucional dos estados modernos, os burgueses não fizeram com que a competência individual aflorasse, mas sim prevalecendo a ajuda mútua, garantida por rituais de “batismo”, que promoviam interesses particulares. Tal cooptação estabelece uma ascendência em círculos restritos, de modo a negarem a si mesmos como burguesia. O decorrer do final do século XIX e início do século XX, os “*grands bourgeois*” imprimiam modelos de nobreza em seu comportamento. A ascensão era o impulso corrente. A facilidade de aquisição de bens e imóveis, em tais círculos, favorecia a entrada de seus filhos em escolas técnicas superiores. Assumiam assim tais valores, além do esforço de alianças matrimoniais, com investimentos menores em aquisição de títulos e patentes de nobreza:

Ademais, e não menos relevante, ao renegarem a si mesmos a fim de tentar participar como simples membros do antigo *establishment*, os burgueses aristocratizantes debilitaram sua própria formação de classe e consciência de classe, e aceitaram e prolongaram sua posição subordinada na “simbiose ativa entre os dois estratos sociais.” (MAYER, 1985, p.23).

Estes traços simbióticos foram observados por volta de 1900, abrindo caminhos pela carne. Quanto a carreiras estatais, o dramaturgo inglês Jerome K, em sua visita a Alemanha, ao presenciar o *Mensur*, verificou que os objetos nele descritos iriam além das vísceras, expunham as relíquias compartilhadas e sacramentadas pelo sangue, abriam não apenas a carne, mas também um sentimento de solidariedade entre seus participantes, descrito primeiro por uma “curiosidade” e “piedade”, “Mas quanto ao segundo duelo, devo confessar, meus sentimentos mais delicados começaram a desaparecer” (Gay, 1995, p.20), e logo que o terceiro duelo termina, uma sensação de “querer mais” grita. O *Mensur* estaria a escrever seus iniciados, ao compartilhar da mesma sensação de duelar. O rosto seria colocado à prova por jovens burgueses, que teriam na violência infligida a outro seu brasão de honraria. A

satisfação de tais combates era externa. Ao participarem dos desafios que feriam a honra, os estudantes demonstravam que poderiam ser leais e fiéis a sua instituição. Cada universidade era pertencente a um grupo, ou *Cops*, que detinha um ritual próprio. O corpo é talhado a golpes de espadas, ocorrendo em duas áreas: no topo da cabeça ou no lado esquerdo do rosto. As cicatrizes são ostentadas como prêmio. A luta é o espaço inicial do espetáculo: na mesa de cirurgia cabe aos médicos; muitas vezes são estudantes os que pairam sobre a mesa e recebem tratamentos mais rudes e brutais. Cada detalhe não é pormenorizado e ao ser observado pelos companheiros, o ato da sutura deve ser o momento de êxtase. A ferida é o troféu, que deve ser levado pela vida toda, descrita de forma tosca e grosseira;

Mas o ferimento, claro, a acariciada cicatriz, é o que interessa. O objetivo de todo o exercício, afinal de contas, é “sair da universidade com tantas cicatrizes quanto possível”; pois esse desejo garante ao duelista a inveja de seus colegas, a admiração de damas desejáveis, e, ao final, “uma esposa com um dote de pelo menos cinco cifras.” (GAY, 1995, p. 19).

A educação é passada de pai para filho. Ao defender sua honra de cavalheiro, o duelo era o método aceito para resguardar a própria hombridade, tão cuidadosamente guardada e compreendida, e facilmente ofendida. A morte era seu pontofinal, diferentemente do *Mensur*, que consistia em um campo mais restrito do uso da violência, de procedimento militarizado e meticulosamente regulamentado. A elaboração de códigos apontava para uma origem aristocrática, sendo exercitada também por burgueses. Neste rito, as cicatrizes serviam como moeda corrente, distinguiram-se da própria burguesia “educada e afeminada”, que ocupava as salas de negócios e centros de comercialização. Para estes jovens burgueses, o corpo flagelado levava a uma fraternidade, servindo como porta e se abrindo para o campo dos negócios e do trabalho. Promoção social e política selada nas mesas de bares ou na ponta da espada, a camaradagem funcionava através de referenciais, muitas vezes externos, dos quais estavam sempre sendo convocados. Aos pais cabia a recordação daquelas épocas áureas, dividida com os filhos. Apoio era transformado em glória, apontando em si uma contradição desta prática: “a cicatriz, em qualquer outro contexto um sinal de fracasso, tornava-se o passaporte para o sucesso; a agressão estimulava o amor, e o amor, a agressão.” (GAY, 1995, p.38). O respeito e as experiências ganhavam uma cadência entre os laços familiares, possibilitando aos filhos o reconhecimento social. Com a domesticação dos impulsos destrutivos, surge o burguês patriótico: a defesa da honra agora é escrita em suas fronteiras territoriais.

Este adentrar sobre os compêndios históricos da masculinidade, ou das masculinidades, permite a elaboração de pensar o Estado moderno e sua relação com a de

constituição política relacional entre os homens. Ainda assim, tais leituras tiveram um distanciamento com a estrutura interna da sociedade, formando várias correntes do pensamento. Neste viés, temos a preocupação de pensar a masculinidade que “envolve uma divisão de trabalho e o Estado na reconstrução constante das relações de gênero, como parte da re/produção do sistema no qual a dominação de alguns é gerada.” (GIFFIN, 2005, p.50). A moldura corrente entre guerra e masculinidade tem, na sua pintura, a profissionalização militar. Esta constituição é estreitamente ligada pelo processo de pacificação dos Estados-nação, consistindo no monopólio sobre a violência, em que a luta entre famílias e duelos deixa de ser comum; a figura dos comandantes locais passa a inexistir. Configurando em boa parte o avanço da democracia parlamentar que tentava descaracterizar a maneira imediatista do uso da violência, passa a ser central agora seu controle e uso. A soberania dos Estados-nação acompanhou a profissionalização de uma força armada, que tinha apontado para fora suas armas (GIDDENS, 1996).

A guerra passa a ser não mais ostentada pela honra ou rituais aristocráticos. Com a profissionalização das forças armadas, começam a declinar os valores guerreiros. A industrialização passa a vigorar, não apenas na grande produção de armas, mas até na maneira de se vestir: ao invés do colorido das roupas, passando a cores sombrias, sendo a camuflagem o uniforme a ser vestido. A indústria da guerra traz a pacificação interna dos Estados, a população civil ganha corpo, as leis e as instituições começam a ter maior peso de decisão (GIDDENS, 1996). A relação desta decisão, mesmo em Estados pré-modernos, foi masculina. Com a modernidade este poder é suprimido pela “vontade de Estado”, mas não deixa de ser um mando masculino, ou exercido por alguns homens, coadunando, portanto, em uma tríade: Estado, poder militar e masculinidade. Este arranjo faz surgir um novo sentido para a virilidade, a masculinidade é reconhecida por novos arranjos, passando dos atos de heroísmo, em que sua atuação era o campo da honra e aventura, migrando para atos militares, de “servir” sempre e de estar sempre de “prontidão e alerta”, consistindo no “etos” masculino mutável de instrumento e proteção. A masculinidade passou a estar associada a um comprometimento com o trabalho e com a “provisão dos dependentes” (GIDDENS, 1996), assumindo sua posição pública, como soldado.

Para a psicanalista Elisabeth Badinter (1993), a masculinidade sofre perdas ao passar por grandes perturbações, sejam elas crises econômicas ou sociais, tanto na Europa como nos Estados Unidos, na virada do século XIX para o século XX. As fronteiras de diferenciação entre os sexos começam a se movimentar pela decorrência de novas exigências da industrialização e da democracia, provenientes de uma mentalidade nascente, “No espaço de

algumas gerações, 1871-1914, surge um novo tipo de mulher, ameaçando as fronteiras sexuais impostas.” (BADINTER, 1993, p.15). Este melindre é acompanhado pelo crescente aumento das mulheres nas salas de aulas. As profissões, como professoras, médicas, advogadas e jornalistas, fazem com que reivindicações salariais sejam discutidas pela primeira vez. Mas, diferentemente da segunda onda feminista da década de 1960, a família e a maternidade não eram rejeitadas. A angústia masculina passa então a ter outro viés, já que as mulheres saíam a trabalho cada vez mais. A mecânica rotineira e repetitiva e a repartição administrativa da vida cotidiana não serviam mais como refúgio tradicional para a masculinidade, já que esse espaço começa a ser dividido com elas. A Grande Guerra iria interromper esta angústia nascente. Segundo Badinter (1996), o *front* devolvera e reorientara o papel da masculinidade;

Reencontrando seu papel tradicional de guerreiros, esses pobres jovens recrutados partirão para o *front* com uma flor no fuzil, como se regozijassem com a oportunidade que lhes é finalmente dada de serem homens de verdade... (BADINTER, 1996, p.17).

Diferentemente da França, os Estados Unidos têm sua crise situada nas décadas de 1880 e 1890, pelo medo de uma europeização, traduzida em afeminação cultural. A resposta a este medo veio através da domesticação da natureza ocorrida no século XIX, com a expansão territorial, a conquista do Oeste, e a “pacificação” dos povos indígenas, associada com o crescimento urbano. Diferentemente do que ocorreu na França, as mulheres norte-americanas fundaram clubes femininos, declarações acompanharam o direito civil de permanecerem solteiras ou de se casarem. Para os americanos, o medo de uma feminização era corrente; cartilhas escritas alertavam os pais sobre a educação dos filhos, exortando-os a não criá-los com mimos e exaltando a separação entre os sexos. Em 1909, esportes coletivos passam a ter destaque nacional, a caracterizar a educação de meninos, tanto o futebol quanto o beisebol; o campo é o local da supremacia masculina. “Com o mesmo objetivo, adota-se a instituição do escotismo, que tem como objetivos “salvar os meninos da podridão da civilização urbana” e formar crianças másculas, homens viris.” (BADINTER, 1996, p.21)

Mas ao deslocar-se a masculinidade para o campo da afetividade e de suas elucubrações, transpõe-se o rio do senso comum, conferindo-se à parcela deste paraíso um coração pulsante. Alguns homens, que não foram apanhados por essas grandes narrativas, transitam inquietos, aferindo maneiras e modos de apreender o mundo no qual habitam. A História, por sua vez, gravita nas interlocuções do seu tempo. Presente e passado são negociados e o historiador responde sobre seu tempo e, como mestre-aprendiz, é guiado por rastros deixados na soleira do pretérito. O exercício não é apenas trazer à superfície a grafia

de um tempo passado escoado no presente, mas também o de seguir vestígios que passaram despercebidos nos compêndios da historiografia. Com vistas a esta prática, e ao esforço contínuo de reeducar, a historiadora Sandra Pesavento (2004) conclama um “olhar detetive”, para atingir este centro de energia que impulsionava e movia certos homens, em um tempo.

A História Cultural, por meio de suas sensibilidades, impõe desafio na configuração deste passado. Emoções são apreendidas para serem analisadas, legitimando a escrita historiográfica como local de identidade, alteridade difícil de ser numerada, mas real. Organizando e dando sentido ao mundo, as sensibilidades passam a ser redes, jogadas no mundo, produtos de uma confraria de historiadores. Recorrendo a outras maneiras de escrita, os senhores de Clio colocaram a cientificidade a seu serviço, aclamando seu aguilhão à certeza imperiosa. A História Cultural é como uma senhora a dançar entre nós, livre de postulados, mas rigorosa em seus métodos, inquieta ao perguntar sobre tais artefatos jogados ao mundo:

Sua pergunta está respondida, meu amigo: o que é científico?

Resposta: é aquilo que caiu nas redes reconhecidas pela confraria dos cientistas. Cientistas são aqueles que pescam no grande rio...

Mas há também os céus e as matas que se enchem de cantos de sabiás...Lá as redes dos cientistas ficam sempre vazias. (ALVES, 2005, p.86)

É preciso aguçar os sentidos desta confraria, o trilhar de Reinhart Koselleck (2006) demonstra o povoar do mundo através de restos amputados, cortados, muitas vezes não inteiros e incompletos, que podem nos chegar às vezes alterados. Ao nos tocar por identificação, esta humanidade escondida em destroços, alma inquieta, é o fermento do ceifeiro de Clio, provocando reações que nos povoam. E esta interpretação do tempo natural passa a ser suprimida no reduto das experiências históricas. A instabilidade nos convida a adentrar em seus recônditos, que era a vida privada, do vivido e do não vivido, neste pacto aferido por essa confraria. E pensar neste prisma é responder no presente às fronteiras pensadas sobre o passado e o futuro, e colocar as sensibilidades como produto de um pensar histórico:

Pensar nas sensibilidades, no caso, é não apenas mergulhar no estudo do indivíduo e da subjetividade, das trajetórias de vida, enfim. É também lidar com a vida privada e com todas as suas nuances e formas de exteriorizar – ou esconder – os sentimentos. (PESAVENTO, 2005, pgs.58-59)

Esse vasculhar o armário, ou a ação erosiva do passado, está no exercício da produção historiográfica, negada e considerada como insignificante. Pequenas invisibilidades

passam a ter nesse território sua bandeira fincada. Amor, solidão, ódio, sexo e paixão não são estanques e, sim, referências comportamentais, “buracos na rede” tecidos para pescar “homens” e “mulheres”. As propostas do tecer hoje tem no acontecer o seu objeto. As compreensões masculinas “ainda hoje estão calcadas na construção *cartesiana*” (NOLASCO, 1993, p.33). A virilidade é inserida em um contexto filosófico moderno, ratificando uma divisão binária, homem/mulher, em um contexto em que a própria História é percebida como repressora, já que é neste momento que as “identidades” são revisitadas, no confronto de sua produção por diferença, funcionando não como dados naturais ou de criação divina, mas criadas por interesses e forças sociais e culturais. Nesse deslocar percebe-se a força exercida pela “metrópole”, aferida pelo conhecimento da negação ou falta, uma posição de poder e hierarquia sobre a “colônia”. Ocorrendo uma intervenção nos processos de normalidade, a perspectiva feminista deu luz aos estudos da subjetividade, trazendo em si os estudos, não do Homem e, sim, de alguns homens, formando novas fronteiras de significados para as identidades masculinas. Neste intervalo, a produção de saberes é deslocada; a colônia, além de fascinar, tem suas inquietações, problematizando os saberes da metrópole: “Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição.”(BHABHA, 2007, p.21). Mesmo renovando sua atuação masculina, ainda prevalece a ideia central de uma experiência universal. A imagem de homens como repressores e mulheres como oprimidas favorece a descrição de uma guerra dos homens contra as mulheres.

Essa batalha diária que desloca amor e sexo para o campo da patologia, palavras desprovidas de arsenal histórico, em contato com as biografias individuais, passa a constituir um artefato. Neste ponto o sexo é encontrado na natureza, invariável, responsável pela vida e por sua manutenção, mas nossa sociedade acumulou saber e investimento sobre o mesmo. Neste arsenal, é assinalado como força primitiva, elegia condutora do amor que ostenta em seu brasão nobre, e quando escrita no corpo, remete aos instintos, à força primária da natureza, e o outro é canonizado, sendo apenas encontrado no reino humano. Uma dicotomia entre sexo e amor tornaria simples o trabalho a ser posto, elegendo o primeiro à ordem instintiva, e o segundo estaria direcionado à cultura. Arbitrariedade irônica, herança cartesiana, confere reinos a serem ocupados, hierarquizando e deslocando o homem e suas sensações para uma deidade responsável por uma “divisão grosseira”, tornando sistemas explicativos ora “reprimidos”, ora “liberados”, em movimento constante, gradual e linear, proposição assinalada por causa e efeito.

Ao sinalizar sobre tal divisão, o historiador Roy Porter (1995) nos adverte sobre essa tomada de atitude, de explicações direcionadas em finalidades de locais, “biológicos” e

“culturais”, ao ligar instintos e desejos com maestria do corpo, não levando em consideração percepções de movimentos, gestos e posturas, deixados em rastros a serem guiados pelas expressões morais e éticas, cruzamento construído em uma teia imersa no cotidiano, “Evidentemente devemos enxergar o corpo como ele tem sido vivenciado e expresso no interior de sistemas culturais particulares, tanto privados quanto públicos, por eles mesmos alterados através dos tempos.” (PORTER, 1995, p.295). A possibilidade de estudar a vida e seus meandros não ficaria restrita somente aos arquivos e à produção historiográfica. Contemplação adquirida com novas categorias surge na historiografia. A crise dos assim chamados “paradigmas” emerge, levantando novos desafios, assombrando a história e reivindicando o cotidiano como matéria primária da construção de seu castelo.

Levantando as muralhas deste castelo do cotidiano, a História perde o fio de legitimidade a ela atribuído, como morada do passado, e encontra seu dogmatismo positivista formulado por “Victor Duruy”⁹, conferindo estatuto científico em seu rol da academia. Trabalhar com o que já fora abolido, ranço escoado para a ordem dos acontecimentos, impregnando de paixão e parcialidade, a operação historiográfica proclama a objetividade de seus domínios, mas afasta o “calor do cotidiano”, o medo de envolver-se com impulsos promovidos por enquetes de interesses pessoais, na busca do distanciamento temporal. Esta percepção localizada, dada à escrita e trabalhada no tempo de cada autor no compromisso por cada feitura, garante a inteligibilidade, atribuída e conquistada, que o meeiro de Clio proclama para si. A objetividade é o pacto aferido em seu compromisso, contido em cada recorte, em cada escolha, o qual estabelece doses diárias de subjetividade. Estranhamento e fascínio constituem partilha observada, não distanciando o historiador de seu objeto. Sua cátedra por excelência é o pretérito. Não há uma verticalização entre fontes, e sim, uma outra prática, que Heródoto já utilizava na figura do “histor”, relatando os feitos e atos, afastando e retardando a morte dos homens, “...o relato histórico ouvido faz acreditar que o olho que escreve, o que induz a conferir primazia à percepção, à oralidade sobre a escritura, que é secundária.”(DOSSE, 2003,p.16).

Segundo o historiador da modernidade, essa inferência transformadora do outro é matéria-prima de investigação. Para conferir em relatos seu discurso, a primeira preocupação consiste em desdobrar um nascer de “si”, que não reside no “eu”. Ao dotar o documento em outro, a escrita histórica perpassa esse espaço de tempo, identificando sua alteridade pretérita, na escrita do presente. Experiência de historicidade faz surgir o desapego e a redescoberta,

⁹ V. Duruy (1811-1894), historiador e ministro da Educação Pública de 1863 a 1869 sob o governo de Napoleão III.

comunhão para com o outro, posicionando-o no campo legítimo da política, “-Como podia o sexo ser tão bom, fazer-nos sentir tão bem e unir-nos tanto, se não existia realmente nada entre nós?” (NORWOOD, 2009, p.41). Questões compartilhadas retornam ao passado, lembranças capturadas no presente, sem hora de aviso, acometem em forma de interrogação, formando fios, sem começo, incompletos, mas desejosos de um término, encontrado através do exercício da escrita.

De seu *atelier* etnológico, o historiador há décadas vem desenvolvendo junto aos cientistas sociais a percepção de “novos sujeitos”, deslocados para os estudos da “anormalidade”, buscando estratégias excepcionais, contidas em frascos do cotidiano. Esses processos de subjetivação se contrapõem à “normalidade” (as bruxas, o louco, o monstro e o anormal), produtos que refutam o poder material e simbólico. Mas ao perceber a criação de subjetivação como processo de produção, foram traçadas linhas divisórias, contidas no cotidiano. Os assim chamados sujeitos “normais” foram solicitados a responder em seu esteio de convivência. O historiador Michel de Certeau (2002) apontara sua tesoura no recorte deste pano, sobre os trabalhadores que agiam em proveito próprio dentro das fábricas, ao usarem ferramentas dentro de casa, oportunidade que foge tanto da política quanto da ideologia, mas se insere dentro do campo cultural, ao que chamou de “tretas do fraco”. Tal recorte agora é costurado por linhas múltiplas. A cada bordado irregular despontam identidades antes escondidas nas regularidades de movimentos que privilegiavam grandes uniformidades.

Medidas e procedimentos possibilitaram o surgimento de “novos sujeitos”, em um “novo” passado. A necessidade virtuosa das experiências, contidas por excelência na vida que as modifica, deságua em práticas mais independentes do que pensaram as teorias ideológicas da hegemonia das categorias universais que solaparam os sujeitos, desprovendo-os de estratégias de conservação e de rebeldia, conceitos caros para o entendimento das identidades. Ao surgirem novos objetos de investigação historiográfica, a ideologia como aparato de investigação é deslocada para as inquietações do real; fonte inesgotável do presente é inquirida para o pensável, mas, na formação de seu bojo, homens e mulheres deixam a opacidade. Reluzente fronteira do pensável, através de suas “tretas” do cotidiano. Inconstância que deleita no hoje a busca de soluções viáveis para suas vidas, iluminação seguida de perto por De Certeau (1982) atinge a definição daquilo que lhe dá sentido, superando os métodos e suas práticas.

Sendo a vida o foco, a história é o postulado, não por ser escrita por homens e mulheres, mas por tratar das relações humanas com este mundo. O inteligível é submerso, atraca na praia, localiza o ser perante a maestria e a experiência, elegia dotada de saber e

conhecimento, portando sabedoria, que combate as peripécias do presentismo reinante, ao reduzir a história em lócus de conflitos anteriores. Acordo conflituoso a ser apaziguado pelas mãos autoritárias do historiador, ordenando e selecionando, escultor de páginas, “Assim, fundada sobre o corte entre um passado, que é seu objeto e um presente, que é seu lugar de sua prática, a história não para de encontrar o presente no seu objeto e o passado, nas suas práticas.” (DE CERTEAU, 1982, p.41)

Essa autoridade audaciosa ganha dimensões ao investigar o invisível e, com sua mão, faz pulsar resquícios e restos, trazendo a vida. Assim, o objeto do amor passa a encontrar na sociedade suas atenuações. Efeito ontológico perpassa os ritos sociais. Sua invenção é de detetive, pois o historiador não fabrica suas evidências, ele as persegue e investiga, com o auxílio de ferramentas emprestadas de outras disciplinas, percebendo o movimento em sua volta. Dejetos afloram por meio de telegramas, dedicatórias e cartões, que passam a ser traduzidos em pistas, amparando as investigações. Essas “tretas”, tão articuladas e ensaiadas, fazem parte da sedução, flerte entre segurança e risco, perdurando sobre cada pelo do corpo, visando um mundo de sensações e transpirações. Nessa guinada o amor será matéria apreendida, confiscada por lápis, servindo de objeto da historiografia. Capturada em seu contorno é possível debruçar, traçando e codificando feições humanas. O aparato sentimental ganha notoriedade através destas ações. Assim, o amor é retirado da natureza, expresso e traduzido a cada nascimento. A finitude se desfaz, ganhando ancoragem através de laços compartilhados. O passado, através da expectativa futura, ganha outras dimensões, sendo povoado por suspiro e o encontro que desliza a materialidade do tempo, afinal acontece.

O amor, sendo um compêndio da humanidade, diferentemente do sexo, traz por meio de artefato sua carga humana. Sendo sua prerrogativa de reino habitado e compartilhado, ensaios são tecidos, dia e noite. O futuro, onde se finca sua bandeira, é o castelo que realiza na imaginação, uma vez que a potencialidade humana encontra seu espaço nessa palavra. Limite através da linguagem, empecilho que não consegue traduzir a vida em códigos, difere do sentimento que evoca. Essa limitação tem, em seu entendimento, o tempo humano. Quando aclamada e bordada, ponta a ponta, num faz de conta do começo ao fim, sua precisão não tem data e hora, e sim, detalhes que a preenchem, quando é vivenciada novamente, em cada acontecimento compartilhado.

Com tais linhas, o presente é reivindicado como mestre tecelão do sensível, vivência e expectativa, recorrente a cada encontro. O tempo da espera e da realização é lançado no enredo da vida, como cacos invisíveis nos marcos cronológicos. E refutam os pés entrelaçados, as mãos e risadas que fogem do calendário e da rotina colorida, realçando

quando é convocada. A “temporalização” configura este presente, seu deslocamento no tempo histórico, futuro e passado, deixando de ter sentido antagônico, mas sim relacional ao presente. Construindo e reelaborando seu significado de vivência, por meio de expectativa, as relações são apreendidas por serem organizadoras do mundo, em que posicionamento e ordenamento sócio-cultural são elaborados entre mulheres e homens.

A “temporalização” do tempo presente é encontrada na obra de Koselleck (2006): não desvalorizar as manchas deixadas no tempo natural e, sim, penetrar nas camadas profundas deixadas em forma de materialidade. Essas sucessões de tempo nos colocam perante o ofício de historiador, possibilitando a sua localização. O recorte histórico favorece o encontro entre as várias camadas históricas. O conhecimento histórico debruça sobre o presente, diferenciação entre passado e futuro, campo de experiência e horizonte de espera, sendo reenviado nesse pacto da escrita. Permitindo o desbotamento das sensações e investigação, o objeto provido de trivialidade conota as sensibilidades como força organizacional. O sentimento passa a ser parte das “negociatas” humanas, antes atribuídas aos locais comuns de averiguação institucional. O sentir é verticalizado como local de fala, e uma inocência intransigente chega a ter cores primárias. Esta inocência responde às estratégias e momentos nos quais são construídos postulados rígidos, isto é, a estabilidade das feições e sentimentos humanos. A definição de amor romântico para o psicanalista Nathaniel Branden (2002), em sua introdução é, “uma ligação espiritual-emocional-sexual apaixonada entre um homem e uma mulher, que reflete uma grande estima pelo valor pessoal de cada um”. (BRANDEN, 2002, p. 19)

E essa ligação está direcionada, segundo o autor, a uma intensidade de entrega, reciprocidade vivenciada pelo casal, compartilhando planos e projetos, em que a comunicação deve ser potencializada; a este respeito, o amor passa a ser confessional. A estima e valorização do outro fazem luzir o cotidiano, “Mas o amor é mais do que uma emoção, é um julgamento ou uma avaliação, e é uma tendência à ação.”(BRANDEN, p.72, 2002). Assim, todas as emoções e sentimentos estão ligados no campo das ações, parte exclusiva de nossa história pessoal, e suas raízes descansam neste campo íntimo isto é, intitulado “eu”. Este quadro insere-se na obra desse autor, que emprega conceitos-chaves do amor romântico, “autoestima”, “autonomia”, “autodescoberta recíproca” e “comunicação das emoções”, pontos emblemáticos de uma “reflexividade do eu”. Uma vez que gira em torno de expectativa singular e da realização afetiva, proporciona conforto, mas quando confrontado pelas vivências amorosas de alguns Dependentes de Amor e Sexo, percebe-se que as mãos de algodão escondem alfinetes ao acariciar o objeto amado.

Mas sobre as relações amorosas o véu de uma experiência quase transcendental é atingido, o amor romântico proporciona a troca “espiritual-emocional-sexual”, assim Branden (2002) caracteriza esta experiência vivida por homens e mulheres. E neste exercício de ascender o relacionamento a tal vivência, tem-se uma subjetivação afetiva. Compreendemos aqui o conceito de subjetividade, na luz do psicanalista Félix Guattari (2008), como objeto a ser fabricado e adquirido, não como uma expressão de individualidade e, como o processo de uma maquinaria a produzir. Esse processo de subjetivação afetiva modela e remodela a concepção e idealização do amor, importando não a vivência, mas formando comportamentos, como parte de uma descoberta pessoal: “...o que interessa à subjetividade capitalística não é o processo de singularização, mas justamente esse resultado do processo: sua circularização a modos de identificação dessa subjetividade dominante.” (GUATTARI, 2008, p.80).

Nessa estreiteza pigmentar, encontram-se cristalizadas as nuances do romantismo. Pincéis e texturas habitam o coração, corolário que cobre a carne, numa referência lúdica ao amor romântico do século XVIII. Desenha quadros, não mais individuais, mas compartilhados; as narrativas encontram-se entrelaçadas em traços de flexibilidade, um “amor passion”: “Nas ligações de amor romântico, o elemento do amor sublime tende a predominar sobre aquele do ardor sexual.” (GIDDENS, 1993, p.51). Percepções raras acompanham o desenvolvimento de novas qualidades para abarcar “alguém especial”. A inerência de caráter e personalidade são vocativos e atrativos para uma relação, potencializam tais cores, a liberdade é associada com a autorrealização, e o amor romântico tem seu enredo descrito nas paredes do cotidiano.

Assim o amor é deslocado para o seu objeto, que é possuído e conquistado, e não para a sua feitura, a realização de uma autodescoberta. Emaranhados de conquistas, em que homens e mulheres são levados a escolher qualidades mercadológicas, como destaques seguidos de perda e ganho, fazem com que a cotação avaliativa passe por centralização de ensejos pessoais. Para o psicanalista Erich Fromm (1986), o casamento era contraído não por sua faculdade, mas sim por convenção. Neste esteio, Giddens (1993) também compactua com as mudanças ocorridas no campo relacional afetivo, provido no nascer do amor romântico, que traz a marca central das inerências individuais, isto é, as qualidades, que são vistas por meios naturais. Conduta e caráter são condições cristalizadas no sujeito, sua visibilidade passa a ser ingresso de uma vida a dois. “Esse novo conceito de liberdade no amor deve ter acentuado grandemente a importância do objeto em contraste com a importância da função.” (FROMM, 1986, p. 21)

Sendo as aspirações das mulheres as mais atingidas, o amor romântico as colocou no “seu lugar” - o lar, domínio feminino, vocação da vida dupla que gira de forma helicoidal sobre a mulher, esposa/mãe. A primeira (esposa) lança-se sobre as qualidades intrínsecas, em relação ao caráter e personalidade que descreveriam um comportamento universal. Essa disposição para amar pinta a soleira com delicadeza e encontra respaldo, tanto no senso comum como nas ciências, associando as ligações com afetivas com a fidelidade, a lealdade e a dedicação ao espaço relacional feminino. Enquanto o primeiro é vocação (esposa), o ser procriador rompe com saberes, a carne passa a ser órgão; a representação do corpo feminino passa agora pelas suas entranhas. A medicina humoral¹⁰, vinda do mundo grego, concebia a diferenciação entre homens e mulheres através da disposição e hierarquia das genitálias, a mulher possuiria um pênis invertido e seria também possuidora de um vaso interno que receberia as sementes masculinas para a fecundação. A esta recepção caberia o prazer proporcionado pelo homem no ato da fecundação; o orgasmo e a procriação tinham sua importância para a nova vida. O prazer tinha com isto uma funcionalidade: a procriação.

Um interrogatório repousa sobre a constituição estrutural do corpo feminino (CORBIN, 2008), que no século XIX será desembarcado pela “nova” biologia. Movendo a carne, o olhar irá escrever no invisível, denominando e apreendendo. Uma investigação recobrirá imagens. Antes dada por uma ordem cósmica, a concepção era tirada por figuras elementares de oposição natural. O homem concebido por ser quente e seco deveria preparar a mulher lentamente, aquecendo-a e acariciando-a, já que era ela a sua outra parte, fria e úmida. As relações sexuais tinham sua importância neste sentido, primeiro ao melhorar a circulação humoral, a saúde, a doença, e também pela procriação. Às mulheres, as carícias, tanto em conjunto quanto solitárias, eram permitidas, o prazer como sua prática diária. Mas há uma censura agora: o saber é centrado e declarado pela diferenciação, e não mais pela similaridade. Ao constituir o novo campo de saber, a biologia enreda textos nas disposições naturais, essências que solapam as experiências subjetivas do sujeito, restringindo-o a um conglomerado de organismo: “...ovários, desde então, definem a essência da feminilidade e o orgasmo da mulher revela-se inútil para a procriação.” (CORBIN, 2008, p.188).

A cada órgão acompanha uma nova percepção do corpo em objeto, maleável e alterado por um discurso que o insere em saberes. A maternidade inscrita na alma passa a ser leitura orgânica, signo de representação. As sensações femininas são estranguladas pela carne, os discursos médicos problematizam a mulher, interrogando-a e a reduzindo a cárcere

¹⁰ Fenômeno que subordinava a saúde e a doença à ação de quatro humores: o sangue, a bílis, a fleuma e a atrabílis. Doutrina criada pelo médico e filósofo grego Cláudio Galeno (131-200)

orgânico, “...analisando-a de maneira cada vez mais fina e mais aprofundada” (FAURE, 2008, p.21). Nesse cárcere orgânico repousa a preocupação da legitimidade conjugal, normas e regras entram na intimidade do casal, os olhos e ouvidos serão esmigalhados por ditames (FOUCAULT, 2006). A felicidade e a paz serão revigoradas com receitas médicas, pulverização discursiva, ampliação do saber, controle exercido como maestro em uma sinfonia, que ao toque de sua “varinha”, faz ressoar a harmonia desejada. Este toque magistral encadeia as sutilezas, a métrica de toques e abraços perante o pertencer, o sexo explodindo por todo o corpo, pondo denúncia do visível: vagina e pênis. A desarmonia será entrelaçada, “...imenso aparelho para produzir a verdade...” (p.64). O lar é reduto de estabilidade da vida cotidiana.

O lar, este ambiente de produção discursiva que nos embala, a representação do doméstico, vem revestido de veludo, maciez que acaricia e afaga a pele, sensações de silêncio denunciante no qual repousam imagens de família. Essa ternura vem a mascarar a arbitrariedade sexual, poder ínfimo no qual o sexo exerce sua potencialidade ao denunciar a sua margem, um brinde aos pequenos gestos, ironia à parte, essa tônica que configura o cotidiano e que marcha deslizante, renegociação estratégica de espaço escrita na entrada da soleira, em letras talhadas na madeira, apontando que ali é “um doce lar”, afirmação de liberdade. Mas a pergunta deve ser dirigida a quê? A serviço de quem? Agentes invisíveis movimentam-se a serviço da pureza e da sanidade pública, afinal “...é o corpo da sociedade que se torna, no decorrer do século XIX, o novo princípio.” (FOUCAULT, 2001, p.145).

É preciso retornar ao século XVIII, usando a leitura da historiadora Lynn Hunt (2009) como aporte para compreender os discursos filosóficos e políticos que proliferaram naquele período de revolução, o século das Luzes, condição natural construída pela biologia, determinando a feminilidade como sinônimo de maternidade. A tarefa enobrecedora da mãe na nova sociedade é acarretada pela quebra na desordem dos espaços público e privado;

(...) as fronteiras entre a vida pública e a vida privada mostraram uma grande flutuação. A coisa pública, o espírito público invadiram os domínios habitualmente privados da vida. Não resta dúvida de que o desenvolvimento do espaço público e a politização da vida cotidiana foram definitivamente responsáveis pela redefinição mais clara do espaço privado no início do século XIX. O domínio da vida pública, principalmente entre 1789 e 1794, ampliou-se de maneira constante, preparando o movimento romântico do fechamento do indivíduo sobre si mesmo e da dedicação à família, num espaço doméstico determinado com maior precisão (HUNT, 2009, p.18).

Esse desdobramento, que consiste no alargamento da vida pública sobre a vida privada, era acompanhado pelo pavor dos homens de que as mulheres conseguissem sua

emancipação política, um “empenho” para legislar sobre as aparências, enquanto a política invade cada vez mais a privacidade, regulando a maneira de emergir e aparecer no mundo. O elo cada vez mais enfraquecido com o aparecer no mundo dita a moda, como no decreto de 1793, defendendo a liberdade de se vestir. Tal decreto, que aparece de forma simplista aos olhos, atinge diretamente as associações femininas, “cujas participantes usavam toucado vermelho e forçavam as outras mulheres a imitá-las.” (HUNT, 2009, p.22). As ordens vigentes de participação das decisões políticas colocavam em risco a ordem do sexo, já que os grilhões religiosos foram retirados. Mas como já fora dito, o amor romântico é instituído no século XVIII. Para Giddens (1996), a diferenciação nos papéis de gênero tem um compromisso ativo e radical com o “machismo”.

Entretanto Giddens defende que o patriarcalismo tem uma formação milenar, mas sua derrocada e seu questionamento são bastante recentes. Para o sociólogo Manuel Castells (2002), as estruturas do patriarcalismo encontram-se nas formações das sociedades contemporâneas, tendo como definição uma autoridade imposta pelo homem, no âmbito institucional, a família, sobre os seus membros, as mulheres e filhos permeando toda a organização social, de consumo e política. Os relacionamentos interpessoais, permeando também a formação de personalidade, “também são marcados pela dominação e *violência* que têm sua origem na cultura e instituições do patriarcalismo.” (CASTELLS, 2002, p.169). A notoriedade que Giddens (1996) observa é que o patriarcado, como outro sistema de poder, nunca se manteve por meio da violência, e sim, nos valores associados à diferenciação sexual entre as esferas públicas e privadas. Esta legitimidade criava uma separação entre mulheres virtuosas e decaídas. A estas últimas eram associada às prostitutas e concubinas, que ficavam fora da vida familiar normal, sujeitando-se, assim aos valores morais e valores sociais.

O patriarcalismo era mantido desta maneira tanto pelas mulheres quanto pelos homens: “...as mulheres decretavam suas próprias sanções contra os transgressores. Contudo, no que diz respeito ao controle dos meios de violência, isso ficava a cargo dos homens.” (GIDDENS, p.269, 1996.). A violência no patriarcalismo teria o poder sancionador. Giddens (1996) apropria da observação de Kate Millett (1970), para firmar que a associação de patriarcado com força ainda não é de uso corrente, demonstrando-se de forma “perfeita” em sua forma de socialização, de vez em quando usando-se a violência. Que Giddens acrescenta ao pensamento de Millet (1970) é que o uso da violência era uma forma de os homens policiarem sua família e não apenas suas mulheres. Mesmo na Europa pré-moderna, como em outras sociedades, havia mulheres escravas que foram sucumbidas pela violência masculina. Em outras demonstrações relacionais, como o amor e o respeito, apareciam maneiras mais

sutis de dominação do que o uso simples da força. Se antes o valor familiar, como a honra e integridade, deveria ser defendido a qualquer preço, agora com a ascensão do amor romântico, o patriarcalismo começa a depender de outros valores, centrando força na figura da “família normal”.

Colocando-se a questão de forma sucinta, a legitimação do patriarcado passou a depender de uma reiteração do cisma entre a mulher virtuosa e a prostituta – estando a segunda sujeita às sanções do Estado e a primeira, protegida por estruturas morais e legais específicas da “família normal.” (GIDDENS,1996, p.270).

A revolução teria outros bordados e recortes, um século policromático, o Século das Luzes, que a autora Badinter (1993) destacaria como sendo o “período mais feminista”(BADINTER, 1993, p.14), momento imbricado por alguns membros da aristocracia, que direcionava suas forças e liberdade sexual. Mas o “amor paixão” era associado à devoção, relicário encontrado através do ser amado, uma fusão específica da Europa, entre moral religiosa e intimidade. Esta concepção não afastava o desejo do gozo a ser percorrido de forma variada. A degustação da carne não precisava mais de garfo e faca, e sim das mãos, dos olhos e olfato. O desuso peniano era o refinamento de uma educação compartilhada por alguns homens, em que a virilidade começa a ser pigmentada por maneiras e modos, adereços antes vigentes no universo feminino, que começam a ser utilizados por homens, “...perucas longas, plumas extravagantes, roupas com abas, pintas no rosto, perfumes, rugas,...”(p.13). Esses novos homens, preciosos, são iniciados por mulheres. A inversão de posturas sociais, que possibilitam questionar a “sociedade falocrática”, tem nas mulheres, conhecidas como “as preciosas”, a primeira crise da masculinidade; valores como a guerra ou a caça começam a perder seu interesse, “Os jovens fidalgos passam mais tempo no salão ou na alcova das mulheres do que exercitando-se nos quartéis.”(BADINTER, 1993, p.14). A delicadeza é a palavra de ordem, decoração ostentada pela alta nobreza e a alta burguesia.

Mas ao recolher das luzes, a natureza é ofuscada, e antes da transcendência de conhecer as coisas, o mundo passa a ser explicado através da diferença instalada. Com isso as características de personalidade passam a ter um entendimento universal. A mulher e sua condição preconizada pela fragilidade, pelo afeto e carinho são apartadas no ovário; tanto as leis biológicas quanto as civis pronunciaram tal diformismo, segundo Foucault (2006). O dispositivo de sexualidade, objeto científico e administrativo, forneceu elementos chaves para a compreensão da saúde, da patologia e da identidade. A sexualidade entra nas entranhas, desenha e modula corpos ou os rasura; o comportamento médico; é de mascarar o sexo, o inapropriado, o velado e o resguardado ganham dimensões diferenciais, identitárias.

Na Inglaterra do século XIX, a vida política caía no encanto do lar, que por sua vez mediava a relação de sua alteza com seus súditos, reflexo do doméstico no público, “virtude doméstica” (HALL, 2009). A medida de um bom rei estava reservada ao mais ínfimo de sua relação familiar, novos toques e perspectiva acompanhavam a opinião pública. O caso em vigor era a vida aristocrática do rei Jorge IV com a rainha Carolina de Brunswick, “casamento “arranjado”, sem paixão” (p.47), que acaba em separação. A vida aristocrática criava um risco para a estabilidade do termômetro de um país. O lar torna-se mediador de civilidade. A opinião pública sai a favor de Carolina, mesmo não sendo coroada. O rei sofre o peso da opinião pública, configurando o fato de que “...um verdadeiro rei significava ser também um verdadeiro esposo e um verdadeiro pai.” (p.48).

O lar começa a confeccionar a vida pública. O medo, acarretado pela Revolução Francesa, faz com que a rua seja local de perdição e restrição das sensibilidades tocantes, as linhas que cruzam o cotidiano têm que ser grossas e firmes, pois a estrutura masculina é capaz de suportar tal convívio, e o lar transforma-se em local de descanso. A burguesia começa a recortar a vida, ao criticar o “modelo aristocrático dúplice”, o amor paixão, lascivo, instinto orbitante masculino, que penalizava as mulheres. Salvo alguns autores que defendiam a liberdade aristocrática para os assuntos da carne, experiência de prazeres e por que não de orgasmo, como Giddens (1993), Badinter (1993) e Branden (2002), argumentos partem de alguns burgueses evangélicos ingleses, desejosos de restituir os papéis autênticos dos homens e mulheres, receosos de uma influência das preciosas. Era também críticos de uma sociedade que julgava de forma ambígua e excessiva a liberdade masculina e a restrição feminina. Atribuía-se desta forma importância à vida cotidiana. A renovação dos comportamentos tinha como objetivo a vivência em Cristo, “Esse esforço supunha a máxima meticulosidade na vida cotidiana, nas relações com a família e os amigos,...” (HALL, 2009, p.50).

A fé, atividade subjetiva, coloca o sujeito no mundo, questiona seu posicionamento e conduta, através de rituais diários, norteadores e protetores dos laços sociais e comunitários, em que “cada membro do lar podia desempenhar o papel de guardião e guia dos outros e discutir as condições da perda da graça, além de juntos encontrarem conforto no poder divino de tudo compreender e perdoar.” (HALL, 2009, p.51). Mas neste processo de “formalidade” com a vida pública, como “questão de obrigação formal”, que o psicanalista Richard Sennett (1988) aponta como processo do declínio do império romano, a “energia emocional” passa a ser um novo compromisso pessoal: “O Cristianismo deixa então de ser um compromisso espiritual em segredo para irromper no mundo, transformando-se, ele próprio, em novo princípio de ordem pública.” (SENNETT, 1988, p.15). Esse mergulho na essência oriunda

permitia a experiência da vida, flexibilidade íntima. O mundo assim era dividido entre o pecaminoso, o lado de fora, e a salvação, o interior.

Esta separação colocava o homem em “maiores dificuldades”, já que o permissivo, o diabólico, era encontrado do lado de fora de casa, então, os muros passam a ser fortalezas e refúgio para as mazelas do mundo. O declínio do patriarcado é recente, como foi apontado por Castells (2002) e Giddens (1993); a masculinidade perpetuou o patriarcado através da aparência da imutabilidade dos papéis conferidos ao mundo. Essa compreensão da família patriarcal permite debater sobre as primeiras conquistas da “outra metade do paraíso”, que Giddens (1993) identificou como sendo um prelúdio das negociações afetivo-emocionais, acarretadas pelo amor romântico, e pelos valores éticos e morais que começam a intercambiar as medida exata para um “bom” homem, ou seja, um “bom” pai /marido, exemplo de conduta que reflete a sua família. Para a outra parcela do “paraíso”, a “limitação rigorosa da dimensão da família” (GIDDENS,1993, p.10) e o ato de conhecer e controlar seu corpo proporcionaram novos olhares e percepções de prazeres a serem rastreados e perseguidos pelo uso comum de espelhos, por volta de 1800; “psyché”, reflexo da morada do prazer, mulher e mãe, desejo de penetrar e fundir, confundia-se com a imagem sacra e querida do lar.

Nessa nova armada de valores, que Foucault (2006) caracterizará como normatização dos dispositivos do sexo, há preocupação com o direito à “vida” e direito à “morte”, mecanismos diferenciais que ganham proporções no século XIX, não por conta de uma pulverização discursiva dos saberes sexuais, mas, sobretudo, pela diferenciação de campos de saberes que são instalados. Tais dispositivos de saberes teriam a prerrogativa de controle da vida por meio de saberes, a saúde do corpo seria este campo de contato, em que a sexualidade seria esta dobra entre indivíduo e sujeito. Essa hipótese pode-se associar à sua obra *Os Anormais*, que trata do cruzamento de uma “administração jurídica” com “enunciados de verdades”. Os exames anunciativos transpassam o feito cotidiano em comportamento, corpos passam a ser vistos como sujeitos, carretel da vida, as tolices e as situações idiotas passam a ser convocadas, não pelas leis, mas por saberes alheios, e que são percebidos em locais pronunciados, “... O que o juiz vai julgar e o que vai punir o ponto sobre o qual assentará o castigo são precisamente essas condutas irregulares, que terão sido propostas com a causa, o ponto de origem, o lugar de formação do crime...” (FOUCAULT, 2002, p.23).

As condutas, as vozes silenciosas que gritam e denunciam, a subjetividade que colada no sujeito e sua métrica não são as leis ou o *corpus* jurídico, cuja natureza transcendental do homem passa por uma ruptura explicativa de sua conduta; a sua domesticação e controle, criam “...qualificações morais, isto é, a modéstia, a fidelidade. São

também regras éticas.” (FOUCAULT, 2002, p.20). A punição passa a ser vista como regeneração, uma maquinaria à disposição da sociedade civil. E quem disse que o amor está diretamente associado à liberdade? A ocorrência do amor será escrita no decorrer da década de 1970, como doença, primeiro através de um espaço restrito. Se antes a figura do monstro aparecia nas irregularidades naturais, a do anormal era ainda mais restrita, não sendo a natureza, portanto, e sim a família, dependente de amor. O espaço de intercâmbio, ocorria entre a natureza, o sentimento como percepção do mundo, a convivência, as relações interpessoais. Enfim, o amor era marcado por esse segredo comum e singular, que é a figuração geral e universal das piores singularidades. Essas grades invisíveis, que prendem e escamoteiam comportamentos, repreendendo-os, torna-se prisão graciosa, encontra seu espaço no cruzamento de saberes da vida conjugal. E, nesse sentido, a empresa capital do romantismo proporcionará a sonhada “liberdade” de escolha, ancorada em um futuro negociado, em que o casamento passa a ser especulação futura.

Enquanto o homem legitimava o seu espaço de “danação”, promovendo a defesa do “bem-estar” de seus amados indefesos, a organização familiar passa por outras medidas de orientações, com o surgimento de nova categoria¹¹ doméstica, em que a mulher é tomada como um novo referencial na educação dos filhos, promovendo nova abordagem emocional nos laços de convivências, ao caracterizar contato amplo com outras pessoas fora do círculo familiar. As relações passam a ter um caráter de reciprocidade confessional, cuja organização neste desdobramento vinha sendo de romantismo, como reflexo intimista. Os encontros passam a ser tecidos por conversas e chás, e quem sabe por alguns sussurros atrasados da noite anterior, tensão entre palavras e excitação, confidências no jardim, na sala e cozinha. Cômodos são povoados por segredos que não cessam de aparecer; a candura e a narrativa passam a ser instrumentos nas relações femininas. As masculinas passam por perdas, ao remediar as relações em silêncio, o capital é o que é visto, o notado ganha notoriedade, o coração é desprovido de emoção, enquanto a retina é secada e educada para não esmaecer. Ser homem é ter atestado de plenitude. Eis aí as marcas do sexo que gritam como telas a habitar corpos e, com isso, valores que permeiam a sociedade, expectativas normatizadoras de comportamentos. Antes de o ser chegar ao mundo, o esperado já está inscrito através da anatomia e do caráter, personalidade circunscrita no vigor e na virilidade.

A sexualidade, já abordada, foi o dispositivo no qual o corpo circulava ao redor das leis, dos discursos de saberes que identificavam as diferenças anatômicas. A biologia brinda a natureza, a lei civil equipara a organização social com olhar minucioso, num ambiente de

¹¹ Relatório inglês de 1851, Catherine Hall, *Sweet Home*, História da Vida Privada, Vol. 04, 2009

vigília e controle. A maneira e o modo de se portar perante a sociedade, a estampa da carne, a vagina e o pênis tornam-se mecanismos de controle. Para Foucault (2006), em *A Vontade de saber*, o sexo é o elemento ideal no interior da sexualidade, no qual são capturados os corpos e sua materialidade. O que é mostrado é que nas sociedades modernas ocidentais, dos séculos XVII e XVIII, não houve uma repressão, mas sim uma incitação crescente em falar do sexo, dando vazão à sexualidade em discurso. E esta condução não foi de sexo-natureza, objeto da biologia, mas de sexo-história ou sexo-significação, situando-nos sobre um sexo-signo. A nossa sexualidade em uma *lógica* sexual, uma “joia discreta” a ser recolhida. O toque, a associação dos desejos, a imaterialidade e a imaginação se entrecruzam no biológico, bem como as sensações do primeiro toque, essa cruzada do bem contra o mal, afinal, “Se você está doente, é porque quis; se seu corpo foi atingido, é porque você se tocou.” (FOUCAULT, 2002, p.304). Nos olhares invisíveis, antes dados pela disposição arquitetônica, a matéria dizia que existia sexo.

Esse farejar vai ser trancafiado em casa. Cabe aos pais serem cães de guarda dos indícios invisíveis, do odor, do som, transitando entre o visível, a mancha no cobertor, o flagrante das mãos em lugar impróprio. Vigilância criativa, sinos e cordas disparam ao menor movimento. Crianças a sete chaves dispensarão os cuidados e contatos com estranhos, vizinhos e empregados. Os educadores da prole aristocrática e burguesa têm seu status negado. A família natural é fabricada nas engrenagens capitalistas do “cuidado de si”. Aos pais cabe cuidado e zelo, o toque é a primazia a ser confiscada, infância opaca. Antes o gestual silencioso e libertinoso tinha seu espaço restrito nos lares, acompanhava a todos. O saber dividido em silêncio é deslocado tanto para a cama quanto para a tenra idade. A infantilização das mãos promove a entrada da “família celular” no século XIX. Toda uma mecânica do prazer é instalada nas engrenagens da infância, filtro que servira de arapuca para pegar adultos. A psiquiatria será instalada não mais no interior da doença, cujos vestígios serão o seu campo de atuação.

Esses vestígios estavam associados à saúde do corpo social. O lar é o patrimônio “natural”, servo ostensivo, participante ativo, não de um reducionismo controlador, e sim de uma demanda de controles. Um policiamento burlesco é negociado em nome da candura e doçura. Gosto que agrada às uniões conjugais, o casal é instaurado, e com ele o desejo e as relações de prazeres são deslocados para a sua finalidade, a procriação, para a institucionalização do que vem a ser perigoso no jogo das travessuras carnis, prescrevendo todo um mecanismo de dentro para fora, com práticas naturais. Toda essa travessura carnal encontra espaço na imaginação, ao tentar percorrer cada cantinho escondido, exercício

instigante que esbarra em silêncios e gemidos inaudíveis. A sexualidade atenderá no começo do século XX a uma demanda de “anormalidade”. Expurgados do lar, comportamentos permissivos e insólitos, no silêncio do quarto ou nas alcovas, os gemidos seriam unissonoros, a privacidade estaria ligada à percepção, “o que os olhos não veem o coração não sente”, recolhido e escondido, a porta, sua guardiã.

1.2 A caminho da cura, recebendo meu coração de volta

As transformações que permearam a intimidade giravam em torno da relação gradual, na qual os indivíduos se percebiam em seus corpos; as relações passavam agora por uma autoafirmação do sujeito e seu corpo. Até meados dos anos de 1930, o casamento era facilitado pela posição social, fortuna e trabalho, e pelo caráter: “...pareciam mais importantes do que as inclinações estéticas ou psicológicas para decidir sobre uma união.” (PROST, 2009, p. 79). Ao corpo cabia ser ator coadjuvante, mas, no entreguerras, lentamente ele é posto em cena. A moda que antes o escondia agora o mostra, o triunfo individual acompanha também as relações que veem no amor sua primazia para dividir o teto: agora é o “controle-estimulação”. A moda que liberta, o esporte e as férias são locais de *status*, o bronzeado e o corpo esguio, “... o modelo do homem e mulher magros e longilíneos predomina.”(SOHN, 2008 p.111). A esse “controle-estimulação” tem no estímulo o olhar seu local de prazer: as roupas curtas, o maiô de uma peça, os *shorts* de ciclistas e a redução da *lingerie*. Nesta aparelhagem de libertação dos corpos de forma sutil, pelo prazer e pelo ócio, a engrenagem do poder afere não mais o recolhido e o escondido, mas o exposto e visível. A inibição e o constrangimento passam agora pela estética.

É nesse período que é marcada também a incitação da união conjugal pelo amor. A vida de casado começa a participar do cotidiano das igrejas, tendo como superação das dificuldades diárias o amor; ao nutrir tal sentimento mútuo, a maturidade da vida a dois é coroada pelo desejo consumado na materialização do filho. O sentimento da honestidade é seu porto. A família estabelecida em tais bases relacionais cria condição de educar seus filhos, tendo na felicidade seu fim, “A partir de agora, já não basta à instituição matrimonial para legitimar a sexualidade: é preciso amor.” (PROST, 2009, p.77).

Nesse entrelaçar da liberdade que impedia as pessoas de trapacearem com o próprio corpo, a beleza física, antes atributo, passa a ser mérito. O bem-estar começa a ser cogitado como conquista diária, o modelo de corpo sexuado é produzido por uma dieta de estímulo externa, não mais as palavras servem de convite, mas cada parte do corpo tem sua carga de

insinuação. É “nos anos 1930 que a sexualidade não é mais somente sugerida, mas apresentada em cena, tanto nos filmes como nos cartazes: sedutoras em combinação e ligas, amantes desfalecidas sobre a cama, beijos cheios de paixão...” (SOHN, 2008, p.113). Se o banquete aos olhos cria novos contornos, com uma estética cada vez mais aferida na carne, promovendo uma “doce visão”, a norma social por sua vez vem ratificar essa libertação. Há uma ocorrência crescente de especialistas, médicos e psicólogos, legitima os sentimentos e vulgarizam o termo sexualidade, por meio de revistas, por exemplo como a Marie Claire, lançada em 1937, que continha seções dedicadas aos hábitos alimentares, ao cuidado rotineiro com o corpo através da ginástica, e à beleza, que eram práticas para as mulheres se manterem sedutoras, e para também a manutenção do casamento: “..., a maquiagem, o batom já não são apanágio das coquetes e das mulheres fáceis: são maneiras honestas de valorizar os próprios encantos.”(PROST, 2009, p.84).

Numa gastronomia visual, cada corpo aponta sua porção justa, e os excessos terão seu quinhão a ser talhado. A vigilância se redobrava, a menção sobre o corpo “produzia ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um por seu próprio corpo...”(FOUCAULT, 2001, p.147). A ruína do pudor acompanha novas maneiras de experimentá-lo, e tais maneiras o prendem a novas normas sociais não ditas, os parâmetros. Nessa oscilação, a fiscalização, antes rígida, “controle repressão”, passa a “controle estímulo”, o desejo realizado, a emancipação do sujeito. Mas ao se referir sobre tais aspectos, o sujeito é sugado pelos fatos, aparado por recortes e fontes que solapam a experiência, processo autônomo de legitimidade do outro. Neste exercício, a visibilidade é legitimada como tarefa política, a experiência como categoria é essencial para esta meta, o anúncio acontece na escrita.

Essa organização básica possibilitou uma tomada de consciência do sujeito que não se encontrava mais em seus nichos, mas tanto em sua vivência quanto em suas posições. Tal reposicionamento possibilita a historização da história, como disciplina de vocação humana, de visibilizar sua vivência e suas experiências com o mundo e no mundo. Esta relação é presente quando o termo experiência, na filosofia fenomenológica, tem na descoberta sua significação originária, em que funda os sujeitos, desdobrando, desta forma, todo o campo de possibilidades ligadas à vivência. E temos para nós, que a experiência aparece como um conjunto de prática e discurso, que a historiadora Joan W. Scott define como “...análise constituiria uma história genuinamente indeterminada, que retém seu poder explicativo e seu interesse na mudança e não se apoia ou reproduz categorias naturalizadas.” (SCOTT, 1998, p.325).

Este fato reforça o ir às fronteiras, seu marco natural e também simbólico, confirma Pensavento (2001), que por negociação territorial ou política define o que está em jogo. Sua

fixação discursiva permeia a identidade. O conceito é encontrado aqui e lá, dentro e fora, no espaço definido pela posição do sujeito junto com o tempo que tenta captar, em uma compreensão contínua, “pois escrever história é pensar sempre sobre uma alteridade, sobre um outro, sobre algo que se passou por fora da experiência do vivido e onde toda experiência narrativa se configura como um “ser como”, como um “ter sido”, plausível, verossímil.” (PENSAVENTO, 2001, p.10).

Esse aspecto transita na análise de pontos de negociação de tais identidades, e nesse aspecto Bhabha (2007) aponta que a origem de tais narrativas é encontrada no interstício que empurra as fronteiras para além, fazendo uma retomada política na elaboração destas diferenças. O “entre-lugares”, desta forma, é o processo de criação de subjetividades individuais ou coletivas, origem de novas identidades, e neste aspecto, as diferenças deixam de ser naturais para serem produzidas. Abrindo espaço para observações sobre o presente, nestes lugares invisíveis, em que as identidades são encontradas por pessoas que deslocam as paredes temporais entre o presente e futuro, há um interstício de esperança, que só pode ocorrer com a admissão: “Admitimos que éramos impotentes perante a Dependência de Amor e Sexo – que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.”(D.A.S.A.,2002, p.05)

Assim, no dia 06 de setembro de 1993, tem início a primeira reunião dos Dependentes de Amor e Sexo, D.A.S.A., no Brasil com a participação de A.H. e Mark. Onde os encontros passam a ser semanais, no bairro do Flamengo, em um local chamado Contexto. A finalidade da irmandade é aprender a viver com a dependência de amor e sexo. A cada encontro é lido um passo e uma tradição, de forma sistemática. O material produzido pela própria irmandade pode ser aleatório ou produzido pela troca de experiência do campo afetivo. Hoje no Brasil existem quatorze sedes, e vinte e sete pelo mundo.¹²

São salas ocupadas de acordo com seus cronogramas, realizando reuniões na terça-feira e no sábado, ocupadas por pessoas que se identificam em cada encontro. O anonimato é sua segurança, “...sou dependente de amor e sexo.”(S.D.P, 43 anos)¹³. A solidariedade é recebida em silêncio, o conforto gera bálsamos para os ouvidos. Encontrar é pertencer. O sentimento de inadequação começa a cair, a se esvaír: “Eu não acreditava em mim, e tive um gravador ligado durante trinta e cinco anos repetindo nas mais diversas vozes que eu era uma “lesma”, uma “lerda”, uma “retardada”, que não era capaz de tomar decisões,...”(C.P.P, 36 anos). O local passa a ser flutuante, a confluência é sua marca simbólica, rito vivificado. Lamentos, dores e angústias têm o formato de orações partilhadas, o pensar fazendo-se presente.

¹² Referência colhida no sítio WWW.S.L.A.A..ORG.BR.

¹³ Os depoimentos serão identificados a partir de siglas fictícias, menos a idade; assim achamos que irá diminuir a possibilidade de associar os participantes à pesquisa, reforçando desta maneira o anonimato dos mesmos.

Naquelas duas horas e meia, nas quais os sentimentos de distanciamento trazem dores que promovem angústia, o outro, como onda que se joga na areia, não é mais o horizonte a ser alcançado, mas a garantia de aproximação cada vez maior com o eu. A dependência emocional, desta forma, borra ou anula o eu, chegando a ser definida assim: “Um dos defeitos de caráter que mais atrapalham no desenvolvimento do ser humano é a dependência emocional.”(T.W.S, 40 anos.). Nesse “laço cego” a necessidade da figura do outro passa a ser contorno de grande importância.

Antes de comentar sobre a “codependência” e seu contexto, é importante também falar sobre o que é “vício” e sua contextualização. De acordo com Giddens (1993), o vício em seu princípio era associado na sua “quase totalidade” com a dependência química, seja ela por álcool ou drogas, o qual foi incorporada pela medicina, na metade do século XIX, como uma patologia orgânica. Esta apropriação cria dificuldades para a compreensão de uma localização ritualística em vez de física. Desta forma, o vício é entendido mais como uma consequência em sua manutenção diária, em vez de um comportamento compulsivo.

E de acordo com Giddens (1993), o comportamento compulsivo está associado à perda do “eu” e remete à incapacidade de lidar com o futuro e com seus próprios anseios e desejos. A vida é feita por uma rotina que serve para organizar o dia a dia de cada indivíduo, através de decisões flexíveis e de estratégias cotidianas. O hábito é um comportamento repetitivo, uma conduta, e sua alteração ou rompimento demanda força de vontade e esforço. A compulsão é projetada por comportamentos estereotipados, rituais muito difíceis de serem modificados, proporcionando sensações anestésicas e de prazer. Reações defensivas, e falta de autonomia colocam em dúvida o “eu”. Em quem o “...viciado é alguém “imoderado”, palavra que não está relacionada apenas à ordem pública, mas a uma recusa, a uma aversão discreta de aceitar o próprio destino.” (GIDDENS, 1993, p.87). O vício remonta de forma bastante peculiar a uma retomada de quem o indivíduo “é”.

A falta de expectativa e estratégia futuras gera uma irreflexão do “eu”. Em sociedades tradicionais as expectativas já estavam traçadas. A espera de sucessores era gerada pelo tempo e o limiar da espera era a âncora na vida. Em nossa sociedade, o sonho da derrocada das instituições, do “Grande Irmão”¹⁴, não gerou apenas o alvorecer da emancipação, mas trouxe em sua crina a ilusão totalitária de liberdade. Para Bauman (2001), o significado de liberdade é “...literalmente libertar-se de algum tipo de grilhão que obstrui ou impede os movimentos; começar a *sentir-se livre para se mover ou agir.*” (BAUMAN, 2001,

¹⁴ Bauman alude à obra de George Orwell, intitulada 1984, que caracterizava uma sociedade, que tinha os indivíduos altamente controlados pelo “Big Brother”, o Grande Irmão, fazendo referência aos sistemas totalitários.

p.23). Em sentido pleno é o indivíduo não ter nenhuma espécie de “dificuldade”, “obstáculo”, é movimentar-se livremente.

Giddens (1993) traz à luz o conceito de “reflexão”, que é alcançado quando as escolhas de um estilo de vida fazem parte de uma escrita do “eu”, o sentimento de perceber e de pertencimento se faz presente. Para Bauman (2009), o projeto “reflexivo”, chamado “política-vida”¹⁵, trouxe aos olhos os atos cotidianos. A neblina que antes pairava no ambiente, cede lugar ao sol. Ao tentarmos perceber os nossos movimentos, enfeitiçados com a paisagem, não conseguimos avançar, não conseguimos ir adiante “...para alcançar os complexos mecanismos que conectam nossos movimentos como seus resultados e os determinam, e menos ainda as condições que mantêm esses mecanismos em operação.”(BAUMAN, 2009, p.33). Desta forma, em nossas relações estamos mais impelidos em receber e mais severos nas críticas, e as mesmas perderam sua força, só conseguindo refletir uma paisagem opaca e uniforme.

Ao que tudo indica, em Bauman (2009) a “política-vida” encontra seu brilho genuíno na “autoafirmação”, não por remontar aos nossos tempos, já que “...A nova condição não é muito diferente daquela que, segundo a Bíblia, levou à rebelião dos israelitas e ao êxodo do Egito.”(BAUMAN, 2009, p.60). Não existe mais ocorrência de um olhar externo que pune, e sim uma autoflagelação que fica encarregada deste trabalho constante. Para Foucault (2001), este “controle repressão” do “inimigo comum” e externo, inibidor das vontades, passa por uma transformação “felpuda”. Acaricia a carne e beija os olhos, libertando homens e mulheres de seus lugares “genéricos”, na promessa da realização. O estímulo passa a ser o fim, uma busca incessante que afirma o local. Derrota e vitória passam a ser lados da mesma moeda, a relação de poder é modelada a partir da base da sociedade, e suas relações são intencionais e não subjetivas, inteligíveis e saturadas de cálculo, mas não são resultados da decisão do sujeito individual:

...as sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo. Descobriu-se, desde então, que os controles de sexualidade podiam se atenuar e tomar outras formas... Resta estudar de que corpo necessita a sociedade atual... (FOUCAULT, 2001, p.148).

Em sua busca por autonomia, segundo Giddens (1993), o indivíduo se afirma constantemente e sua busca por um “lugar ao sol” repousa em sua segurança. Ao perceber que seu estilo de vida não condiz mais com seu “porto seguro”, o indivíduo tem a percepção de

¹⁵ Termo cunhado, por Anthony Giddens, que o autor referencia em sua obra sob o título “A crítica da política-vida” (p.58).

suas dependências, e dos limites de sua autonomia. O “vício” passa a ser reinscrito, emancipador e constrangedor, escolhas que podem viabilizar outros estilos de vida e a percepção de seus limites constituem uma narrativa reflexiva do eu. Caminhos para essa “nova escrita”, na busca pela “cura” dos “vícios”, seriam traçados pela psicoterapia e pelo aconselhamento. Somados com isso, os programas de recuperação auxiliariam os indivíduos na conquista de sua autonomia para a reconstrução reflexiva de suas vidas.

Um sentimento da tentativa, que vincula o indivíduo a seus atos, faz com que mergulhe cada vez mais em si. Seu compromisso parte do ponto de assumir sua “impotência” perante a escolha. O “Primeiro Passo”, desta forma é assim escrito: “Admitimos que éramos impotentes perante a Dependência de Amor e Sexo - que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.” (D.A.S.A., 2002, p.05). Essa incapacidade de lidar consigo e a impotência ante a vida não têm o significado de “simples escolha”, e sim de estratégia a cada dia, a “dose” de sobriedade que banha o ser em sua existência. Tal superação exigida incessantemente, “Se a nossa doença tomava a forma de dependência de uma outra pessoa, mais uma vez a perda de “...controle não parece assim tão má” (R.M.A, 36 anos). A “união” afetiva ganha dimensão e cor e “céu azul”. Quem poderia desconfiar de tal felicidade? Desvinculação sentida no osso e na carne, é vital o contato com o outro, o que aquece o sangue e faz bater o coração, antes frio e agora habitado.

O começo da “cura” deve ser anunciado pelo indivíduo como a impotência de lidar “consigo mesmo”, com as próprias emoções; a admissão é o primeiro passo da caminhada. Como Foucault (2008) observa, o discurso deseja ser libertado, não por se referir a uma liberdade autóctone do indivíduo, mas porque ali já são encontradas vozes pronunciadas, ecoadas em sua fala, ordenadas, selecionadas e distribuídas, mas a instituição não está isenta, pelo contrário, ela responde e incita a sua aparição, como a um espelho: “...que há muito tempo cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorrer ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém.” (FOUCAULT, 2008, p. 07). Para ser membro do D.A.S.A., há um único requisito, “...o desejo de parar de viver em padrão de dependência de Amor e Sexo”, como consta na Terceira Tradição.

Muito diferente de Giddens (1993), que entende o auto - reconhecimento como uma nova maneira de apropriação da vida, por meio de uma flexibilidade, através das narrativas em primeira pessoa, o “eu” ganha a possibilidade de reflexão temporal, apropriando do presente o sujeito tem a possibilidade reescrever suas escolhas como projeto pessoal. O material de leitura do D.A.S.A., quanto aos materiais de autoajuda, desempenha um papel tanto de ajuda quanto de ordenação social, ao promover a reflexividade, sendo que os

indivíduos encontram na instituição pessoas dispostas a superar os seus constrangimentos, e a iniciar uma nova jornada. Mas Foucault (2006) compreende que dentro dessa “vontade de saber” há uma ordem vigente de controle, tão calada e silenciada, que pulsa e grita, e que atende pelo nome de “constrangimento”, “impotência”, “hipocrisia”, “preguiça”, “condenação”, “morosidade”, “arrogância”, “subestimação”, “autocompaixão” e “falta de sinceridade”. Quando pronunciada com legitimidade, a verdade se reconcilia com o tesouro da existência, que se reconhece, revigorando o corpo cansado de excesso. E todo esse constrangimento repousa na verdade reconciliadora.

A verdade serve como guia. Atentos e pacientemente vamos ouvir as confissões. Um prelúdio de paz e alívio toma conta do lugar. O “eu” ganha roupagens, aparece o desejo incessante de não parar e a liberdade flui por meios de palavras limpas e claras. Sendo o guia da verdade, uma relação com o discurso estabelece ou não numa história? E esta revelação encontra-se em uma história dos jogos de verdade, em que temos dois procedimentos: uma história interna da verdade, corrigindo-se a partir dos próprios enunciados: uma segunda, que age externamente à história da verdade, aparecendo através de regras sociais e fazendo nascer com isso determinadas subjetividades. Na excitação de pronunciar, a recuperação produz caminhos, “A confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder.” (FOUCAULT, 2006, p.67). Tal mecanismo sugere que o sujeito seja identificado com seu enunciado. O silenciar desta forma grita, criando laços de solidariedade e empatia. Os detalhes, cada ato e gesto devem agora ser interrogados minuciosamente. A este “efeito de verdade” a separação não se faz mais presente no jogo de opostos, mas no silêncio. A “ciência da sexualidade” e seus ardis arbitrários se localizam no que “ele diz”.

Neste aspecto, a produção de um programa de recuperação para “dependente de amor e sexo” entra na órbita do poder, como diz Foucault (2008), e centra-se na compreensão sobre determinados mecanismos de saber. Assim, é importante atentar de que maneira a verdade e o poder podem estar ligados, e como são produzidos. Esse jogo discursivo e sua prática, que faz entrar em cena reflexões sobre seu controle, valor moral e conhecimento, o cientificam. Não é o caso da existência ou inexistência de um objeto de pesquisa. Mas, sim, de perguntar como é constituído o campo patológico afetivo, bem como sua constituição do sujeito dependente de amor e sexo.

As vozes tanto institucionais quanto a dos participantes tornam-se relevantes. Um e outro remontam a si mesmos, modificando comportamentos. A “autodisciplina” assevera mudança, a instituição recebendo os que assumem e os que desejam parar. Os delitos

produzem uma classe confessa, cujos corpos são produzidos junto com gestos e atos. Regulamentam-se prioridades e busca-se a “abstinência” da prática dos padrões de comportamento. Sem ela, aliás, pouco pode ser feito, porque pela mesma natureza da enfermidade, será impossível uma vida de crescimento interior de responsabilidade e paz mental. E é no corpo que o processo de subjetivação é realizado. É ele a encarnação das fraquezas de caráter, que para ele são dirigidos. Por isso, é preciso saber de que forma “nos ocupamos dele”. Ao lidar com tal dualidade, os sentimentos passam a ser responsabilidade exclusiva de cada indivíduo. A “lista” de tais sentimentos não só atua unilateralmente sobre o indivíduo, sob forma de dominação, mas atua, sobretudo, na formação do sujeito. O ideal psíquico a ser perseguido é a alma, e “...quando estivermos prontos para começar, pedimos a Deus (como cada um concebe a Deus) para sermos minuciosos e destemidos nesse inventário.” (A.A.C, 34 anos). Sendo a alma “a prisão do corpo”, é através dela que o corpo será adestrado e educado.

Constituindo-se como uma “arte de distribuição”, os métodos e práticas distintas da “maquinaria disciplinar”, como pontua Foucault (1997), têm em seus objetivos o corpo em seus detalhes, em sua organização interna, como a sua eficácia em seus movimentos. A finalidade é a produção de corpos *úteis* e *dóceis*. O seu efeito é o aumento da força econômica e ao mesmo tempo sua redução de força política. Neste aspecto, as disciplinas foram geradoras de individualidades. Ao conferir tal produção, aparece o espaço da Irmandade e vamos à aplicação da técnica. Os mais velhos da Irmandade acomodam os recém-chegados ao conforto, as cadeiras são distribuídas em círculo, há uma sutil dedicação. O controle antes verticalizado passa por novos olhares a serviço dos velhos interesses das emoções. Isto é a distribuição dos espaços. A unidade, que é tratada na Primeira Tradição, é de importância para a recuperação e “...não significa que cada membro perderá sua liberdade de opinião ou terá sua personalidade engolida pelo grupo.” (D.A.S.A., 1999, p.03). Há liberdade de dizer e vivenciar a programação, revestindo-se de autonomia gestos e atos. A euforia da cura é vivenciada, emergindo daí expectativa e esperança, lado a lado: “...individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações.” (FOUCAULT, 1997, p.125)

Este controle começa a ser engendrado a partir do século XVIII, e trata de cercar o corpo social nas sociedades industriais. A partir do controle sobre os indivíduos centram-se no corpo-espécie, nos processos biológicos, o “biopoder”. A conceituação de “biopoder” parte da formação dos dispositivos de sexualidade, do corpo-espécie, suporte dos processos biológicos (nascimento, saúde e vida). É no século XVII, entretanto, que será constituída uma *anátomo-*

política do corpo, que tem como objeto o corpo individual, uma máquina que será o elemento indispensável para o desenvolvimento do capitalismo, o ajuste do fenômeno “população e crescimento econômico”. A biopolítica começa a ser protegida. A nação, com seus níveis de natalidade e mortalidade, assim como os avanços médicos fazem parte de toda uma parafernália de intervenção e controle regulador. As demonstrações de estatísticas e de índices povoam e apavora comportamentos. Assim, a era do biopoder é essencial para o desenvolvimento do capitalismo, tendo no controle das atitudes e atos a docilidade obediente. O que era inflexível antes passa pelos meandros da escolha individual: para o “bem da nação” devemos aparentar “bons modos”. Neste sentido, o poder sobre a vida se desenvolveu, concentrando-se sobre os corpos e o entendendo como máquina, adestrando e ampliando sua força, no crescimento paralelo de sua docilidade e utilidade, “O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e “celular”, mas também natural e “orgânica””(FOUCAULT, 1997, p.137).

Ao entrar em cena, o exame é sucumbido pela atenção do indivíduo voltada para si mesmo: “...não percebemos o quanto exercemos a nossa doença durante as reuniões, através de nossos depoimentos.” (D.A.S.A., 1999, p.03). O efeito circular, o “saber falar” e o “saber ouvir”, e quem poderia desconfiar a “boa educação”, submetem o interesse comum, à recuperação. Encontramos na Primeira Tradição uma sugestão de boa conduta, ao “sugerir” que todos mantenham a “mente aberta” e vivenciem o “respeito mútuo”: “Quanto mais respeito houver entre os membros, mais forte o grupo se torna e maior será o benefício da recuperação de todos.”(D.A.S.A., 1999, p.03). Ao frisar sobre a perda de tempo, na recuperação, com “velhos padrões” de comportamento, diferentemente do D.A.S.A., tanto os Alcoólicos Anônimos (A.A) quanto os Narcóticos Anônimos (N.A) criaram incentivos de “abstinência”. A recaída é a retirada da “medalha”¹⁶ . São proclamados o esforço próprio, a influência negativa ou as vozes dissonantes que põem em risco a Irmandade, já que entre tais desvios não são produzidos os discursos de vida, pois não podem circular, “Portanto quebra a unidade.”(D.A.S.A., 1999, p.03).

Esses aspectos se aproximam das observações de Bauman(2001), que percebe as transformações de um “sistema capitalista pesado” para um “sistema capitalístico leve”. O primeiro era produzido por normas e regras. Conduzir esta palavra empregada por líderes e professores conhecidos. A caixa de ferramentas era pobre, cabendo uma única peça para todas

¹⁶ Ao entrar tanto nos Alcoólicos quanto nos Narcóticos, o integrante tem na sua inicialização o ganho da única medalha de cor “branca”, que o pertence. E de acordo com o tempo de abstinência, ganha outra, e pode perder com a recaída, sujeitando-se a começar novamente.

as ocasiões: a disciplina, cujo foco é o bem comum. Então, a determinação de “ser carne” visava à unidade, isto é, à política com “P” maiúsculo. Essa área circunferencial tem no centro gravitacional uma “peça” única, necessária para o funcionamento de tal arranjo. O fato é que às segundas, este centro foi se expandindo, coexistindo vários centros, não mais implantados por ordenadores, e sim por seus seguidores.

Cada vez mais populares, a voz destas instituições embriaga, entorpece, aparecendo múltiplos tons com uma assertiva de primeira ordem, na qual a verdade é única. Afinal, as escolhas fazem parte do manancial cotidiano, mas é você que deve escolher. E tais modelos detêm a chave que evita sucumbir aos erros. O “sucesso” é seguir seus atos e feitos, agradando aos ouvidos e deleitando os olhos, a chave em nossas mãos. Mas o que procuramos é uma “lição-objeto”, segundo Bauman (2001). A exatidão do exemplo remove a incapacidade e ratifica a superação, homens e mulheres passando a ser esta fonte: “Não está sendo fácil para mim. Crescer dói. Porém, só por hoje, eu prefiro a dor do crescimento.”(B.C.A, 27 anos.). Este exemplo é cercado por nome. O “difuso” e “solto” tem que ser formado e preso, por desejar um caminho “...a minha recuperação é a coisa mais importante da minha vida, e não quero voltar para aquele fundo de poço emocional que eu me encontrava antes de ingressar em D.A.S.A.”(B.I.F, 39 anos).

Tendo uma “maneira” e “tática” de superação, estes exemplos são valores trocados, a jornada é solitária e de cunho exclusivo, mas o incentivo, não. Ele é partilhado e comungado com apreço por aqueles que o escutam como moeda corrente. É creditado o significado, e com isso, sua cotação aumenta no mercado da confiabilidade. Reconhecimento das falhas, o Terceiro Passo diz que:

“A situação era aproximadamente esta: se nossa dependência de amor e sexo era parte tão fundamental de nossa personalidade - se havia se desenvolvido há muito tempo e moldado ou deformado muitos de nossos outros traços de caráter, de relacionamento e nosso sistema de valores...” (D.A.S.A., 1999, p.05).

Tal significado pode ser asseverado nas entranhas da memória, recolhida em segredo. Sendo comungada, a verdade liberta e com isso o sentimento de solidão por alguns instantes é diminuído;

Terceiro Passo: Ao examinarmos os passados remanescentes, vimos que eram estruturados no princípio do Terceiro Passo. Nossa Taça de comportamento doente seria esvaziada, e nós limparíamos o melhor que pudéssemos, tornando-a pronta para ser preenchida pela Graça de Deus, de acordo com seu plano, e não nosso.”(D.A.S.A., 2002, p.22).

O corpo atingido tende a ser reabilitado, remédios elaborados na farmácia da verdade liberam as dores e angústias, mas só quando esta verdade é reconhecida. Há necessidade de se desvencilhar do passado, reparo por reparo. Antes o que era inerente passa a ser o ideal a conquistar. Soberana, a alma reina, quando encontra seus Avatares, e a verdade é, por si, maior. Institucionalizada, “...a verdade não pertence à ordem do poder, mas tem um parentesco originário com a liberdade:” (FOUCAULT, 2006, p.69). O regime de veracidade condensa a matéria e a reduz, quem fala e quem escuta se identifica e é identificado;

Olhando para a minha vida de hoje e a de ontem, tenho uma nítida sensação de que passei a minha vida toda dormindo e sonhando em preto e branco, e que agora estou a-cor-dan-do: dando cor à minha vida, um novo sentido a ela. Sinto em mim uma esperança concreta de recuperação. (B.I.F, 39 anos.).

Tais reflexões devem se aproximar das Doze Tradições do D.A.S.A., no caso a Segunda Tradição, ao exercer uma vontade interna, em sistema de regime da busca de um propósito, eis o objetivo. E sua produção nunca é alcançada, circula entre a sala, é o material sobre as mesas, a palavra cedida, mas que abraça a todos que estão dispostos em um único ideal: a superação da dependência, “Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles.”(FOUCAULT, 2001, p.183). Uma consciência coletiva, governa a todos, e deve ser governada, combatendo a doença que é manifesta por comportamento “irreduzível” e “autoritária”, ameaçando a paz da reunião. A harmonia e a sobriedade são alcançadas quando nos lançamos em uma rede invisível, que nos ampara. Na Segunda Tradição, é o Poder Superior que governa as reuniões:

Segunda Tradição: Como a personalidade de nosso presidente máximo é eminentemente espiritual, esta deve ser a característica de nosso propósito. Esse Deus amantíssimo nos amou enquanto doentes, acreditando na nossa reforma interior. Esperou o momento em que admitiríamos nossa impotência buscando na consciência coletiva o conhecimento da vontade d’Ele. (D.A.S.A., 1999, p.04).

Essa rede invisível, tecida ponto a ponto, tem seu efeito no compromisso com o “bom funcionamento da Irmandade”, que por sua vez desvenda e revela venenos em forma de “omissão” e “ vaidade” e cada um cabe sua parcela para atingir tal objetivo. Perceber deve ser uma atividade constante, tanto na hora de falar quanto na hora de escutar, e de desenvolver um “serviço”. Um “serviço” pode ser uma atividade de “representante”, espécie de porta-voz do grupo em seminários: o “secretário”, que é o responsável pela abertura da sala e a organização da mesma (arrumação das cadeiras, distribuição dos materiais sobre as mesas, assim como os livros de presença); o “tesoureiro”, que é o responsável pelas contribuições

recebidas e o pagamento das despesas (as que foram observadas tinham um destino para o lanche dos participantes, e também para a impressão de materiais tanto antigos quanto novos); e o “coordenador”, que coordena as reuniões de estudo. Essa percepção de importância é que liberta a sensação de pertencimento, ao ter em sua volta o aconchego; os sentimentos de “vergonha” e “desligamento” passam a ser tratados e o indivíduo começa a ser reconstituído.

Segunda Tradição: Na medida em que aumenta o número de servidores de confiança, a consciência de estarmos verdadeiramente irmandados torna-se evidente. A Irmandade funciona de forma mais cooperativa, coerente, consistente, duradoura e eficaz. (D.A.S.A., 1999, p.04).

É na “Terceira Tradição”, que a perspicácia de “querer parar” envereda por este poder que não está localizado apenas na “Irmandade”, mas também naquele que chega assumindo a sua “incapacidade” de lidar com as próprias escolhas. O vício é água corrente sobre o corpo. Represar é ter a liberdade de escrever novamente a sua vida, mas para isto é de importância se assumir; ao eliminar a causa diária, a cura passa a ser conquista individual. Esta Tradição permite identificar seus membros, não por características físicas, mentais ou morais, mas pelo “desejo de parar”. Ao se denominar “membro de D.A.S.A.”, ocorre uma identificação e não somos mais capazes de termos relações, tanto amorosas quanto sexuais; o nosso comportamento traz sofrimento para nós e para os outros. Ao nos identificarmos com tais padrões “doentios”, somos forçados a interrogar sobre o nosso proceder, tanto conosco quanto com o próximo. A singularidade nesse sentido é percebida com interrogações como, “O que estou fazendo comigo?”, “Eu estou feliz nesta relação?”, mas o que chama atenção não é o modo de criar meios singulares de expressões ou vivência sentimental, “Ora, o que interessa à subjetividade capitalística não é o processo de singularização, mas justamente esse resultado do processo: sua circunscrição a modos de identificação dessa subjetividade dominante.” (GUATTARI, 2005, p.80).

Terceira Tradição: Existem dois tipos de indivíduos nas salas de D.A.S.A.: os membros, aqueles com o sincero desejo de se recuperar, que fazem tudo o que está ao seu alcance para atingir esse objetivo, e os frequentadores, que se enganam quando acreditam que só o fato de estar indo às salas é o suficiente para uma recuperação, quando na realidade só a vivência dos Passos e das Tradições é que promoverá uma real transformação. (D.A.S.A., 1999, p.05).

Essa malha de pontos infinitos ecoa e transborda ainda na “Terceira Tradição”. Ao colocar na prática diária sua revelação e sua melhora, circula livre, basta ter vontade e desejo. Invisibilidade que assola e preenche o ser, ao se desviar do caminho, como “bicho papão”

aparece repentinamente para assombrar. A sinceridade e a honestidade são caminhos brandos a serem trilhados, com obstinação e determinação. O caráter desempenha papel importante neste processo. A identificação com os demais membros, bem como a dor transformam e modificam, ou pelo menos diminuem as distâncias.

Terceira Tradição: De fato encontra-se todo tipo de pessoas numa sala de D.A.S.A.. Não há distinção de raça, religião ou classe social. Essa é uma das maiores riquezas desse programa. Apesar dos diferentes motivos que nos trouxeram a uma sala, temos algo em comum: a dor. Queremos que todo dependente de Amor e Sexo tenha a mesma chance de alcançar o equilíbrio emocional, sexual e afetivo.”(D.A.S.A., 1999, p.05).

Ao voltarem pelo caminho que já fora trilhado, percebem-se em meio aos escombros lágrimas e dores ocasionadas pelos seus atos. Assim, o passado é revestido por uma camisa de força, a maldade é sua algema, aprisionando a pessoa ao ato. No Quarto Passo constatamos que “Não éramos apenas pessoas que haviam feito “coisas más”, éramos o que havíamos feito. ”(D.A.S.A., 2002, p.28). Como Narciso, o reflexo liberta o que estava escondido. A coragem é o alívio para a alma sofredora, o presente clama desta forma pelo passado; ao se retratar, o indivíduo é lançado ao futuro e o “autoperdão” começa a ser clamado.

Quarto Passo: Era um olhar honesto sobre algumas das “recompensas” que tínhamos derivado de nossa dependência: o conforto da autopiedade, o luxo do ressentimento autojustificado, a precaução de não ter que assumir riscos emocionais autênticos e uma real responsabilidade com os outros. As maldades vulgares e os azares de nossa vida passada eram reveladas como manifestações de nossa persistente doença.”(D.A.S.A., 2002, p.28).

A este passado, é atribuída a “origem” da doença, condição em que a desqualificação é gerada por traços de doenças mentais, quando, na verdade, a responsabilidade é causa individual, Foucault (2002). Esta observação trafica nos mecanismos institucionais. Instaurando regras internas, o D.A.S.A. produz um ‘efeito de verdade’¹⁷, conduzindo a um novo comportamento. Ao reconsiderar suas faltas, o indivíduo reconstrói sua vida no seu domínio de conduta na busca de uma “vida normal”. Este controle sobre si, o sujeito moderno não reprime o seu comportamento, antes dado como natural, mas constitui e o forma, a este processo de regulação da vida é denominado normalização.

Quarto Passo: Não havíamos escolhido conscientemente sermos dependentes de amor e sexo. Muitas vezes, nossas necessidades normais, humanas, de alguma forma nunca haviam sido satisfeitas durante o período evolutivo de nossa vida. Compreendemos que existia uma solidão básica que nos provocava o medo de ficar

¹⁷ Este “efeito de verdade”, é conhecido por *Jogos de verdade* em que o filósofo, Michel Foucault, aponta em sua segunda obra *A História da Sexualidade* (2006).

sozinhos. Por isso, havíamos feito amantes sentirem-se culpados por nos deixar, ou havíamos dormido com estranhos. O medo de que não merecíamos, um verdadeiro amor levou-nos a fazer sacrifícios excessivos a pais e amantes, a flertar com qualquer um para provar que éramos atraentes e a mentir para impressionar.”(D.A.S.A., 2002 p.26).

E neste pontilhar de pedra em pedra, edifica-se vida destrocada, que se refaz por sua própria fala dentro da Irmandade, mas falas múltiplas são opacas, não trazem apenas o desejo de parar, e sim, de continuar, mas diferente de antes, a consciência é seu atestado. Esta consciência que emancipa o vício traz em si seu recurso maior, a vontade do grupo, e sobre esta vigília constante são feitos seus passos, limite denso e simples, ao sugerir a autonomia de cada grupo de D.A.S.A.. O seu propósito é novamente reafirmado, a sobriedade:

Quarta Tradição: A palavra autonomia significa liberdade de ação, isso quer dizer que cada grupo resolve seus problemas da maneira que desejar, desde que não interfira em outros grupos ou na Irmandade como um todo. E isso não oferece nenhum perigo para D.A.S.A.. Cada grupo é uma célula que só depende de sua própria consciência para ser dirigida, e isso inclui também o direito de acertar e errar. (D.A.S.A., 1999, p.06).

A ruína encontra, assim, dentro da Irmandade, seu local. O encontro dessas vozes forma sujeitos estáveis, como afirma a filósofa Judith Butler (2008), prontos para continuarem seus enredos da vida. Os princípios do D.A.S.A. assentam-se sobre a busca pela estabilidade para alcançar a recuperação, assegurando a unicidade entre membros e instituição e, neste aspecto, o desejo/recuperação seria o pacto político aferido entre Irmandade e participante. Este projeto fixa dicotomia, já que “qualquer” pessoa pode vir a ser membro e esta prerrogativa não abre outras prerrogativas na relação tanto amorosa quanto sexual, já que o desejo é de ter uma “vida sexual saudável” ou uma “relação normal”. Gira, isto sim, em torno da instituição heterossexual.

“Descobri” uma sexualidade e sensualidade naturais sem perfeccionismo, malabarismo ou caricaturas e o “meu” ser feminino foi se compondo. Aprendi que se eu for mulher o homem que estiver comigo será homem, pois, num relacionamento onde cada um coloca 50%, minha parte é ser mulher como a concebo.

Homem pra mim era um alienígena, um cachorro, um brinquedo, algo que metia medo, menos um ser humano. “Os companheiros me mostraram a beleza, a respeitabilidade, a amorosidade, a sensualidade, a sexualidade, a humanidade masculina.” (B.I.F, 39 anos.).

Com isso, podemos chegar perto das observações de Giddens (1993), quando declara que a transformação da intimidade atingiu mais as aspirações femininas que as masculinas. Assim, hoje o homem tem assim um caminho a percorrer invertendo, desta forma, uma

concepção de “H” para um trilhar com “h”.Ele esta cada vez mais em mais em busca de um significado para suas emoções.

E novamente a questão é levantada para os homens, em alguns casos, sem muitos horizontes. Polêmicas, inauguradas pelas diferentes correntes feministas, introduzem no seio da história uma ciência dos “homens”. O que está em jogo são as consequências que atingiram, não apenas a pedagogia, ou a relação entre os sexos, mas também a política.

1.3 Ao sentir aquele abraço, aquele sorriso, sentia-me

Ao comentar sobre tais transformações, Giddens (1993) traz à luz o desejo feminino por sexo, enquanto que, para os homens, o desejo de amar. Tais transformações também são traçadas por Bauman (2004), ao verificar que o *telos* do amor romântico, “felizes para sempre”, não faz jus mais em nossa sociedade. Cada um dos participantes da união feliz é lançado no mercado da “oferta e procura”, e quem tiver mais vantagens a oferecer, isto é, maior demanda por exclusividade, terá mais chance de alcançar o consórcio do matrimônio. Como toda associação, porém, um dia poderá acabar se faltar investimento. Mas este tipo de negócio não é mais privilégio de um só, uma vez que as mulheres passam a procurar e a desejar prazer.

Tanto a medicina quanto o comércio eram do prazer o “Oasis” da satisfação sexual. Progressivamente não só a “vagina”, mas a carne que a envolve passam a ser objeto de satisfação sexual. Os lábios “internos e externos”, junto com o clitóris, munidos cada vez mais de meios contraceptivos, tentam colocar em pé de igualdade homens e mulheres. Entra em pauta “planejamento” e “escolha”. Tais palavras colocam as mulheres como senhoras de seu destino, principalmente de seus corpos:

Essa é a mais importante das revoluções, porque remete às raízes da sociedade e ao âmago do nosso ser. Além disso, trata-se de um processo irreversível. Admitir o fato não significa que os problemas referentes à discriminação, opressão e abuso das mulheres e seus filhos tenham sido eliminados ou que sua intensidade tenha sido significativamente reduzida. Na verdade, embora a discriminação legal tenha, de certo modo, diminuído e a tendência seja que o mercado de trabalho venha a se equalizar à medida que o nível de educação da mulher aumenta, a violência interpessoal e o abuso psicológico têm-se expandido, justamente em virtude da ira masculina, tanto individual quanto coletiva, ante a perda do poder.(CASTELLS, 2002, ps.170-171).

Este suporte para as “novas” relações talvez passe por uma análise, já que a masculinidade na sociedade ocidental moderna encontrou no mercado suas ferramentas expostas. A atração que intermediava as conquistas, torna-se, nesse processo, “obsoleta” e

quase desnecessária. Nesta perspectiva, ao defender que gênero, como Butler (2008) sugere, não pode ser definidor de posição sexual, pois funciona como cabide que acomoda comportamento, gênero seria uma “cilada” compulsória e, mesmo ratificando comportamentos em outros corpos, não ampliaria nossas elucidações para outras práticas.

Com isso na relação, a percepção masculina, passa a ser negociada, quando novos arranjos sociais emergem através dos avanços e das conquistas femininas, e, tanto o florescimento da homossexualidade masculina quanto o da feminina, ao serem ressignificadas passam a ser questionadas como valor universal, ao que Giddens (1993) chama de “sexualidade plástica”, que envolve um aprofundamento das sensações e da intimidade do “eu”. Assim, acredita-se que o projeto reflexivo está cada vez mais presente nas relações. A autenticidade da relação tem que ser negociada, assim como a satisfação, e o prazer e a gratificação do ponto a ser firmado para sempre no cotidiano. Ao revelar prazeres e gozos a serem alcançados, a relação começa a caminhar para “o novo”, expondo com isso os limites em que foram erguidos.

A chamada “crise da masculinidade” tem no seu bojo o momento atual de transição, que referenda questões sobre a construção do modelo masculino. Essa busca por valores singulares, antes vistos como qualidades, passa a nos incomodar, como observa o psicanalista Hamawi (1995), sufocando a constante necessidade de superação. Se em todo comportamento não pode haver vacilação perante o olhar do outro, sempre convocado a demonstrar força e destreza, a virilidade passa a ser um artefato a ser contemplado;

As coincidências iniciais giram em torno de temas que nos incomodam no modelo vigente: a necessidade de nos mostrarmos sempre fortes e capazes; de limitarmos a expressão de nossos sentimentos; de vivermos quase que exclusivamente em campos competitivos; de funcionarmos como servidores da mulher; de sermos permanentemente provedores. De nos ocuparmos apenas de “coisas sérias”, como trabalho, política etc.; e de perdemos o contato sensível com o que nos rodeia, filhos, amigos, natureza, estando proibidas entre os homens expressões tais como “fracassei”, “não sei”, “me equivoquei”, “não posso”. A lista de tais incômodos poderia se alongar bastante. (HAMAWI, 1995, p.9).

Ao compartilhar tais sentimentos, a solidão começa a se desfazer, e a sensação de que “tem algo de errado comigo” dá lugar a “não ocorre só comigo”. Nesse aspecto, os grupos masculinos possibilitam apoio para novas elaborações de comportamento. No Quarto Passo, o lema consistia em lidar com emoções passadas, que só poderiam ser atingidas pelo “inventário moral”, que escondia uma “criança solitária e assustada”.

Ao avançar esse levantamento sobre o passado, uma “força” externa iria auxiliar nessa caminhada e o sentimento de solidão começa a ser modificado, pois o “Poder Superior”

é concebido por cada um à sua forma e à sua própria maneira. Essa couraça velha começa ao ser desfeita, a ser confrontada com novas informações. A modernidade que Giddens(1993) sugere, traz para nós elementos contributivos lançados para a interrupção de antigos modelos masculinos. O “garanhão” assim como o “sedutor” são traços dessa velha maneira arcaica de se relacionar. O “desafio” era a relação de poder, que além de querer seduzir e conquistar tinha em sua ordem interna o “combate” com “pater”, demonstração desta forma de força.

Esta autoreflexão sobre o gênero permite também enriquecer os estudos, que tentam vincular certa normalidade sobre o modo de pensar de homens e de mulheres. Ao lançar a política de espaço indeterminado, produzem-se e fundam-se identidades e o deslocamento de campos estabilizados para a instabilidade. Sendo o campo de atuação da política (Butler, 2008), a estabilidade permite a criação de seres universais. Além dessa perspectiva, olhares são lançados para campos instáveis de produção de subjetivação. Com isso, os grupos anônimos, colocam o olhar social em xeque, ao exigir uma coerência de gênero, em que sexo anatômico, identidade, desejo e prática sejam aferidos no cotidiano, em que desejo e prática sexual oscilem, escapando à inteligibilidade.

A retomada de valores faz com que determinadas posturas relacionadas com o mundo masculino caíssem em de derrocada. Assim uma organização simplista e diametral entre “santa” e “puta” (Castells, 2002) relata como o movimento feminista, não pôde ser freado, mas atingiu não apenas o céu viril, mas também trouxe consigo as bichas, as lésbicas, os travestis, e outras maneira de existir e de se relacionar com o mundo. Esse processo acarretou uma mudança política: a “instituição patriarcal”, organizadora da masculinidade, começa a ruir, “Se o sistema familiar patriarcal desmoronar, todo o patriarcalismo, assim como tudo o mais em nossas vidas, se transformará, gradualmente e inexoravelmente.” (CASTELLS, 2002, p.171)

A “nova” mulher de forma sutil vem influenciando a masculinidade, questionando essa ontologia fundada na biologia. Como Bandinter (1993) observou, a natureza servia como uma grande bolsa comportamental. Ao justificar os atos masculinos, ela se tornava um local reacionário e a masculinidade era vista, desta forma, como uma confraria, que tinha na natureza sua finalidade. Tais posições não comportavam uma análise histórica de comportamentos, e sim os retificavam e afirmavam a experiência servindo como cama que acomodava as relações, não levando em conta o que era afinal ser homem, e como era vivenciar relações em tal envoltório.

O aprendizado de um homem começa com sua fase de homosociabilidade¹⁸, sociedade formada por homens, uma confraria que se inicia na pedagogia da virilidade,

¹⁸ Conceito cunhado por Daniel Welzer-Lang, que remete à ideia de relações social afetivas só com homens.

aferindo uma posse: a virilidade. Em forma de disputa a masculinidade é premiada por provas de mijo a distância, maratona de punheta (masturbação), quem tem o maior pinto (pênis), até a iniciação sexual através da felação, na maioria das vezes em homens mais velhos. Como em quase todo jogo, os que perdem são marcados pela “vergonha” de não pertencerem ao “grupo selete”. Cada etapa da vida é acompanhada por novas demandas; no primeiro momento a “casa dos homens” é marcada por dores e constrangimento, o segundo momento é de o indivíduo perceber que está sozinho, não tem o acompanhamento do pai nos primeiros momentos de dores, a casa está vazia.

Este alto custo para produzir um homem foi questionado nos anos de 1970, com a criação dos primeiros trabalhos científicos sobre masculinidade nos Estados Unidos, os quais refletiam sobre os valores que influenciaram o ser masculino. Se os “cowboys” eram homens solitários que viviam ostentando em seu comportamento austero a honestidade e a aventura, por outro a “mocinha” era representada por ser “prendada”, de muitas falas e meiga, (NOLASCO,1993). Nolasco demonstrou que tais atributos não eram naturais, e, sim, uma demanda ideológica que produzia comportamento, seja ela pelo cinema, pela literatura ou pela música.

A emancipação e o mirar individual trouxeram na sua crista ondas perceptivas, as quais foram se quebrando no “paraíso azul”; tais movimentos estão estreitamente ligados com a modernidade. Ao serem questionados os homens percebem em suas eleições, fundadas por modelos de segurança, o preço pago por abrirem mão de seus desejos e emoções. Este processo tem início na modernidade, no final do século XVIII, com a conquista da individualidade. Este rompante capital conferiu valor às conquistas do cotidiano. Trabalho, independência e ser bem sucedido financeiramente, eis os valores a serem abarcados, eis o homem a ser modelo. Quando é problematizada a relação tanto amorosa quanto sexual, as exigências deixam de ser prioridade e passam a ser questionadas, assim a virilidade torna-se apenas um “atributo” a ser construído e debatido.

Os grupos que discutem a condição masculina surgem para problematizar este “tornar-se homem”, bem como para apontar os impasses inerentes a esta condição. Esses grupos surgiram a partir da impossibilidade com que defrontam os homens de falar sobre sua singularidade e história pessoal, e são uma forma de representação de seu cotidiano. (NOLASCO, 1995, p.21)

Esta fragilidade coloca a “casa de cristal” em novos combates. Sua elevação foi elaborada em saber/poder, dominação que não se faz apenas com a força do Estado, e sim nas “significâncias” e “insignificâncias” do cotidiano, através de comportamentos doces, que contêm gotas amargas e violentas. O sol que banhava as seguranças não paira mais nas

janelas, cabendo-lhe intervir sobre seu significado de querer “ser”. Se poder é exercido de inúmeras formas, a influência insidiosa atinge as relações humanas, dirigindo pensamento, determinando significado, fixando ideias e estabelecendo a relação dominador/dominado como pressuposto de hierarquização das relações sociais.

As escatologias de Giddens(1993) e Castells (2002) sobre as mudanças irreversíveis ocasionadas pelo crescente aumento das mulheres no campo de trabalho, associadas aos avanços comerciais e medicinais na busca do prazer e da prevenção, favoreceram e aferiram maior debate sobre questões femininas: “...a liberação sexual, sem limites institucionais, tornou-se a nova fronteira da autoexpressão.”(CASTELLS, 2002, p.172.). A autoafirmação da pessoa passa por sua conquista, traz perguntas pertinentes sobre o comportamento sexual brasileiro, e conseqüentemente ocasiona mudanças relacionais.

Em seu livro, *A cabeça do brasileiro* (2007), o economista Alberto C. Almeida(2007), aponta alguns traços peculiares sobre a maneira de concebermos a prática sexual: distante da teoria, ainda demonstramos um forte conservadorismo quando tais dados têm como base o nível de escolaridade. É unânime a rejeição da homossexualidade masculina e feminina. Aliás a resistência aumenta quando se trata de práticas sexuais “não convencionais”, como o sexo anal: “ Na verdade, vários abismos separam os brasileiros quanto a valores relacionados ao sexo: idade, escolaridade, religião e religiosidade, só para citar alguns.”(ALMEIDA,2007, p.152).

E nesses abismos brasileiros, a dificuldade de mapear tais práticas nos permite questionar em qual momento nos encontramos ao nos referirmos às mudanças ocorridas na intimidade. Afinal, o que vem a ser um homem, e no Brasil, local que já autodenominamos de “cultura patriarcal”? Quais são seus questionamentos referentes aos seus sentimentos em relação ao amor e sexo? No Brasil, associações que pesquisam o comportamento masculino, como é o caso da Associação Brasileira de Pesquisa sobre o Comportamento Masculino, coordenada pelo psicólogo Sócrates Nolasco, da PUC-RJ, vêm contribuindo para essa desconstrução masculina.

A produção acadêmica ainda é tímida com relação aos estudos sobre a masculinidade. Em se tratando do campo historiográfico brasileiro, temos ainda que avançar, caminho este por ser feito, vozes que ainda não foram expostas. No “Segundo Capítulo” estas vozes farão parte da “biografia masculina” que começa a ser construída. Tenta-se perceber assim como esse “novo” homem surge, constatando que um dos seus aspectos, como já foi abordado por Almeida (2007), não é apenas um buraco a ser transpassado. São buracos, isto sim, e um deles começa a ter um fim identificado.

2. A PROPOSTA DO D.A.S.A.

2.1 O princípio do coração.

Mais uma reunião está prestes a começar, o comportamento denuncia os novatos. Estes, mais cautelosos quando chegam à sala, distanciam-se dos demais ao sentirem suas confissões. Desconfiados, lêem o material, já encontrado e distribuído pelos coordenadores da reunião. Em cada mesa encontra-se um programa dos “Doze Passos” e das “Doze Tradições”. Enquanto os mais, veteranos, se assim podem ser chamados, se saúdam, os novatos ficam à espera de serem cumprimentados também por eles. Sala organizada, tema do dia posto nos pedestais, advertências sobre como comparecer à reunião: perfume, roupas curtas e decotes não têm espaço.

Cada começo é retomado sobre o ponto de partida. Afinal marca de forma suave a maneira como cada um chegou àquela sala. Em rito é exercitada a “Oração da Serenidade”. Forma-se, então, um círculo, e de mãos dadas ela é pronunciada:

Concedei-me, Senhor,
A Serenidade necessária para aceitar as coisas que não posso modificar, Coragem
para modificar aquelas que posso e Sabedoria para distinguir umas das outras.
Que seja feita a Sua vontade, e não a minha. (D.A.S.A., p.50, 2002).

Esta massa de angústias e de dores começa a ser singularizada e repartida. Primeiro com os recém chegados, ao pronunciarem o próprio nome e admitindo sua impotência perante a dependência de amor e sexo. Encontra-se no 1º Passo a polissemia da palavra “impotente”, que atinge todos os meandros da vida. Desejo e intuição situam-se no bojo do reconhecimento da incapacidade de lidar com a própria vida. A Irmandade acolhe cada palavra e ato, tendo seu ponto de encontro na limitação de cada um: “Primeiro, significa que não possuímos qualquer poder habitualmente envolvido em fazer escolhas saudáveis em nosso comportamento sexual e emocional. Éramos escravizados ao sexo e ao amor...” (D.A.S.A., 2002, p.05).

E no seu turno temos a “1ª Tradição”, que reforça a unidade de D.A.S.A.; a recuperação passa a ser possível, quando se vivencia a experiência em grupo: “O grupo deverá sobreviver para que nós possamos nos recuperar.” (1ª TRADIÇÃO, 1999). Neste enredo, entre “Passo” e “Tradição”, esforço individual e convivência com os demais, é que a recuperação torna-se possível. A cada dia, o não praticar, reforça o encontro daqueles que compartilham a experiência da programação, com a expectativa de sobriedade. Sua aplicação

na vida e superação são relatados nas reuniões assim como os dias de abstinência. O relato que aborda a superação ou tentativa, que eram vistas antes como conquista pessoal, passa a ser vexatório, “Em D.A.S.A. estou aprendendo a viver um dia de cada vez, mais ainda, às vezes um momento de cada vez, e a entregar a minha vida e a minha vontade ao Poder Superior.” (T.W.S., 40 anos).

No século XVIII, a sociedade ocidental viu o desenvolvimento de um poder disciplinar, que Foucault analisou em sua obra *Vigiar e punir* (1997), como o fio condutor de relações das ciências humanas com o corpo, detalhando-o. Uma organização interna e a eficiência dos movimentos apresentam-se no livro do *Homem-máquina*, descrito em dois momentos: o primeiro por Descartes, médico, filósofo e anátomo-metafísico, com a atenção voltada para a produção de atos e gestos, na inferência de potencializar e apreender comportamentos individuais. O outro momento traz um conjunto de regulamentos institucionais, de escolas, de hospitais e militares, técnicos e político, em sua coletividade. “Dois registros bem distintos, pois se tratava ora de submissão e utilização, ora de funcionamento e de explicação: corpo útil, corpo inteligível.” (FOUCAULT, p.118, 1997)

Esta rede extraía do corpo uma “docilidade-utilidade”, e consistia em algumas novas técnicas, já que “Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes...;” (FOUCAULT, 1997, 118), mas sim, de seus procedimentos. Através dos detalhes, promove-se uma fragmentação e para dar maior precisão na intervenção. Não iremos mais encontrar na força o trabalho, e sim, na persistência. Por fim, cada aspecto a ser detalhado é abordado. Nesta fabricação, a alma, como substância abstrata, passa a ser tratada como materialidade a moldar.

O poder disciplinar é fruto do deslocamento de poder, que estava concentrado nas mãos do Rei, passando a um corpo burocrático e institucional, disseminado ao longo do tecido social: “Não há um corpo da República. Em compensação, é o corpo da sociedade que se torna, no decorrer do século XIX, o novo princípio.” (FOUCAULT, 2001, p.145). Essa relação de poder, mais fluídica, nascente, da passagem do século XVIII para o século XIX, lança seu olhar sobre as múltiplas relações de poder presentes nas instituições sociais, nas quais se forjou o indivíduo disciplinado e normalizado.

Este mecanismo de normalização, dentro de cada instituição, ocorre através da separação entre indivíduo “normal” e “anormal”. E, neste aspecto, Foucault, tem a apresentação do poder, o domínio da norma, esta não apenas reprime uma individualidade ou uma natureza dada, mas a constitui, a forma, diferente da lei, em que as condutas individuais dão-se por meio de um *corpus* de textos. A norma refere-se aos atos e condutas dos

indivíduos, campo que é, ao mesmo tempo, comparação e diferenciação. Esse processo de separação é fundamental em se tratando da produção do sujeito moderno, o sujeito normalizado. Mas o ponto central visava à administração do corpo individual, à administração da vida. A grande maquinaria agora estava voltada para o controle do “corpo-espécie”: “...constituirão a grande tecnologia do poder no século XIX: o dispositivo de sexualidade será um deles, e dos mais importantes.” (FOUCAULT, 2006, p.153). A gestão é calculada à partir da vida e da população de um determinado corpo social. Na descoberta do *biopoder*, analisada na *História da sexualidade* (2006), Foucault coloca a sexualidade como uma produção do discurso científico e moral, pautados pela vontade de saber, ideal de normalidade e de obsessão, acerca de delimitar o que vem a ser anormalidade.

Aspectos de D.A.S.A., e leituras de “autoajuda” estariam no foco desse poder saber, ao normalizar comportamentos, sugerindo uma leitura de experiência comum, em os “Doze Passos” e a convivência com os demais membros, em “Doze Tradições”. A “arte de distribuir” é caracterizada. O isolamento recai sobre si próprio, minando a massa uniforme, fazendo com que cada indivíduo seja isolado, e cada corpo se torne um espaço a ser ocupado. Esta distribuição tende a limpar as conversas, colocando um ritmo singular e estabelecendo com isso um padrão de dependência, ou uma força que impele a definição da doença. Há mudança de comportamento, mas não dos padrões nos quais a doença se manifesta;

Nós nos engajaríamos em atividades solitárias tais como a masturbação, *voyeurismo* ou o exibicionismo e proclamaríamos que eram melhores, já que não estávamos mais envolvendo outras pessoas diretamente em nossa doença. Tais tentativas eram tão fúteis quanto para um alcoólico trocar a cerveja por vinho, ou vice-versa, argumentando que tal coisa era uma “melhora”. (D.A.S.A., 2006, p.12)

Este espaço de unidade gira tanto pela ocupação geográfica quanto pela fala. “Não falo sobre essas coisas com amigos, familiares ou no trabalho, é aqui que encontro um espaço, e que posso falar.” (P.D.A, 43 anos). Este espaço redireciona, transformando angústia em conforto e confiança. A relação se estabelece através de um programa. Aquilo que é buscado e almejado por todos que ali se encontram é a recuperação. A dor infalível de se encontrar no “fundo do poço” tem como única saída a abstinência e viver a programação de um dia de cada vez. Ao romper laços antigos, uma mecânica é evocada. A determinação e a perseverança são seus arautos. A cada dia a doença companheira antiga pode vir despercebida, e nesta cruzada, a recaída tem nome: praticar.

Neste desprendimento, a fala é acolhida de forma minuciosa, onde é produzida. A sociedade moderna tem na conduta sua valorização, traça a fronteira, que é exterior, a lei que

estabelece o aceitável ou o condenável. Uma visibilidade e uma classificação incessante sobre os comportamentos tornam a norma uma constante de classificação dos indivíduos. A norma não é uma lei natural, mas coerciva. A sala, na disposição de ouvir o outro, tem seu caminho na percepção da cura. A manifestação da doença, sem folga, pode ser encontrada nas mais remotas lembranças, no passado que teima em nos clamar;

Às vezes não percebemos o quanto exercemos a nossa doença durante as reuniões, através de nossos depoimentos. Como isso acontece? Quando nos perdemos em ressentimentos e lamentos, lembranças eufóricas ou detalhes sórdidos do nosso tempo de ativa, isso é um claro sinal de que estamos perdendo de vista o nosso principal propósito - a recuperação. (1ª Tradição, 1999).

Giddens (1993), ao inferir suas observações na obra foucaultiniana, traz um ataque sobre a “hipótese repressiva”. Para Foucault, esta hipótese, formulada através do primeiro volume da *História da Sexualidade, Vontade de Saber* (2006). História da Repressão, estaria neste momento a serviço da sexualidade, tendo no século XVII seu marco e sendo própria do mecanismo das sociedades burguesas. A despeito dessa hipótese repressiva, é demonstrado que, nos últimos quatro séculos, ela foi vivenciada de maneira diferente. Tal mecanismo de poder constitui, agora, um exercício, um “dispositivo de sexualidade”, e discursos são incitados. Uma proliferação discursiva começa a surgir. Mesmo havendo uma depuração do termo e certo controle sobre o mesmo, o que entra em destaque, entre os vitorianos, de fato, é a excitação em falar sobre sexo. Há um preço a pagar no processo de formação das instituições modernas: quanto maior o benefício, maior é o controle, segundo Giddens (1993). A organização de saberes, em uma *ars erótica*, não leva em consideração o eixo, a sexualidade e o amor romântico, que encontra seu reflexo nas transformações familiares. A figura do romântico começa a ser ensaiada pelo cortejador e, entre as famílias burguesas, adquire valor. Não que a riqueza não tivesse importância, mas surge outra maneira de avaliar um pretendente. O laço matrimonial ganha um novo e especial significado, entre o homem e a mulher e as famílias começam a contrair-se: “Pela primeira vez, para uma população maciça de mulheres, a sexualidade se aparta de um círculo crônico de gravidez e parto.” (GIDDENS, p.37, 1993). O século XIX, para Giddens (1993), levou à primeira revolução na autonomia feminina, acarretando profunda consequência para a sexualidade masculina:

O único outro consolo em meus primeiros anos vinha do contato físico com minha mãe. Habitualmente ela não demonstrava nada fisicamente, exceto para me embalar e me fazer dormir quando eu acordava com pesadelos, ou punir-me com espancamentos. Quando eu estava doente e com febre, contudo, ela me levava para sua cama e dormíamos como namorados, meu corpinho todo enrolado, coberto e envolto da cabeça aos pés pela sensualidade do calor materno. (D.A.S.A., 2002, p.03)

Outro aspecto, destas mudanças, atingiu a família, não apenas pela diminuição da prole, como também pela introdução dos meios contraceptivos, cujos avanços científicos e laboratoriais ajudaram a desvincular a atividade sexual da reprodução: “...que daí em diante pode tornar-se totalmente uma qualidade dos indivíduos e de suas relações mútuas.” (GIDDENS, p. 37, 1993). E ao consagrar as instituições, a família como local de reflexividade, sua mudança consiste em movimentos que estabelecem uma ampliação das discussões, acarretando uma maior circulação de informações e conhecimento. Giddens (1993) discorda, ao apontar tanto a psicanálise quanto a terapia e a literatura de autoajuda, como fornecedoras de ferramentas, em que o confessor era restrito, criando um ambiente de flexibilidade. Assim, narrativas pessoais passam a dar o compasso do “eu”:

Em uma situação terapêutica, seja ou não de um tipo psicanalítico clássico, os indivíduos são capazes (em princípio) de conduzir o seu passado de acordo com as exigências do presente, consolidando um enredo emocional com o qual eles se sentem relativamente satisfeitos. (GIDDENS, ps. 41-42, 1993)

Se por um lado, segundo Giddens (1993), a literatura de autoajuda ou a terapêutica fornecem um olhar de conselheiro instaurado no presente, em que a reflexão das ações cotidiana ganha cada vez mais importância, instalando-se a primazia de uma centralidade produtora de autoconhecimento, uma vez que as emoções desempenham um dos vieses para o autoamadurecimento pessoal e também social, por outro, para Foucault (2006), a sexualidade é transportada para a relação de poder através de sua instauração como objeto de saber, *scientia sexualis*, ao produzir uma ciência da sexualidade - livros científicos, cartilhas de condutas e manuais de relações afetivas -, extraindo-se daí a verdade. O íntimo, traduzido na descoberta do “próprio” corpo, cria uma linearidade entre passado e presente, orquestrando uma lógica. Esta ruptura da tradição com a modernidade é percebida pelo reconhecimento de suas referências: “O indivíduo, durante muito tempo, foi autenticado pela referência dos outros e pela manifestação de seu vínculo com outrem (família, lealdade, proteção)...;” (FOUCAULT, p. 67, 2006). Ao pensar em uma produção de saber, esta instância produziu uma individualização, do sexo e de sua lei. Em conformação com um regime binário, do lícito e do ilícito, cristalizaram-se instituições que tomam corpo nos aparatos estatais. É preciso pensar em um “poder sem rei”.

Também Bauman (2001) irá tratar estas mudanças institucionais não como uma transição de repressão para instituições reflexivas, mas, sim, como um isolamento que lança o indivíduo à sua própria escolha e responsabilidade. Os laços de pertencimento eram uma espécie de âncora, cujo pertencer ontológico dava segurança. Agora este indivíduo é lançado

no espaço de sua própria escolha, orbitando, não por laços duráveis, mas por acreditar “que um Poder Superior a nós mesmos poderia nos devolver a sanidade.” (D.A.S.A., 2006, p.14).

Para ele, a sociedade moderna produziu um novo “panóptico”¹⁹, em vez do olhar no alto da torre. Vigilância e atenção a qualquer movimento se faz presente, de forma mais fluídica e tensa, produzindo um olhar interno. De um lado, a sociedade analisada por Foucault (1997) produziu indivíduos produtor/soldado e de outro, temos um novo indivíduo a ser produzido e excitado pelo capitalismo, a ser chamado de “*acumulador de sensações*”. (BAUMAN, 1998): “Gostávamos do poder que nos dava nosso sex-appeal ao reforçar o nosso domínio sobre outros sugerindo que podiam ser trocados.” (D.A.S.A., 2006, p.16).

Este acumulador de sensações, não de vivência e prazer, e sim, de consumir e possuir, trafega no que Foucault (2001) tinha localizado como um “*controle-estímulo*”. Um controle permanente de excitação, produtor de prazeres. Reacende-se a indefinição dos jogos de poder, que não fixam estes controles sobre a investigação, mas sim no ato, nas linhas diárias. Em outras palavras, estabelecem-se no exame e perpetuando-se em uma ordem do saber individual, em uma sociedade normalizada. A política é aplicada na divisão entre indivíduos, que extrai da liberdade seu exercício de adequação e vigilância;

Quando nos omitimos não comparecendo às reuniões, não prestando serviço, ou quando nos comportamos de forma irredutível e autoritária, como “donos de grupo”, interferimos diretamente no exercício da consciência coletiva, impedindo a manifestação do verdadeiro Presidente, o Poder Superior. (2ª Tradição,1999)

Escolha e renúncia fazem parte agora desse jogo, ao sujeitar cada um ao “Poder Superior”, à imagem de um irmão que acolhe e protege. Elo de normatização entendida como superação das dificuldades que circulam, criando assim, uma identidade a intercambiar:

Ao escutarmos suas histórias sobre a doença e a recuperação, pudemos nos identificar em profundidade com seus padrões de dependência e valores adoecidos e pudemos ver claramente que agora levavam vidas mais positivas e saudáveis. (D.A.S.A., 2002, p.18)

Esta identificação é assinalada por aqueles que falam, e pelos que os escutam, ínterim de sujeição, ao se pronunciar a impotência em lidar com a doença. Aos demais que ouvem, fica a esperança de não se curarem, mas de controle, ao se sujeitarem à programação

¹⁹ O *Panóptico* de Bentham é uma construção periférica, com forma de anel, e uma torre no centro deste anel. O edifício está dividido em celas, cada uma com duas janelas: uma funciona como entrada de luz, e a outra que dá para a torre central. Esta, por sua vez, possui janelas que permitem olhar os prisioneiros. O que está em jogo é a distribuição dos espaços, dissociando-se a dupla “ver-ser visto”, e criando-se uma sensação, mesmo fictícia, de vigilância constante.

da Irmandade. A experiência de recuperação, criando matriz geradora de identidade, revigora-se dentro daquele espaço, a sujeição sendo apontada no “3º Passo”: “Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que concebíamos a Deus.” (D.A.S.A., 2002, p.20).

Como já fora dito, a produção comportamental, dada por tais instituições (escola, prisão e oficinas), favorecia uma mecânica identitária: esquadramento do espaço, onde corpos e lugares se encontravam, a posição na fila, linhas horizontais e verticais que atingiam espaçamentos vazios e, a ausência, em vez da presença, tinha que ser notada. Ao receber o passado sobre as bases da infelicidade, a doença identificada sobre este ponto, o presente ganha letras, gerando euforia de um novo recomeço. Legível é a insatisfação com os próprios atos. O exame não apenas suaviza as palavras, mas as aprisiona ao ouvinte neste instante.

A confiança sobre uma “consciência maior” cria grilhões dos quais todos fazem parte: “No coração dos processos de disciplina, ele manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam.” (FOUCAULT, p.154, 1997). Nesta ciência encontram-se seu embrião: a constituição e a construção de outros saberes, a curiosidade e a dúvida, irmãs siamesas que materializam o homem, não apenas como carne. Em textos e neste traçar gráfico, a confusão e os borrões fermentam sua *Episteme*.

Neste movimento legível, classificar e avaliar cada setor da vida, ser minucioso e descrever requerem coragem, não aceitando mais antigos padrões. A crença em um “Poder Superior” recupera homens e mulheres, interna e externamente; pensamentos e vivências se integram, passado e futuro são reescritos, ganhando novos sentidos no presente. Pois estas perspectivas não se cobrem. Experiência e espera são tensões temporais que transpostas, criam rupturas, e é no presente que estas tensões são percebidas: “...estava nos ajudando a lidar com nossas vidas externas, era mais fácil tornar-se aberto à limpeza do lixo interno, a confiar na orientação de Deus para a jornada interior.” (D.A.S.A., 2006, p.25).

Segundo Foucault (1997), no exame, o indivíduo é uma célula que pode ser percebida em meio a este tecido. O antropólogo David Le Breton (2007), entretanto, afirma que, nas sociedades ditas antigas, a concepção da identidade permeava a coletividade e sua correlação com os demais membros. A crença em uma totalidade inibiria, assim, o individualismo, pois através da vivência com seu todo o individual seria percebido. Nas sociedades modernas, esta concepção é transformada por relações, a posição é cunhada no próprio corpo, passando uma ideia dialógica, entre sujeito e corpo. Sendo colado na matéria, o homem passa a ser um cabide da carne que deve ostentá-lo. Estes dois autores permitem, assim, inferir sobre o “4º Passo” que, neste momento, é cercado por entrega, em um sistema

de crença singular, permitindo uma ligação com um Ser Superior. Este mergulho requer inventário moral, escrita do eu, individualizando e identificando as falhas e fraquezas;

O que nós realmente buscávamos não era apenas o alívio da confissão, o de haver completado uma lista específica ou narrativa de nossas vidas. O que precisávamos era conseguir uma compreensão sobre nós mesmos, tanto quanto possível sem medo, orgulho ou reservas. Precisávamos achar um alicerce e desta base analisar, sem ilusão, o que fôramos no mundo, o que achávamos que tínhamos sido para os outros e para nós mesmos. Além disso, precisávamos ver os motivos por trás de nossos atos e a imagem que mostrávamos, para compreender a satisfação que derivávamos de nossa dependência. (D.A.S.A., 2006, p.25-26)

A entrega refeita surge na submissão, na condição de dependência e/ou doença. Este microscópio foucaultiniano permite a historização presente nas instituições sociais, nas quais foram forjados os indivíduos disciplinados e normalizados, exercendo-se sobre os mesmos não mais um poder repressor, mas sim um poder com efeitos positivos e discretos sobre o corpo. A aceitação, assim seria um destes processos. Como Breton (2008) posiciona, o corpo seria o “brasão” da sociedade moderna e deve ser ostentado com desejo. Estas máquinas disciplinares, não estariam mais localizadas em local fixo e de ocupação geográfica. Suas fronteiras estariam dissociadas dos muros e grades, limite a ser defendido, que passa a ser a gestão da vida. Se nos séculos de nobreza o sangue era o testamento a ser defendido, no precedente século burguês, a saúde é a linha demarcada. Inventário passa a ser sinônimo de individualidade, reforçando comportamentos passados, e produzindo indivíduos. Corpo e documento crescem, em medidas proporcionais, desdobrando em práticas enunciativas, sua especificidade. Nesta mecânica, o corpo passa a ser arquivo, regendo, assim, sua formação e transformação. Sua força política atravessa o campo da estabilidade, pronunciando luzes em mares revoltos.

A produção de novas subjetividades não assusta mais neste momento. Usando uma expressão de Bauman (2001), “fluídico” até nos encanta com seu valor altruísta, reconhecimento das falhas, reinicia a partida, o olhar externo, este não tem tanta coerção e força, mas o olhar interno, o da consciência, este sim, “arte de talhar pedra” não vem mais de fora para dentro, mas de dentro para fora;

Ao olharmos para nossas vidas atuais e para o passado, vimos que virtualmente tudo o que fizemos e todos os que conhecemos foram explorados para satisfazer nossas necessidades de dependentes. Podemos ter começado nosso inventário com relacionamentos particularmente penosos em nossa vida. Mas logo começamos a ver os padrões: dávamos a vida por certos tipos de mulheres ou por pessoas bem sucedidas; procurávamos pessoas que podíamos “socorrer” ou que pudessem nos “socorrer”, vestíamos-nos para atrair o tipo de pessoa que dizíamos não querer, seduzíamos as que tinham algum tipo de poder sobre nós através do trabalho ou da amizade; afastamos nossas famílias com maus tratos verbais ou emocionais quando mais precisávamos delas, e assim por diante. (D.A.S.A., p. 26-27, 2006).

Esse desvendar requer o rasgar das vestes comportamentais, o desejo de querer ser tem seu contrapasso naquilo que é constrangimento do passado, o caráter forma a personalidade, passa a ser trabalhado, lapidado dia a dia, pedra angular para o destino pessoal: a recuperação. “A tarefa mais lenta e difícil que uma pessoa enfrenta é a de produzir uma mudança de caráter em si mesma.” (P.D.A, 43 anos). Uma lista honesta permite esta divisão: “tolerância”, “boa vontade”, “honestidade”, “comunicação”, “caridade”, “dignidade”, “humildade”, “otimismo”, “perdão”, “responsabilidade”, “consideração” e “amizade”. Em contraponto, temos “egoísmo”, “subestimação”, “falso orgulho (arrogância)”, “hipocrisia”, “preguiça”, “vulgaridade”, “decepção”, “condenação” e “falta de sinceridade”. Pontos que se cruzam, não produzindo uma causa e efeito, e sim, alicerce a ser combatido. No refinamento destas grades, transferidas por uma conduta racional, a explicação que é gerada apertada de forma suave e leve a cada um. Vários pontos confundem-se e lançam cada um ao seu trabalho interior;

O Programa de D.A.S.A. está se revelando para mim como uma fonte inesgotável de motivação para construir uma vida com “qualidade de vida”.

No mês passado passei por um período de depressão e novamente me vi reagindo à negativa com mais negatividade. Ataques depressivos são coisas duras e não há como sair deles somente pela força de vontade. A maneira que descobri para encurtar a duração dessa sofrida imobilização foi entregar-me aos cuidados do Poder Superior, como de começo. Não adianta querer entregar, o que resolve é uma verdadeira entrega. Se paro de entregar, de conversar, de dialogar com o meu Poder Superior, a confusão e os conflitos voltam e literalmente perco as forças e caio novamente na dependência sexual. Se consigo recuar um pouquinho do meu poço emocional de baixa estima, ganho certa perspectiva e vou devagarinho “caindo na real”. (A. B.T. 27 anos)

2.2 Palavra cura: busca da independência.

O cair em “si” é assinalado pelo encontro entre pessoa e corpo, antes eclipsados durante a doença. Desejo e vontade são pontos que não têm fim, mas partem do mesmo princípio, o começo da recuperação. Amarram a todos, compartilhando os mesmos motivos. Trata-se do condutor de um entrelaçamento. A “3ª Tradição” afirma: “O único requisito para se tornar membro de D.A.S.A. é o desejo de parar de viver em padrão de dependência de Amor e Sexo.”(1999). As experiências compartilhadas dentro de cada encontro contêm, em dose homeopática, a substância terapêutica que é a revelação. A palavra cura. O enunciado e o indivíduo se cruzam em um projeto reflexivo que Giddens (1993) sinaliza como uma instância da modernidade, aproximando o corpo do “eu”, em processo de autoidentidade, responsabilidade individual.

E aí, eu, pela primeira vez na vida, numa cama de motel, me escolhi. Tá certo que de certa forma foi fácil porque eu não estava apaixonado, mas foi o primeiro movimento de dignidade na minha vida e eu preciso validar isso. (C.R.D, 36 anos)

Mas estes segredos antes revelados, que tinham seu espaço geográfico bem delimitado pelo confessional, começam a ter outras definições. Os jardins, em companhia de outras mulheres, que eram vistas em forma de arrependimento, agora aparecem na soleira da intimidade, ganhando contornos novos, que acompanham as mudanças ocorridas na vida cotidiana. O século XIX passa a ser testemunha do mergulho na intimidade. Corbin (2009) descreve, através da acentuada avaliação do “eu”, uma “teologia moral”, proporcionando ao indivíduo um decifrar de si mesmo. Os diários íntimos e os locais antes paisagísticos, como jardins e bosques, assumem uma nova dimensão: a “reconciliação com o eu”. A confissão assegurava uma absolvição exclusivista e o pronunciar reflexivo seria sua grande trama: “A proliferação dos “regulamentos de vida”, a crescente precisão das “resoluções” acompanham o aprofundamento dos exames.”(p.426).

Assim, Corbin (2009) percebe uma “contabilidade moral” que passa a acompanhar a vida íntima, por educadores e pregadores a exercerem uma avaliação diária de seus atos. Nesta contabilidade, cada momento deve ser resguardado em sua utilidade, o dia deve ser dividido, e ministrado com maestria. Nesse aspecto pode-se perceber o respingo das influências do amor romântico na organização cotidiana, já que Fromm (1986) e Giddens (1993) apontam uma atribuição ao caráter, cuja imagem sua refletida na vida pública.

A incapacidade de lidar consigo faria parte dos mecanismos que Foucault (1997) declara serem normatizadores, ao propor uma decifração dos próprios atos. A intimidade passa a ser tirânica, cabendo ao indivíduo colaborar para sua própria mudança. O diário seria este espaço, que colocaria a vida pública distante da vida privada. Um padre e confidente se encontram na mesma pessoa “...interior permite também que se controle a aparência pessoal, tornando-a ao mesmo tempo mais indecifrável aos outros; o necessário segredo do indivíduo”(p.427). Introspectivo, a cada indivíduo cabe o quinhão a trabalhar.

Esta experiência faria parte das conversas que haveria em espaços e momentos da confissão, seja com amigos na sala ou em consultas médicas que começavam a ocorrer no lar, favorecendo, assim, um contato. Carne e palavra seriam associados, a identidade teria seu local cada vez mais fincado nas entranhas e linhas de papel, cuja existência estaria sendo vigiada por laços rígidos. Sua evidência fragilizada se fazia presente na família. Ao propor o local de excelência da sabedoria, o filósofo Walter Benjamin (1996) nos inquieta sobre a experiência como é hoje encontrada, não por transitar em si um conhecimento, uma lição para

a vida, mas por se locomover através daquilo que Bauman (1998) caracteriza como uma lição de vida, em que a “acumulação de sensações” deriva de uma detenção capital;

Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes, podemos afirmar o oposto: eles “devoram” tudo, a “cultura” e os “homens”, e ficam saciados e exaustos.(Benjamin, 1996, p.118)

A importância neste sentido de historicizar esta categoria, tão imprescindível e cara para os estudos historiográficos, tem na feitura de seus tempos uma história vivida. Por outro lado, a adequação de tais programas, que são os “Os Doze Passos” e as “Doze Tradições”, em uma história de conhecimento, sem estes campos seria impensável. A experiência nestas salas é atualizada ao ser confrontada com as escolhas do presente. O conflito em um futuro de espera, em que prazer e satisfação são vistos, acontece agora como prática. O tempo, marco temporal, deixa de ser uniforme. O presente ganha preponderância, em relação a outros momentos;

E sujeitos são, de fato, agentes. Eles não são indivíduos unificados, autônomos, exercendo a vontade livre, mas sim, sujeitos cuja atuação é constituída através de situações e *status* que lhes são conferidos.”(SCOTT, 1998, p.320)

E percorrer caminhos nos leva a dialogar com Guattari (2008), que confere ao sistema capitalista não uma produção de ideologia, mas uma concentração produtiva de subjetividade, “...não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo.” (GUATTARI, p.34, 2008). A ocorrência capital instauraria maneiras de percepção de mundos, produzindo, com isso no indivíduo suas relações no seu cotidiano. Valorizando competências e atribuições o indivíduo meça-se por seu desempenho: “Graças ao Poder Superior, eu consegui arranjar um emprego com salário equivalente à minha competência profissional.” (CRD, 36 anos).

Tais processos correspondem a uma descentralização dos enunciados e são produtores de subjetividade. Esta produção define a maneira de perceber o mundo: de um lado temos uma natureza “extra - pessoal”, “extra - individual”, que fica encarregada do aparecimento do mundo, sendo encontrada nas instituições, na tecnologia, na ecologia, e não fazendo parte da primazia humana. Do outro, temos uma feitura de primazia humana, encarregada de expressar sentimentos e sensações, assim como de valores e de inibição. Estes processos são chamados de “agenciamento coletivo de enunciação”; “É claro que sempre se reencontra o corpo do indivíduo nesses diferentes componentes de subjetivação...;” (GUATTARI, p.40, 2008). Assim, esta produção, que Guattari (2008) chamaria de

“agenciamento coletivo”, dar-se-ia por enunciados e gerenciadores de expressões. Podemos entender a 4ª Tradição no sentido de que; “(...) vem nos orientar que o grupo tem toda a liberdade em D.A.S.A., mantendo o foco em seu crescimento e na recuperação de seus membros, somente assim cada um de nós pode se sentir respeitado.”(1999)

Não fazendo parte de um processo centralizado e sim descentralizado, o indivíduo é produzido em série. Por outro lado, a subjetividade passa a ser fabricada e produzida através de múltiplos agenciamentos, através da família, na figuração do pai ou da mãe, criando desta forma sentimentos, afetos. Este corpo individual, para existir, passa a consumir subjetividade produzida através de novas percepções. Os terminais de produção de subjetividade, ou “agenciamento”, podem ser apontados na “nova biologia”, estabelecendo efeito nas relações afetivas entre homens e mulheres, a distinção natural entre os sexos. A evocação da feminilidade, uma condição perpétua de ser mulher, garante a ela uma “educação particular”, já homem é macho em certos momentos, (Corbin, 2009). Uma *scientia sexualis* assegura a distinção dos papéis de gênero, segundo a crença nos avanços da civilização. O sangue da menstruação se torna capital na metade do século XIX, para a definição da essência feminina, ao comprovar que estes são processos naturais, um triunfo da ciência ante a religiosidade. O corpo feminino é emancipado do seu confessor, o escudeiro de Deus, (Foucault, 2006). Neste momento os laços começam a se afrouxar. A medicina, a família e o Estado são locais de produção e diluição de novos comportamentos, em uma busca frenética pela percepção de que “...um indivíduo sempre existe, mas apenas enquanto terminal; esse terminal individual se encontra na posição de consumidor de subjetividade.” (GUATTARI, 2008, p.41).

Este consumidor quer acumular sensações, como objetos em uma estante. Tem um coração de cristal a ser mostrado a todos que visitam local. O sucesso será representado por um cartaz a ser fixado, endereçado a si mesmo. Sentir é invadido por um ideal a ser consumido, gerando problema com o objeto;

A meta do amor passa pela segurança. Nos apoiamos em elementos externos, nós não temos amor próprio, buscamos dinheiro no Banco, montamos família, compramos casa, cama, DVD etc... Algumas vezes também nos sobrecarregamos de responsabilidades e de trabalho compulsivo, comemos da mesma forma ou não comemos, podemos nos tornar manipuladores tenazes, abusamos do beber drogas ou sexo, passamos a querer controlar tudo e todos.(B.C.A, 43 anos)

Em razão da incapacidade de se vivenciar uma experiência emocional, capaz de validar para o indivíduo seu local no mundo, o século XIX promoveu a escrita e ocorreu uma proliferação do diário íntimo, tendo no amor romântico seu viés de narrativa do “eu”. Assim, abriram-se caminhos, que Corbin (2009) e Giddens (1993) suscitam como claustro reflexivo. Esta reflexão não tinha como finalidade uma aproximação com as coisas do mundo ou mesmo

contato com as mesmas, mas um deslumbrar sobre si: “O eu de cada pessoa tornou-se o seu próprio fardo; conhecer-se a si mesmo tornou-se antes uma finalidade do que um meio através do qual se conhece o mundo.” (SENNETT, 1998, p.16)

Este rastro pôde ser acompanhado por uma reviravolta. O ato de “se- fechar” recai como peso e angústia e a sua chave de ouro consiste na percepção do outro, e na autonomia. O “5º Passo” remete a essa ligação com o mundo, e à sua importância para o indivíduo continuar a caminhar;

O Quinto Passo era a maneira pela qual começávamos a permitir que nossas vidas se tornassem abertas. Já fora bastante difícil, através do extenso processo do Quarto Passo, tornarmo-nos abertos a nós mesmos. Não obstante, se não fôssemos adiante e partilhássemos com outra pessoa o que havíamos descoberto sobre nós mesmos, nossa sobriedade correria um grave risco.”(D.A.S.A., 2006, p.31)

Exercícios expostos, mesmo em um ambiente propício a tal atividade, encontraram resguardadas as suas palavras com uma advertência, o anonimato. A pronúncia vem edificada na transmissão da mensagem de recuperação. Se tais locais de pronunciamentos fomentaram um saber específico, criando uma regularidade de práticas sociais, este “poder saber” legitima a fala dos profissionais. Por outro aspecto, a transmissão da mensagem passa a ser a pedra angular do grupo, e para ter este caráter basta desejar:

Para que o grupo possa estar animado de um único propósito primordial, é antes necessário que cada indivíduo reflita com sinceridade sobre seu próprio propósito. Quando desejamos, de fato, a nossa recuperação, mantendo abstinência dos padrões doentes e praticando os 12 Passos, certamente colhemos os benefícios desses esforços, o bem-estar aumenta e sentimos gratidão. É esse sentimento que nos leva a sair de nosso egoísmo e a pensar nos outros companheiros que ainda sofrem e que necessitam de ajuda.”(5ª Tradição, 1999)

E seu mover é através da gratidão. O reconhecer tem em especial a afetividade do encontro. O esforço de compartilhar e de estabelecer um inventário do passado fez com que cada reunião se transformasse em um encontro, o compromisso passando a ser com os novatos, aqueles que chegam ao local como estranhos. Tais segredos agora tornam-se matriz de convivência. Ao perceber no outro uma aura borrada, rabiscada e rasurada, as intrigas passam a ser estratégia política contornada e recebida “Com toda a minha gratidão.” (S.D.P, 43 anos)

Outro aprendizado em cima dos depoimentos é que eu percebi que todos falam, mesmo que inconscientemente, de falta de carinho; são pessoas que não sabem ou não querem receber ou dar carinho às pessoas com que convivem. Desde esse dia tenho investido em acariciar a todos que me cercam, seja com uma palavra, com o olhar, com algum tipo de ajuda e até mesmo com um toque na pele sem levar para o lado sensual. (S.D.P, 43 anos)

Segundo Bauman (2001), estes pigmentos rosa fluem para a descrença social, transformam-se em um desamparo social, sendo que a crença em um sistema utópico deixa de existir, para vigorar na premissa individual de salvacionismo. É salutar a popularidade que vem sendo acumulada pela literatura de “autoajuda”. Ao transformar a dependência em seu verniz, comunicação passa a ser de uso comum e até corriqueiro, não criando constrangimento, e sim uma rede que, ao:

...resolver os problemas de outras pessoas nos torna dependentes, e a dependência oferece reféns ao destino – ou, mais precisamente, as coisas que não dominamos e a pessoas que não controlamos; portanto, cuidemos de nossos problemas, e apenas de nossos problemas, com a consciência limpa. (p.27)

Neste projeto de empreendimento percebe-se uma “política-vida”, o individualismo burguês, que escapa aos projetos mais amplos, ancorando no refinamento das demandas individuais. Os “eus” são multiplicadores de condutas, e o sucesso tem consequência direta da aplicação e dedicação, sinalizações que não podem faltar para alcançar tais desejos. Ao se empenhar nessa empreitada, tanto emancipação individual quanto o social tornavam-se “anúncios públicos de sentimentos e desejos privados.” (HOBBSAWN, 2001, p.325). Esta curva que recai sobre os ombros e o reconhecimento é um ato digno.

A ideia de renunciar à nossa total identidade e aceitar qualquer processo de mudança que fosse necessário, era apenas um conceito abstrato nos Segundo e Terceiro Passos. Estávamos agora encarando a realidade do que isso significava. Era muito mais fácil sobre a disposição de renunciar aos defeitos de caráter descobertos no Quarto Passo do que realizá-lo, o que estaria bloqueando esta disposição.(D.A.S.A., 2006, p.36)

Ao buscar a dignidade de viver, percebe-se uma comercialização que se encontra na moeda corrente de confiança. A intimidade começa a ser uma das mercadorias nas relações precedentes. Quanto maior o segredo, mais confortável o indivíduo irá se sentir para fazer relatos sobre si, tendo com isso uma procura infatigável por respostas, que são sua responsabilidade exclusiva: ”...o que elas fizeram eu também posso fazer; talvez até melhor. Posso aprender alguma coisa *útil* tanto com suas vitórias quanto com suas derrotas.” (BAUMAN, 2001, p.81).

E neste mar insalubre encontramos o desespero de revigorar, não mais o futuro, como decreta Bauman (2001), com o fim das distopias, mas sim o presente, que passa a ser o apanágio de reafirmar a cada um. Neste momento as vivências são avaliadas e aproximadas com a insatisfação e o desejo de recomeçar, que Giddens (1993) observa como algo positivo e de importância para a constituição consciente de cada um em seu tempo e espaço. Sendo

assim a capacidade da prática nesse exercício de deslumbramento sobre si e sobre o outro, encontrada nas salas anônimas, passa por um propósito singular: o da recuperação.

2.3 Sou igual a você

Ao edificar sobre a insatisfação de caráter e personalidade, o desejo de sobriedade e de abstinência tece um enredo capaz de identificar as mais diversas vozes, que ecoam com a dor e com a busca por um autocontrole de suas pulsações sentimentais e sexuais. O relato provém de um passado compartilhado, e ao dividi-lo com os demais companheiros de jornada o transforma também em estratégia, calcada na recuperação e do desejo de superação. Esse diferencial faz com que o pertencimento seja levantado pela superação e pelo reconhecimento das próprias fraquezas.

Não posso negar que a autoestima fica abalada, diminuída, mais ainda do que já era antes, quando uma pessoa que ama outra (e imagina ser feliz e haver constituído uma união estável, duradoura e indestrutível, determinada pelo Altíssimo – aquela força maior e superior que os unira um dia), fica sabendo que nada daquilo era verdade, e que a convivência causava, de fato, a infelicidade da outra “metade”, que sofria até então, na esperança de que, um dia, surgiria a oportunidade (ou a coragem) de dar um basta e se manifestar, pondo um final naquela situação.(A.A.C, 34 anos)

De acordo com Giddens (1991), o sentimento de continuidade sobre os eventos do mundo reside na confiança entre as pessoas. Esta segurança no futuro, de que as situações ou coisas permaneçam estáveis, está ligada a esta confiança ontológica no outro, que é alastrada para toda a vida. Fonte integral de “...necessidade de confiança pessoal e estabelece uma necessidade de confiança nos outros que resiste, sem dúvida, de uma maneira ou de outra, através da vida toda.” (GIDDENS, 1991, p.117). Sendo mútuo, o amor romântico oferece aparentemente a égide natural do afeto. Ao ser institucionalizado, o encontro passa a ser caracterizado como aporte do sistema de confiança, sendo um feixe de transição das relações, aqui entendidas como um trabalho das partes, em que a confiança é conquistada. Assim, o amor romântico não é uma condição pré-dada, mas “ganha” ao longo do dia; neste aspecto, as relações, começam a se consolidar como um empreendimento pessoal.

Diferente da confiança pré-moderna, estes laços, tinham notoriedade por marcar uma geografia, pois os faziam parte da família e dos amigos do lado de dentro, mas também abrangiam os inimigos e estranhos, do lado de fora. O empenho nas relações não provinha da conquista, mas de uma constituição natural. Os sentimentos de insegurança eram altos, já as alianças, tanto matrimonial quanto de amizade, eram um empreendimento não muito duradouro, a confiança neste sentido vinha em segundo plano.

O empenho do indivíduo não solicita uma maior demanda pessoal para cada um e a figura do amigo é a marca do local no mundo, o pertencer a laços que fogem do lar. Em nossa sociedade o amigo é envolvido por aqueles que atendem por conhecidos ou estranhos. Sendo assim, eles vêm aureolados por uma estima, uma lealdade, que, por sua vez, substituem antigos laços de honra: “Um amigo não é alguém que sempre fala a verdade, mas alguém que protege o bem-estar emocional do outro.” (GIDDENS, 1991, p. 121).

Neste intercurso a amizade começa a ser sinalizada por outros meandros encontrados por Giddens (1991), em um grupo que preserva o bem-estar de seus participantes, ao não submetê-los a constrangimento, tornando-se solidários com suas narrativas, criando um espaço propício ao bem comum. Se o amor romântico legitimou as mulheres a serem doutoras do coração e de narrativas nas quais suas escritas as legitimam perante o mundo, o D.A.S.A. promoveu uma ampliação desse instrumental, ao referendar o narrar como instrumento de cura. Aos homens que se encontram no momento do enunciado, sua evocação passa por experiências sexuais e um pontilhar afetivo começa a ser desenhado:

Com 17 anos fiquei com algumas meninas mas nunca eram relacionamentos muito longos pois eu era, em geral, extremamente carente e obsessivo por cada uma. Nessa época eu fui adquirindo ainda uma outra concepção, a da religião. Mais tarde, com essa concepção e acompanhando o ritmo de meus irmãos mais velhos entrei num “Movimento”, cuja rigidez por obediência à igreja não permitia o sexo funcional; fiquei por 4 anos acreditando que deveria me casar para poder transar.(B.I.F, 39 anos)

Nesse sentido, a concepção de gênero se torna uma categoria central neste momento. Ao abordarmos questões sobre pessoas que sofrem de amor e sexo, temos uma problemática no campo da subjetividade, cristalizada em uma *scientia sexualis*, promovendo uma distinção de papéis sociais, calcada na diferença sexual. A sociedade cobra uma identidade, fincada em *x* ou *y*, perseguindo uma coerência, mas a masculinidade e até a feminilidade não mais satisfazem a tal exigência. Desta maneira, não há cristalização relativa ao sexo. Ao se aludir aos sentimentos, temos alguns homens tentando ser masculinos.

Neste sentido, o sujeito é constituído por atributos e qualificações universais, nos quais a identidade seria marcada por uma questão de linguagem. Tendo como reforços divisões binárias e trabalhando sobre opostos, percebemos, então, uma homogeneização de sentido e prática diária:

Percebemos e os outros também que os disfarces e compensações nem disfarçam nem compensam os sentimentos latentes de falta de amor, ou seja, além de não ajudar, atrapalham, atrasam nossa vida, aumentando nossa ansiedade que tem raízes nesta insegurança, ou medo de viver. Este medo vai crescendo e nós nos afastamos

cada vez mais de nossa essência, agimos de forma egoística cada vez mais intensamente numa profunda busca de nos defender, pelo menos é assim que nossa mente doente e confusa pensa estar fazendo. (B.C.A,43 anos)

Esta problematização é gerada pela palavra identidade que, ao instituir um lugar comum, funciona como caixa de ressonância em que as pessoas respondem e atendem, e ao fazer este caminho cria-se uma estabilidade. O que chamamos de “ser homem ou “ser mulher” são ilusões, comportando um gênero consensual: “E a tarefa é justamente formular, no interior dessa estrutura constituída, uma crítica às categorias de identidade que as estrutura...” (BUTLER, 2008, p.22)

Nesta senda encontramos homens desejosos de amor e mulheres querendo mais sexo. Ao aferir o viver, os passos não podem se dar em vias comportamentais, mas em palavras pronunciadas na clandestinidade em relação ao medo de ser impotente, assim como em perceber-se vacilante: “Foi na academia, meu espanto foi na hora de dormir, sonhei com ele, abraçado com ele. Acordei assustado e fui para a noite...” (W.P. C, 41 anos). Esta materialidade humana vem em forma de advertência do antropólogo Rafael L. Ramirez:

Mas nos discursos apresentamos, defendemos e justificamos nossa posição de domínio e nos fazemos constantemente. Na multiplicidade dos discursos, encontramos os elementos constitutivos das ideologias masculinas em toda sua heterogeneidade, contradições e angústias. Fazermos-nos homens é um processo difícil e doloroso. (RAMIREZ, 1995, p.80)

O pertencer é afinal o que resta como fio condutor em que flui o aparato humano. Se o surgimento da categoria gênero tinha como proposta questionar lugares fixos, sexo/biologia e gênero/cultura, ainda temos entraves. Percebemos que nestas categorizações o corpo ainda é local a ser moldurado por afirmações acadêmicas, e nisso também podemos perceber vozes que tentam se encontrar em locais gestados por estes saberes:

Percebi que o abuso sexual foi um entre tantos os abusos que experimentei; entendi que o abusador também era um abusado, pois alguém não dá o que não tem; entendi que eu também era abusadora. Pratiquei o perdão; perdoei a mim, a ele e as todas as pessoas ligadas a essa questão e o mais importante: descobri que depois do perdão vem a compaixão e depois a paz.” (R.M.A, 36 anos)

A cada encontro o indivíduo tem um momento de conforto pois observa que não está sozinho, e que tais comportamentos gerados em torno de cada corpo aprisionam e reprimem singularidades latentes, que Butler (2008) assinala como sendo comportamentos performáticos, nos quais se espera um dado gesto ou ato. Giddens (1993) percebeu um elo bastante frágil nesta engrenagem cotidiana: o desaparecimento do comportamento machão,

este estereótipo que vem sendo cada vez mais questionado em seu local de fala. A mudança do amor romântico para moldes de uma relação reflexiva coloca os desejos e anseios individuais como embriões afetivos.

Sendo a sensação de inquietação apaziguada pelo conforto, o indivíduo que tenta não mais refletir sobre seu sexo, e sim sobre sua vontade e desejo, conforme o psicanalista Guy Corneau (1995). Há uma imensa fragilidade em torno da masculinidade, que é a base de nossa sociedade. Quando se questiona sobre o que vem a ser “homem”, coloca-se em risco, não só o masculino, mas toda uma base fincada em uma ordem binária relacional. Ao se analisar a doença sob uma aparência tanto social quanto física, a essência masculina grita através do 2º Passo: “Realmente, a nossa dependência de sexo e amor, ditando quem e o que havíamos nos esforçado para ser no mundo, suprima nossa fonte de identidade.” (D.A.S. A, p.15, 2002). O ser masculino agonizante passa a desencadear cogitações sobre seu sentir; a busca que começa pelo arauto deve ser individual.

Neste sentimento há um ponto de desestrutura em que foram fundadas as concepções românticas, segundo as quais a masculinidade deveria ser um atributo, a vida do homem com seus comuns seria marcada por indiferença e insegurança, a garantia seria encontrada no trabalho e na figura do lar repousaria o conforto e a segurança. Com sua mulher e filhos, o homem iria reinar para sempre. Como genitor, marcaria mais a diferença do que a identidade. Talvez seja por isso que Giddens (1993) e Castells (2002) tenham desenhado com traços mais fortes estas mudanças sob o signo da emancipação feminina e do controle de natalidade:

Um último comentário sobre o que vem a ser o novo homem. Acho que não é preciso esforçar-se para encontrar o novo homem: ele já está aí, vivendo em cada um de nós. É a espécie humana que quer seguir seu caminho, retirar a máscara do guerreiro e da mulher submissa, para se tornar mais doce e mais unida.(CORNEAU, 1995, p.52)

A cada exercício retoma-se a escrita. Esta tarefa não tornou o homem um estimado narrador do coração e encontra no “4º Passo” a sua dedicação e um roteiro desse inventário. A reflexão caminha lado a lado com a insatisfação ao promover uma escrita, a de ser lançado um olhar sobre o desconforto, ao querer ser pleno: “Descobri uma sexualidade e sensualidade naturais sem perfeccionismo, malabarismo ou caricaturas e o “meu” Ser feminino foi se compondo.”(R. M. A. 36 anos)

Neste cuidado de si, temos uma transformação das práticas morais assinaladas por Foucault em sua obra *O uso dos prazeres*. Para isso, o sujeito se constitui em face de si próprio, operando não como imperfeito, mas sim como sofredor de certos males e que deve se cuidar. Assim, haveria o desenvolvimento de uma arte da existência, pelo cuidado de si. Neste

sentido, o controle do apetite e de impulsos asseguraria uma relação de domínio próprio, de superioridade. Há desta forma a instauração de uma moral moderada entre o ascetismo e a sociedade civil, que o cristianismo fez funcionar através do pastorado, cujas peças eram o conhecimento detalhado dos indivíduos por eles mesmos e pelos outros. Os passos da programação do D.A.S.A. seria do cuidado de si.

Por “moral” entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc. (FOUCAULT, 2006, p.26)

Assim, a moral não pode ser reduzida a uma maneira, a uma regra ou a um valor. A ação moral irá comportar uma relação com o real, implicando em uma relação do indivíduo consigo mesmo.

Em suma, para ser dita “moral” uma ação não deve ser reduzida a um ato ou a uma série de atos conformes a uma regra, lei ou valor. É verdade que toda ação moral comporta uma relação ao real em que se efetua, e uma relação ao código a que se refere; mas ela implica também uma certa relação a si; essa relação não é simplesmente “consciência de si”, mas constituição de si enquanto “sujeito moral”, na qual o indivíduo circunscreve a parte dele mesmo que constitui o objeto dessa prática moral, define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo;(FOUCAULT, 2006, p.28)

Para Foucault, a moral como obediência a um código está desaparecendo, surgindo em seu lugar uma estética da existência, segundo a qual o indivíduo se exercitaria em práticas racionais e voluntárias, não apenas determinando regras para si, como também tentando transformar e modificar seus comportamentos. Mas eles foram perdendo força e parte de sua autonomia, no surgimento do exercício do poder pastoral, e mais tarde, com as práticas educativas, médicas e psicológicas. A compreensão da programação do D.A.S.A. seria o cruzamento de uma estética, já que através de uma avaliação interpessoal haveria a busca pelo bem-estar, ligado a uma técnica, que organiza a programação estabelecida pelo grupo.

Agora, havíamos nos movimentado de uma rendição limitada a uma dependência específica para uma rendição a um processo para toda a vida que apuraria as qualidades que possuíamos interiormente e contribuiria para a vida.” (D.A.S.A., 2006, p.40)

A acentuação ocorreria não pela interdição, mas pela moderação e pelo controle sobre os desejos e prazeres. Nesse aspecto a programação do D.A.S.A. iria se aproximar de práticas estabelecidas, que Foucault denominou como o cuidado de si. As tradições assim

como os passos seriam um estado de soberania; atingido pela sobriedade, a tranquilidade e a percepção pessoal fariam parte deste controle. Segundo o mesmo autor, a pastoral cristã junto com a constituição da sociedade civil, em seu aparato de investigação minucioso, fez funcionar a meticulosidade de uma moral moderada. Quando “os Passos” reforçam este desvendar sobre si, a sobriedade é alcançada de forma lenta e gradual. No desenrolar deste processo, as “Tradições” reforçam a autonomia individual sobre o bem comum da Irmandade: o autocontrole.

A tomada de consciência, o controle sobre a carne e suas pulsões criam assim uma hierarquia entre matéria e espírito, sendo que o primeiro deve ser submetido à vontade do segundo, de forma que o indivíduo se sujeite a si mesmo.

Quando eu tinha 1 ano e dez meses meu pai faleceu. Eu já tinha 8 irmãos nessa época e como eu era o caçula tinha essa tendência ao apego da mãe - dormia na mesma cama, e com 7 ou 8 anos eu já tinha uns hábitos estranhos como tirar as calças no meio da noite e passar o bumbum no adulto que dormia do lado. Lembro muito bem que, com 6 ou 7 anos, eu tinha um boneco que brincava com ele todos os dias até que o perdi. Quando isso aconteceu eu comecei a descobrir meu corpo, deitava numa cama num quarto isolado perto da sala e me masturbava...Certo dia minha irmã mais velha me viu e disse que nunca mais era para eu fazer aquilo...Era como se falasse dessa forma. “Sexo é feio, é nojento e você vai levar isso para quem você ama”; a mensagem que ficou do eu foi exatamente essa.” (B.I.F., 39 anos)

Ao perceber o que é, ao vasculhar seu passado atrás de resposta, o que foi sujeitado e quem o sujeitou, o testemunho passa a ser contra si mesmo, a não aceitação cai com peso, reduzindo cada um a seus atos e palavras; eis as grades que começam a ser edificadas na modernidade. A prescrição seria o aprisionamento do eu, o local geográfico em que encontramos o indivíduo, dono da ação. Neste sentido temos a sentença de que “...o homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente.” (FOUCAULT, 2006, p.68).

Neste sentido, a existência passa a ser a matriz geradora de comportamento, em que a percepção se faz presente; a “estética da existência” faz surgir novos modelos de condutas e comportamentos. Esse diferenciar coloca questões sobre as relações em que a afetividade tem sua comercialização diferenciada, por sujeitar o indivíduo a modelos e parâmetros a serem consumidos e por uma sujeição interna, que consiste em um ideal a ser atingido. Neste aspecto abre-se um campo de interrogação: Como este ser universal calcado sobre a masculinidade se encontra em nossos dias? E quais são suas angústias e medos no tocante à sua existência? Por isso, o próximo capítulo tende a sondar, sem a pretensão de totalidade, alguns prismas fornecidos durante este percurso de convivência no D.A.S.A.

3. HOMENS CHOROSOS E MULHERES FOGOSAS.

3.1 Uma contextualização da masculinidade; rastros de um território sombrio.

Como já fora dito antes, as rupturas que ocorreram no campo da afetividade têm sublimado as condutas de relacionamento entre os homens e as mulheres. Tais teóricos como Giddens (1993) e Castells (2002), demonstraram de forma assertiva que tais transformações são provenientes da percepção de amor romântico.

Giddens (1993) detecta a transição do *telos* do amor romântico, tem por base uma ligação emocional duradoura, no que tange a qualidade deste vínculo. Mesmo apontando para a centralização da mulher no lar e com o machismo, o autor estabelece o amor romântico como precursor do relacionamento puro, ao apontar a mudança no lar, isto é, primeiro com a descentralização sexual da reprodução, e da busca de prazer por parte das mulheres. Castells (2002) desdobra esta aceleração no início dos anos 70, em que a mulher é responsável por tais transformações ao entrar no mercado de trabalho de forma maciça e com isto, aumentando seu poder de troca entre os homens, o crescente investimento em novas tecnologias reprodutivas e contraceptiva. A isto somado, agora no sustento do lar:

Sugiro a hipótese de que o motivo tem por base a combinação de quatro elementos: primeiro, a transformação da economia e do mercado de trabalho associado à abertura de oportunidades para as mulheres no campo da educação. Em segundo lugar, vêm as transformações tecnológicas ocorridas na biologia, farmacologia e medicina, proporcionando controle cada vez maior sobre a gravidez e a reprodução humanas. Terceiro, tendo como pano de fundo a transformação econômica e tecnológica, o patriarcalismo foi atingido pelo desenvolvimento do movimento feminista, consequência dos movimentos sociais da década de 60. O quarto elemento a induzir o desafio ao patriarcalismo é a rápida difusão de ideias em uma cultura globalizada, em um mundo interligado por onde pessoas e experiências passam e se misturam, tecendo rapidamente uma imensa colcha de retalhos formada por vozes femininas, estendendo-se sobre quase todo o planeta (p.171-172)

Seguindo ainda esta trilha as mudanças ocorridas no campo afetivo masculino traçam a perda de uma relação funcional, onde as definições eram pré-estabelecidas pelo sexo. Em volta dos anos de 1930, valores morais associado à profissão e a riqueza são requisitos de união. E nas camadas mais baixas o casamento era sinônimo de superação material. A palavra casal começa a ter outro aspecto, não apenas de união sentimental, o de contrato familiar. O indivíduo começa a ser percebido dentro e fora de casa:

Esse projeto em comum supunha uma estrutura jurídica forte: mesmo que o tabelião não intervisse, o casamento constituía um contrato duradouro, e não podia ser rompido a não ser por sérias razões: a lei de 1884 admitia o rompimento apenas em casos de faltas graves cometidas por um dos cônjuges. (PROST, 2009, p.75)

O casamento como sinônimo da superação financeira, acarreta uma supervalorização união, isto é, do afeto. A vida em casal passa a ser experiência compartilhada, a novidade agora é antes de ter uma situação estabelecida, o casamento jovem é visto desta maneira como amor. A regra social adere estas mudanças, ao vulgarizar termos estabelecidos por psicólogos e médicos através das revistas femininas, e acompanhada por “...palestras de preparação pré-nupcial nas escolas para formação de professores na região parisiense” (PROST, 2009, p.76). Concede com isso, uma ideia de amadurecimento individual, mesmo sendo uma escolha, o casamento ainda é funcional, isto é, voltado para a procriação.

E neste aspecto podemos nos aproximar sem receio do campo historiográfico quando sociológico, dialogam e tecem a evolução do amor romântico até a candeia categórica do relacionamento puro. A vida a dois só podia ser tolerada se tivesse amor, a entrega antes do casamento seria visto como um laço, ao referir sobre a palavra relacionamento “...significando um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa, só chegou ao uso geral em uma época relativamente recente.” (GIDDENS, 1998, p.68). Tendo um crescimento considerável de uniões pré-nupciais nos anos de 1970. Esta mudança na afetividade é demonstrada pela mudança dos costumes, o planejamento familiar passa a fazer parte da pauta do casal, há um aumento da contracepção feminina, a sexualidade passa a ser ligada cada vez mais para o prazer e a procriação passa a ser escolha, “O casamento então deixa gradativamente de ser uma instituição para se converter numa formalidade.” (PROST, 2009, p. 78).

O relacionamento puro começa a fazer parte de uma reestruturação da intimidade, não a um ideal de sexo puro agindo de forma restritiva, e na maneira de posicionar perante o outro. Para os homens ou alguns homens, o investimento emocional diferenciava das experiências femininas, das quais o sentimento estava estritamente relacionado através da percepção de mundo. A queda dos valores unilaterais, tais como, trabalho, ascensão social e de procriador, fizeram com que este tipo de investimento estivesse sempre em baixa ou inexistente, a decadência do patriarcalismo, trouxe para a pauta, a guerra entre os sexos. Mas como esta insurreição afetiva veio a contribuir para o questionamento da masculinidade? A esta expressão, o peso é sentido por alguns homens através dos avanços femininos, a contemporaneidade coloca fatores excepcionais em questão, a declaração do uso de uma “guerra dos sexos” se faz neste sentido é recente, já que;

Boa parte dessa violência, então, resulta de um sistema que está em decadência; resulta do fato de que o desafio das mulheres ao patriarcado foi, em parte, bem-sucedido. Esse sucesso tem provocado reações violentas; mas trouxe à luz muitas coisas que estavam ocultas e reforçou um questionamento de muito do que estava contido na tradição. (GIDDENS, p.271, 1996)

O poder masculino estava preocupado na relação institucional contemporânea familiar, exercendo um poder sobre a mulher e filho (Castells, 2002). Amparado por instância de produção e consumo quanto político e cultural. Configurando neste aspecto nas relações também fora de casa, interpessoais, e;

Essencialmente, porém, tanto do ponto de vista analítico quanto político, não esquecer o enraizamento do patriarcalismo na estrutura familiar e na reprodução sócio-biológica da espécie, contextualizados historicamente e culturalmente. (p.169)

Ao conferir o peso institucional sobre a formação do patriarcalismo, isto é, a família, a masculinidade começa a ser questionada pelas mudanças acarretadas na vida pública, trabalho, e na vida privada, o controle do próprio corpo, (Castells, 2002). Este tatear, Badinter (1993) analisa a crise da masculinidade, tendo traços comuns em “...países de civilização refinada, onde as mulheres desfrutavam de uma liberdade maior que em outros lugares...”(p.11). Estas mulheres ao questionarem valores vigentes, colocavam em questão o poder familiar e a ordem social, mesmo de caráter limitado, aristocracia e a burguesia. No século XVII e XVIII, estas mulheres concebiam o prazer e o seu uso como chave de dominação masculina.

E sentença que as mudanças ocorridas em sociedades patriarcais, são questionamentos estabelecidos pelas mulheres e não pelos homens. Ao recuar no tempo, por volta dos séculos XVII e XVIII, na França pelas “preciosas”, contrária com as grosserias da corte de Henrique IV, consideradas como “loucas” por comprometer a ordem vigente, invertendo os valores tradicionais:

Milita por um novo ideal de mulher, que leve em conta a possibilidade da ascensão social e o direito à dignidade. Reclama o direito ao conhecimento e ataca a pedra angular da sociedade falocrática: o casamento. Contra o autoritarismo do pai e do marido, as preciosas mostram-se decididamente hostis ao casamento de conveniência e à maternidade. Preconizam o casamento de experiência e sua ruptura após o nascimento do herdeiro, que seria colocado sob a guarda do pai. Não querendo renunciar a nenhuma liberdade, nem ao amor, elas exaltam os sentimentos ternos e platônicos. (BADINTER, 1993, p.12)

As preciosas britânicas apresentariam uma fórmula conjugal, onde seria o homem a amar, a masculinidade passaria a ser submetida a afetividade. O amor submeteria o homem a uma nova conduta, marcas estereotipadas, como a brutalidade e vigor seriam contraposto ao afeto e a ternura também. Tais homens iniciados por elas, denominados de preciosos, para “...distinguir-se faziam questão de parecer civilizados, cortesões e delicados.” (BADINTER, 1993, p.13). Ciúmes e dominação não eram aportes, ao entregarem-se como aprendizes, a *ars erótica* como definido por Foucault (2006) era;

...a verdade extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo: ele deve ser conhecido como prazer, e portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade(p.65)

Ao serem iniciados na *ars erótica* os preciosos nos prova esta prática. Diferente da crescente *scientia sexualis*, singulariza as experiências sexuais em detrimento de um saber em vez do prazer, “...só a nossa desenvolveu, no decorrer dos séculos, para dizer a verdade do sexo, procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em forma de poder-saber” (p.66). As preciosas fazem deslumbrar um refinamento feminino, na qual são elas as detentoras de um saber, aferido na cama, e para tal os homens tem que se submeter a sua maestria de gozar que chegam até a rua e as tavernas.

Feminilização dos costumes coloca o século das Luzes como o primeiro corte sobre a virilidade, na França “A delicadeza das palavras e das atitudes suplanta as marcas tradicionais da virilidade.” (BANDINTER, 1993, p.14). Já à Inglaterra encontramos um debate centrado na identidade masculina, de influenciado pela França, entre os anos de 1688 e 1714. As colocações das mulheres inglesas suscitaram medo e revolta dentre os homens, cujo comportamentos comprometeriam seus valores, a aceleração urbana seria a responsável por estas perdas de valores que estavam comprometendo a formação masculina.

A afirmação da crise masculinidade tem seu precedente histórico, reduz o caráter masculino a sua virilidade, por meio de artefato construído para manter estável o significado do que vem a ser um homem, (Badinter, 1993). Esse imperativo, “seja homem”, capacita o ser pleno, tem seu oposto na figura da mulher, em que cada etapa da vida ela se torna por meio das transformações corporais.

Neste questionar sobre o que vem a ser homem, tem seu precedente acadêmico nos anos de 1970, produzido através de suas inquietações cartesianas pautada sobre o trabalho e reprodução ou desempenho sexual. Mas estas inquietações têm seus precedentes com o questionamento de uma ordem binária vigente, apontada no início dos estudos feministas na década de 1960. No primeiro instante, a denúncia centra no opressor universal, consistindo em saber formado por categorias que não as representavam, “...uma história que estabelecesse heroínas, prova da atuação das mulheres, e também explicações sobre a opressão e inspiração para a ação” (SCOTT, 1992, p.64).

Ao denunciar naquele momento a imagem do “Homem” como opressor universal, as mulheres estavam contribuindo para um debate em torno da condição feminina. Este levante político colocaria em igualdade os sexos, feminino e masculino, ao reivindicar seus direitos às

mulheres estariam o pautando em seu sexo. Este movimento cola a condição de sexo/oprimida, no caso das mulheres, e sexo/opressor, no caso do homem, o corpo desempenharia então o local de identidade cristalizado. Instante em que a identidade passa a ser um essencialismo, cristalizado e naturalizado pela diferença. Passando a refletir uma dicotomia na qual “...identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social.” (SILVA, 2000, p.76).

A concepção de opressão produzida pelos “Homens” teve caráter político pautado no sexo. Esta regulação faz com que alguns homens tende aproximação com estes movimentos feministas, ao questionar sobre os valores da masculinidade, tende uma nova proposta para este outro homem que é idealizado e debatido, mas ao aproximar destes grupos são olhados com desconfiança:

Sua aproximação às discussões em pequenos grupos e seminários, no entanto, foi vetada naquele momento por nós mulheres. Exercer este poder de veto foi visto como necessário, ao menos num primeiro momento, dada nossa experiência cotidiana com a dominação masculina. (GIFFIN, 2005, p.48)

A imbricação de movimento e política se faz importante para as mulheres, ao ampliar seus direitos, sob a bandeira da igualdade. Comissões são formadas nos Estados Unidos, ampliando tais conquistas, identificando com isso o posicionamento das mulheres e de suas lutas, Scott (1992). Mas é na contracultura, que os hippies trazem uma mistura dos papéis sociais vigente de homens e mulheres, nesta confusão, a repressão não estaria apenas nas instâncias de poderes institucionais, e sim no comportamento caracterizado pelo masculino e o pelo feminino, “Por seu intermédio podemos perceber que o movimento hippie foi uma tentativa de reparação do modelo social e de identidade para os sexos.” (NOLASCO, 1995, p.23).

Esta questão levantada, nos anos de 1970, tem preocupações em torno da retomada da consciência de si. Os modelos que foram e que é vivido pelos homens na condição de “opressor”, trás a amargura silenciada pela sociedade ocidental. Forjando este “Homem” em torno da sua virilidade, tornando-a emblema e escudo de ostentação, a dor forja a subjetividade não de um estereótipo, mas também de um sujeito:

Mas o ambiente emocional à minha volta raramente era harmonioso. Meu pai escorregava rapidamente ladeira abaixo com a doença do alcoolismo, e minha mãe preocupava-se a qualquer custo em não deixar as coisas desagregarem-se. (DASA, 2002, p.03).

Diferente das posições femininas, que formavam uma identidade coletiva, no primeiro instante do movimento de 1960, alguns homens questionaram sobre suas marcas que foram sujeitados. Ao refazerem este percurso, a experiência ganha notoriedade, submetendo a transformação através de seus desejos antes negados. De um território sombrio para o das possibilidades, cuja virilidade passa a não mais ser concebida naturalmente como marca. Esta inquietação promove um questionamento sobre sua submissão na sociedade, detectada como falocracia. E a violência desempenha rito constante de passagem, reconhecida por virilidade. Ainda em 1970, este inquérito percebe que o mesmo poder que é legitimado por eles é o mesmo que o oprime:

O herói cinematográfico John Wayne, em particular, exemplificava uma estratégia de vida armada através da vida, nunca demonstrando qualquer necessidade de alimento pessoal. Usando os heróis de filmes como modelos, decidi que se nunca mostrasse meus sentimentos conseguiria o que queria, que se fosse abusivo com mulheres, elas ficariam secretamente encantadas. Adorando-me por abusar delas, iriam agarrar-se a mim e nunca me deixariam.(DASA, 2002, p. 03)

Nestes espaços de discussões que surgem, os “entre - lugares”, Bhabha (2007). Que coloca em dúvidas a virilidade como natural e de identidade hegemônica unilateral, o que era fixo passa a mover-se. Perceber-se a construção do artefato preste a quebrar. A plenitude masculinidade passa a oprimir a todos, o arauto é a desconfiança sobre a virilidade, e que funciona como engrenagem de uma “tríade de violência”, dos homens contra as mulheres, contra os próprios homens e contra a si, Giffin (2005). Esta possibilidade de cruzar fronteiras demonstram as fragilidades que a virilidade é erguida, a prontificar-se quando for requisitada, ela é totalizada, é na modernidade que sua crise acentua.

A masculinidade cartesiana, caracterizada pelo trabalho e pela procriação, tem seu espaço cada vez mais reduzido na modernidade. Se de um lado, é o trabalho que define a passagem da imaturidade para a maturidade, conferindo assim status de independência individual, dissolvendo com isso os laços familiares. Por outro lado, o aspecto ligado em sua inscrição no campo da disciplina, Foucault (1997), a localização dentro das fábricas desempenharia um isolamento e uma distribuição, mas que seria ligada “a distribuição de corpos”, criando um sentido de auto - suficiente. Não existindo uma solidariedade, mas sim uma disputa, a comparação se faz presente;

Para tanto, ao valorar-se um homem por sua capacidade de ação, praticidade e objetividade, sucesso e iniciativa, modelando-o com as expressões daquele que tem em si atributos do poder viril, perpetua-se o próprio sistema em si. (NOLASCO, 1995, p.54)

Definindo espaço público e espaço privado, o primeiro tende a iluminar o segundo, sua realização não parte pela escolha, e sim, como comentado, pela fatalidade. O trabalho nomearia o mundo, o que traria um sentimento difuso, incompleto, e impreciso e estranho, ao não conotar sua presença nos assuntos do cotidiano, onde o significado do trabalho é sua experiência. O local é definir papéis sociais, encontrando eco no patriarcalismo tendo desdobrado no amor romântico, Giddens (1993). A sacralização do casamento e desprezando ao homossexual.

A identidade masculina é aferida pelo pertencimento, fazendo parte não de uma construção contínua, mas de uma afirmação sistematizada, entre o limite “biológico” e “econômico”. Foucault (2006) assevera sobre a sociedade moderna, que coloca o sexo na pauta do dia, como norteador de condutas e norma. O corpo é dividido em genitália, que ilumina caminhos da subjetividade masculinidade e o homem é reduzido ao seu pênis, que produz sentidos de sua existência, prontificando a assumir seu posto quando vier a ser convocado:

Eu procurava conscientemente situações onde pudesse experimentar contato sexual sem envolvimento emocional – sexo sem compromisso. Logo, eu consegui uma situação onde podia ter sexo, só que fiquei incapaz de qualquer desempenho devido à ansiedade. Isso aumentou minha apreensão sobre se meu corpo podia ser viável como moeda corrente na arena sexual, para não falar do medo de ser homossexual. (D.A.S.A., 2000, p.4-5)

Castells (2002) afere para a crise da família patriarcal, demonstrando o índice crescente de divórcio e no deslocamento do sustento familiar na figura da mulher. Mas Giddens (1993) percebe isso com o nascimento da maternidade e a diminuição da prole no final do século XVIII. Ainda sinaliza sobre a separação cada vez mais acentuada, do lar e o do local de trabalho. Sendo aprofundado na década de 1960 com as mudanças ocorridas na estrutura social, o crescente aumento da mulher no mercado de trabalho, apontados em países industrializados:

Pois se o divórcio, nascimento ilegítimos e o aumento de família com um só dos pais (isto é, esmagadoramente de mães solteiras) indicavam uma crise na relação entre os sexos, o aumento de uma cultura juvenil específica, e extraordinariamente forte, indicava uma profunda mudança na relação entre as gerações. (HOBSBAWM, 2001,p.317)

Em tais mudanças, a crise masculina não está implicada em uma introspecção e sim com suas relações de trabalho e familiar, constituído sobre perda de espaço, o “Homem” é levado a perceber suas experiências. Cabe lembrar que tais autores como Giddens (1993), Nolasco (1995) e Castells (2002), percebem esta a perda tem relação positiva da construção de novos valores masculinos, fazendo parte do projeto da “reflexibilidade do eu”. A

emancipação feminina deixou o campo da sedução aberto, aferindo desejo cor de rosa, o garanhão encontra-se neste sentido, solitário, o cowboy perde-se em sua peregrinação noturna ao deparar-se em um mundo de sexualidade, em que esta arma é agora de uso comum. A intimidade é a excepcionalidade corrente desta nova proeza para um novo desdobrar masculino.

E nesta busca da realização, a intimidade é polarizada novamente, não há uma reivindicação de uma vivência plena entre o masculino e o feminino, do sexual para a afetividade, e do trabalho para o prazer. Encontramos alguns homens, reconhecidos por garanhões, que ainda utilizam utensílios antigos para suas conquistas, e um destes é o uso do romantismo:

Assim, eu que havia me determinado a atingir meu próprio bem-estar através do sexo sem compromissos, súbita e inesperadamente encontrava-me encurralado por minhas próprias necessidades emocionais em uma relação comprometida...**na primeira oportunidade!** O poder de meu anseio emocional por um amor longamente negado havia-me dominado completamente. Minha “amada”, pensei, a “única e exclusiva”-feita no céu para mim. (D.A.S.A., 2002, p.05).

O primado da modernidade lançou o homem em seu mar de agonia e angústia, no tocante sobre o indivíduo, este perpassou a historiografia imune, sem arranhões e maculas, ao aferir sobre uma universalidade transcendental. A palavra “macho” e “humano”, assim tem a mesma significação na língua francesa, diferenciando sua grafia por artifício diferencial, maiúscula e minúscula, Badinter (1993). Ao definir o que viria a ser comportamento feminino há uma desqualificação por parte destes “Homens”. O valor masculino estaria colocado no seu sentido de macho, justificando de forma natural o comportamento natural de alguns homens. Ao chamar a atenção sobre sexo e gênero, os estudos femininos trazem a discussão para o cerne dos estudos culturais.

Ao privilegiar um caráter instável cultural, Judith Butler (2008) questiona uma coerência heterossexual, alicerçado em “modelos de carnes”, os corpos passariam a ser uma farsa a representar seus gêneros inscritos sobre e neles, denunciando assim um caráter normalizador, quando o gênero estiver inscrito dentro da cultura. Assim, a filósofa nos faz referência ao que ela chama de performance, deslocando “aquilo que é”, para o “tornar-se”, a identidade passaria a ser movimento e transformação.

Como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero requer uma *performance repetida*. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. Embora exista corpos individuais que encenam essas significações estilizando-se em formas do gênero, essa “ação” é uma ação

pública. Essas ações têm dimensões temporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter conseqüências; na verdade, a *performance* é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária- um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito. (p.200).

Neste aspecto a sexualidade passa a ser uma manifestação de um corpo erógeno, dotado por pulsões sexuais e orientado por fantasias de satisfação. Inscrito nos e através dos corpos, e desestabilizado é desorientado através de sua suspensão do ato repetitivo, além de reforçar uma identidade hegemônica, e em si ocorre sua latência. Os séculos XVII e XVIII, as preciosas desestabilizaram as barreiras masculinas, ao reivindicar homens doces e meigos, de perucas e salto alto, tendo no amor a busca de tais prazeres. A sala do D.A.S.A. seria este local de instabilidade da essência masculina. Ao negar coerências de identidades, pautadas em *x* e *y*, entre o desejo e a prática sexual. Este local serve como novas vivências promovidas pelas angústias e sofrimentos. A presença de tais sentimentos, transformam o lado de fora, como não dito, a ausência destas falas, transporta a masculinidade para os salões dos homens aristocráticos, carregados de *blush*, de peruca e delicadeza. Esta emancipação do indivíduo cria novos referenciais de masculinidade como um brinquito do acaso, seu questionamento e aprofundamento dessa essência masculina, que encontramos nos anos de 1960 e 1970.

3.2 O homem sem qualidade.

E é na angústia que encontramos esta instabilidade. Se a masculinidade tem uma solidariedade mascarada por silêncio, sua marca mais profunda é caracterizada pela opressão, o sentimento é produzido de forma monolítica; isto pressupõe dizer que o sentir tem sua implicação de posicionamento no mundo, como norma de heterossexualidade. Neste ponto, Guattari (2008) mostra sua inquietação nas várias maneiras de produzir subjetividade. Se nas sociedades tradicionais elas estavam restritas a um campo ou fronteira bastante definidos, hoje temos esta produção em escala internacional. As sociedades capitalistas e sua ampliação de fronteiras trazem um aprofundamento sobre as questões de gênero, tornando-as mais complexas. Tal ampliação traz o jugo do qual o homem não pode trair seu gênero, havendo assim um policiamento entre fronteiras, entre homens e mulheres, ordenando a heterossexualidade e determinando as relações sexuais. Sendo assim, ao chorarem e se angustiarem, estes homens são especialmente vulneráveis, isto coloca masculinidade e órgão em uma estreita relação. Para Foucault (2002), a sociedade moderna ocidental inscreveu algumas práticas sexuais no campo da doença, a masturbação: “...os médicos do século XVIII vão vincular imediatamente toda a parafernália, todo o arsenal das doenças corporais, das

doenças nervosas, das doenças psíquicas.” (p.74-75). Desta forma, o sexo ficará restrito e recluso, encontrando espaço nos consultórios médicos ou psiquiátricos, conhecimento compartilhado e silenciado por todos.

Eu cresci com essa concepção errônea de sexo e fui me masturbando escondido. Já que era proibido, alimentava fantasias na mente pra ter orgasmo e aos poucos foi continuando. Veio a adolescência, e houve épocas em que não conseguia parar. Lembro que eu sempre sonhava em fazer terapia para poder curar o que acontecia comigo. (BIF, 39 anos).

A transformação das sociedades tradicionais para as sociedades capitalistas trouxeram o sonho dourado da emancipação individual (Giddens, 1991, e Bauman, 2001), mas não libertou o homem de sua “sensibilidade peniana”, que serve para construir seu mundo social em bases e papéis sólidos. A sociedade capitalista, como apontada por Foucault (1997), no modelo panopticon²⁰, erigiu instituições que produziram e construíram corpos, normalizando comportamentos; os inadequados têm “pequenas humilhações”, o exame diferencia e aprova comportamentos, mas também age de forma silenciosa.

Assim, poderemos entender a virilidade mais como uma funcionalidade, em vez de uma produção, algo “vazio” que cria legitimidade, mas não vínculos. A “sensibilidade peniana” assumiria desta forma uma classificação e hierarquização do mundo. A partir desta subjetividade masculina, teríamos o exército, por exemplo, com sua disciplina para o controle do corpo pela razão, e a igreja, pelo controle da alma sobre o mesmo.

Estas instituições hierarquizam e sublimam o mundo, simplificando-os. Entre atos puros e impuros, entre o sucesso e seu estigma, estes controles são mais sutis. Uma sociedade panóptica tem o homem como modelo social aceitável, em uma divisão binária:

A cada um o seu bem, por meio de um poder onipresente e onisciente, que se subdivide ele mesmo de maneira regular e ininterrupta até a determinação final do indivíduo, do que o caracteriza, do que lhe pertence, e do que lhe acontece. (FOUCAULT, 1997, p.164).

E é nessa sutileza que temos a expectativa e a configuração do controle: “seja homem”. A família exercerá este domínio de aceitação social. O cumprimento das obrigações definido por outra autoridade, a medicalização e uma preocupação do Estado fizeram das relações afetivas uma logística de “utilidade”, reproduzindo valores débeis e funcionais.

²⁰ Aqui ocorre uma distinção. Na Antiguidade havia uma sociedade do *espetáculo*, em que se tornavam visíveis para uma grande multidão pequenos objetos. Já na sociedade moderna, ocorre o inverso: um pequeno número pode ver a multidão. O modelo *panopticon* seria este efeito inverso, constituindo um estado descontínuo de vigilância, sendo a imaterialidade do poder acompanhada pela óptica de um sonho burguês.

Cabendo neste ínterim a razão do Estado, ao colocar como ponto gravitacional a morte (Foucault, 2006), que passa a ser sua política administrativa: a finitude despoja a salvação eterna. No corpo fraco e doente, a hereditariedade é o tesouro capital a ser conferido. Mas é na doçura e na liberdade que encontramos a prisão. O amor requer limites que as tensões biológicas racionalizam. O desejo passa a ser medido e estudado;

Com 17 anos fiquei com algumas meninas mas nunca eram relacionamentos muito longos pois eu era, em geral, extremamente carente e obsessivo por cada uma delas. Nessa época eu fui adquirindo ainda outra concepção: a da religião. Mais tarde, com essa concepção e acompanhando o ritmo dos meus irmãos mais velhos entrei num 'Movimento' cuja rigidez por obediência à igreja não permitia o sexo funcional; fiquei por 4 anos acreditando que deveria me casar para poder transar... Cheguei a morar em São Paulo por cerca de um ano (lá até que foi de grande ajuda), conseguindo me manter abstinência por 4 meses, o que em outros períodos não conseguia. (BIF, 39 anos).

Mas o amor traz consigo inquietude. A estabilidade institucional não conforta e ampara mais e aparece o que foi denominado erosão do pudor privado (Sohn, 2008). Tem-se, de forma latente e gradual, o ruir das tradições seculares no que se refere ao pudor corporal. Se de um lado ainda temos no período da Belle *Époque* um ideal sobre o casamento, em que sua legitimação é cristã, sua finalidade é a reprodução, por outro lado percebemos o corpo cada vez mais mimado e acariciado por olhares, estimulado por sua aparição, as praias e praças públicas servindo de cardápios a serem expostos:

No entanto, as mulheres, mais que os homens, focalizam os discursos científicos em nome da função materna. A teoria freudiana, tal como expressa pela primeira vez em 1905, em *Três ensaios sobre a sexualidade*, fazendo do prazer o motor da sexualidade, constitui uma considerável ruptura, visto que se passa a uma sexualidade reprodutiva, a uma sexualidade hedonista. (p.119)

O desaguar de práticas sexuais ao prazer encontrava ainda seus entraves sobre o binômio masculino/feminino, em que a heterossexualidade funcionava sob as grades de ativo/passivo, iniciado/iniciador, conquistado/conquistador. Há uma libido masculina que passa a estruturar a sexualidade em torno do pênis e o clitóris é encarado como etapa de maturidade feminina. Assim, ao passar para a fase adulta, a mulher adota o prazer pelo coito vaginal, ao passo que a infância é marcada pela descoberta e incitação clitoriana: “Houve, sem dúvida, nos anos 1930, um debate no seio da comunidade freudiana.” (SOHN, 2008, p.121).

Como já foi dito, é também nessa época, 1930, que o amor passa a ser o vínculo de união estável e ainda não há uma separação entre casamento e procriação, como constata Prost (2009), conferindo ainda sobre o mesmo período uma crescente discussão, em de

revistas, seminários e palestras sobre os estudos de Freud. Mas é em 1960 que a sexologia ganha uma funcionalidade terapêutica: um médico e uma psicóloga, ambos norte-americanos, William Masters e Virginia Johnson, têm como objetivo para a felicidade conjugal, a função erótica, para eles a “base de toda união bem-sucedida.” (Sohn, 2008).

Não posso negar e nem imaginar que a autoestima fica abalada, diminuída, mais ainda do que já era antes, quando uma pessoa que ama outra (e imagina ser feliz e haver constituído uma união estável, duradoura e indestrutível, determinada pelo Altíssimo - aquela força maior e superior que os unira um dia), fica sabendo que nada daquilo era verdade, e que a convivência causava, de fato, a infelicidade da outra “metade”, que sofria até então, na esperança de que, um dia, surgiria a oportunidade (ou a coragem) de dar um basta e se manifestar, pondo um final naquela sua condição. (A.A.C, 34 anos)

O debate sobre a vida sexual ganha respaldo, saindo definitivamente do espaço privado para o espaço público, onde são expostos, por meio de revistas e rádios, assuntos de família que começam a ganhar notoriedade, mas ainda são ligados a “coisas de mulheres”, como aponta Sohn (2008), além de questões-chaves, como gravidez indesejada, adultérios e frigidez. O mesmo se constata em Nolasco (1995), mas sua inquietação se volta para o tratamento da masculinidade e seu dilema contemporâneo, ao conferir que tais questões são abordadas pela mídia impressa, voltada também para o público feminino. Em sua nota de rodapé, ele observa:

Trata-se aqui da mídia impressa, definida pelos textos das diferentes revistas femininas. A reflexão sobre a vida e questões referentes ao cotidiano dos homens não aparece nos veículos similares dirigidos ao público masculino. Neste primeiro estágio, no Brasil, o interesse sobre a subjetividade dos homens é “coisa de mulher”. (NOLASCO, p. 17, 1995)

Mas as observações da historiadora Sohn (2008) sobre uma *ciência sexual* permitia um isolamento da sexualidade como objeto de estudo, ao alicerçar as práticas sexuais não mais voltadas para o pecado, mas em bases de normalidade e anormalidade. As publicações do final do século XIX trazem uma descrição de comportamento: “Cada sexo vê, portanto, que lhe atribuem um papel exato e expressões autorizadas da sexualidade.” (SOHN, p.119, 2008). Há uma organização da feminilidade em torno da maternidade. Mas em 1905, como os *Três ensaios sobre a sexualidade*, do psicanalista Sigmund Freud, o prazer será colocado como motor da sexualidade, constituindo uma ruptura com a reprodução, um dispositivo importante para a constituição do sujeito. Desde 1914, há uma expansão publicitária sobre prazer e a vida sexual, uma vulgarização crescente. Um exemplo é a publicação de Maria Stope, em 1950, com o título *Married love* (Casando com amor), que defendia o prazer

feminino, tendo uma tiragem de mais de um milhão de exemplares. Contudo, como afirma Sohn (2008), não se podem avaliar estes discursos e seus efeitos na vida cotidiana, mas tiraram a sexualidade do seu canto obscuro e da vergonha, ligando-a ao prazer. Na segunda metade do século XX, em 1976, ocorre a primeira reunião do D.A.S.A. Talvez esta visibilidade tenha costurado posturas, para a organizar a vida diária:

Jill falou sobre uma série de gravidezes não desejadas e de abortos ilegais ou autoprovocados. Falou também de uma série de relacionamentos em que os homens eram vistos como salvadores. Acabara, aos trinta anos, casada com um rapazinho que se transformara numa boca a sustentar, como a um filho, e, depois de passada a lua de mel, suportava a indiferença emocional. (D.A.S.A., 2000, p.29)

No século XIX tivemos uma cunhagem crescente dentro de uma “vontade de saber” sobre a sexualidade, que referendou a descrição de uma administração de corpos e de sua economia de prazeres (Foucault, 2006), do controle sobre a fecundidade, do comportamento da criança e do corpo feminino, permitindo assim à sexualidade um campo de estudo. A sexologia é fundada na metade do século XIX, através do *Tratado sobre a impotência e a esterilidade no homem e na mulher*, e o dr. F. Roubaud descreve o orgasmo em 1855. Mas foi na metade do século XX, em 1948, através de Alfred Kinsey, um zoólogo, que a sexologia se tornou um ramo legítimo. Junto com sua equipe, ele pretendeu efetuar uma amostragem do comportamento sexual, descrevendo a sexualidade masculina. O relatório tinha a preocupação, não de classificação, mas de estabelecer um quadro das práticas sexuais. Em 1953, outro relatório, analisava a sexualidade feminina (Vincent, 2009):

Homens mais bem educados mostravam um padrão acentuadamente diferente, originário parcialmente do fato de que eles desejavam retardar a relação sexual (ou experimentaram tantas pressões sociais que tiveram que adiá-las) até bem tarde da vida.

Eles se satisfaziam com masturbação, carícias e pornografia. Quando eles iniciavam as relações sexuais, geralmente as realizavam nus, com um grande período de preliminares e experimentações com relação a posições. Relações sexuais pré-nupciais ocorriam mais frequentemente com suas parceiras. (GREGERSEN, 1983, p.08)

Seus estudos foram aplicados em forma de “uma sondagem que repousa em uma ampla amostragem de 10.000 pessoas.” (SOHN, 2008, p.122). A primeira publicação, de 1948, é destinada à sexualidade masculina, e a segunda, de 1953, tem como destino a sexualidade feminina. Elas trazem as inquietações, antes alicerçadas na moral e na castidade conjugal, ao constatar que a sexualidade masculina é polimorfa, uma vez estão presentes relações extraconjugais, masturbação, prostituição e também práticas homossexuais. Mas só em 1977, o Relatório de Shere Hite, entrevistando 3.000 mulheres, coloca na berlinda a teoria

freudiana sobre o orgasmo feminino, descobrindo que através da estimulação clitoriana a mulher atingiria o orgasmo. Este processo questiona, então, a sexualidade funcional.

Tais relatos, porém, trazem uma preocupação sobre a “educação sentimental”, já que o prazer passa a ser perseguido, dando mais vazão ao relacionamento e à conduta. Há uma vulgarização relativa ao “deitar-se” e, mesmo que pontualmente ainda há uma preocupação com as relações heterossexuais. Sendo pontual a ênfase dada à diferenciação entre homens e mulheres, a norma agora precede o desempenho sexual;

Quando eu a via com aquele *baby doll*, abrindo a porta todinha para mim, não conseguia dizer mais nada, não conseguia terminar com ela.

Minha esposa perguntava o que estava acontecendo comigo: “O que esta havendo, meu negão?”.

Eu ia novamente à casa dela, mas novamente ela me abordava, mas agora com uma camisola toda de rendinha (risos), afinal quem vai dizer não pra uma “pequena daquela?”. (P.D. A, 43 anos)

As relações são, portanto, pensadas a partir de uma demanda masculina, passam por um controle que estimula cada vez mais o prazer e a sexualidade (Foucault, 2001). Percebemos o quanto o desempenho é associado à conquista e à dominação. O gozo, que antes envolvia e tinha como base o pênis, passa a encobrir o corpo também feminino, mesmo com pesquisas que apontam a importância do clitóris para atingir tais objetivos. Avanços que à luz da conquista dos direitos trazem que não trazem realinhamento, mas “o indefinido da luta”, consistindo ainda em um gozar completamente azul. A satisfação e sua busca passam a ser medidas por etapas.

A aceitação desta indefinição no campo de poder joga luzes em conquistas do “bel prazer”. Notamos uma multiplicação de saberes voltados para satisfação e a realização sexual. A sexologia, de onde podemos acompanhar o fragmentar da masculinidade, chega a nós através de seu ponto central: o corpo, com sua inquietação, e “reabilitação do clitóris” (Foucault, 2001): “Qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa?” (p.147). A proclamação do prazer como bandeira, tem no corpo uma forma meticulosa de agir. A cada descoberta há uma revisão de saberes, antes alicerçada no primado peniano, que agora é dele desvinculada:

A distinção entre os orgasmos do clitóris e da vagina é uma ilusão, visto que “a reação própria do canal vaginal durante o desenrolar explosivo do orgasmo se limita à ‘plataforma orgásmica’” (entidade fisiológica correspondente ao terço externo da vagina.). (VINCENT, 2009, p.327)

Mesmo que o primado deste prazer individual tenha aberto as portas para conquistas, este impacto atingiu homens e mulheres de forma diferenciada (Giddens, 1993). Neste

ínterim, foi sucumbido o mito do prazer peniano. Mesmo com a “reabilitação do clitóris”, as mulheres resgataram a posse sobre si mesmas e atingiram a possibilidade de realização de seus projetos e de sua singularidade. Por outro lado, aos homens o campo da escolha ainda passa a ser restrito, limitando ainda suas ações e favorecendo a manutenção de cisões: sexo/afeto e casa/trabalho.

E na urgência com que se refazem os infortúnios, a dor e a deflagração, o detalhe torna-se presente na literatura terapêutica, na percepção de ser homem, Giddens (1993) e Nolasco (1995). Há uma inércia em se expressarem sentimentos. O ato amoroso fica restrito à sua concreta expressão: a cama. O medo de ter contato com outro homem é o de que tais sentimentos tenham o mesmo desfecho. Ainda não há uma separação entre afetividade e vida sexual, cujo apelo está mais voltado para a dependência afetiva. O homem se sente isolado cada vez mais para operar sobre seu futuro. A masculinidade estaria relacionada a muitas limitações na capacidade de vivenciar alegria, dignidade, autonomia e segurança na vida sexual. A frustração em gerar e ter prazer é uma gaiola, na qual o “pinto” passa a fazer moradia:

São muitas as músicas que me levam ao choro fácil, diariamente. Tornei-me uma pessoa de difícil convivência social, por não conter a lágrima ao ouvir uma canção que me lembre o passado, aquele tempo em que eu me julgava feliz, mas não fazia a felicidade de quem me fazia me sentir assim; ou que descreva a sensação que me circunda, com “mil minhocas” na cabeça, a desconfiar de tudo, consciente de que a antiga e anterior cumplicidade e confiança jamais voltará a ser a mesma; a pulga nunca mais sairá de trás da orelha; *nada nunca mais será do jeito que já foi um dia* (grifo meu, ele canta).

Não é de hoje que sei e digo que, quando dois se encontram talhados pelo destino a se unirem pela graça de Deus, não existe de serem dois para se tornarem um só. Acredito que as duas bandas da laranja que se juntaram podem dar um bom suco, nem que seja porque o doce de uma delas compense o amargo que venha da outra, mas não constituirão uma nova e única fruta. Continuarão sendo duas bandas juntadas por algo superior, e que podem permanecer como tal, cada uma mantendo sua individualidade e características. As personalidades não podem se misturar, por serem indissociáveis de cada ser humano, próprias, inafastáveis, incomunicáveis, indivisíveis. (A.A.C, 34 anos)

Encontramos esta associação entre masculinidade e órgão nos anos de 1976, em que a masturbação deixa o campo da patologia para ser associada ao prazer e, através de seu exercício, o autoconhecimento é traçado por uma fase imatura, a puberdade do homem que a adolescência. Este autoconhecimento iria proporcionar homens maduros, que seriam capazes de amar (Vincent, 2009):

Um ano de recuperação se passou e eu praticamente congelei, não me masturbava, não fazia sexo, não ficava com ninguém, nem namorava... Foi sofrido, mas passou...

Depois de 1 ano de recuperação aos poucos foram voltando o sexo, a masturbação não pecaminosa, os relacionamentos e etc,... Sempre com acompanhamento psicológico. (B.I. F, 39 anos)

Este estado de latência sentimental é baseado na falta de conhecimento gerada a partir de sucesso/fracasso da virilidade. Ao se referir à abertura de saberes e ao domínio da ciência sobre a sexualidade, há um desconforto masculino, que Giddens (1993) identificou como fiasco viril: “...baseada na falta de conhecimento sobre sexo é um tema persistente, assim como os sentimentos crônicos de inferioridade e de perturbação pessoal.” (p.133). Os homens, assim, parecem temer uma intimidade cada vez mais crescente e precedente para uma vida a dois.

Segundo percebemos, temos uma interação entre saber/prazer, em que o autoconhecimento gera uma maior satisfação. A masturbação, antes combatida, é habilitada, assim como a sexualidade feminina, na valorização do clitóris. Uma vida destinada ao prazer passa pelo controle não apenas de instituições, mas pelo crivo individual. A responsabilidade agora não é mais uma questão de administração dos prazeres, mas de sua descoberta. Antes, como Foucault (2006) tinha assinalado, o nascimento da “morte” no campo da sexualidade consistia em um controle das pulsões, em nome das gerações futuras:

Frágil tesouro, segredo de conhecimento indispensável. A personagem investida em primeiro lugar pelo dispositivo da sexualidade, uma das primeiras a ser “sexualizada” foi, não devemos esquecer, a mulher “ociosa”, nos limites do “mundo”- onde sempre deveria figurar como valor – e da família, onde lhe atribuíam novo rol de obrigações conjugais e parentais (p.132)

Uma aproximação gradual com uma “vida orgástica” é a nova promessa, é a cura, a reeducação sentimental para uma vida feliz. Ao se aprofundar cada vez mais em relação às neuroses, a nossa sociedade demonstra seu fascínio por métodos que prometem a cura, uma vez que, pelo empenho individual, podem ser adquiridos novos hábitos, liquidando assim os comportamentos atuais. Tudo em nome de um gozar livre, descobrir/redescobrir tornam-se alvorecer dourado desses novos dias:

Quando eu tinha 1 ano e dez meses meu pai faleceu. Eu já tinha 8 irmãos nessa época e como era o caçula tinha essa tendência ao apego da mãe – dormia na mesma cama, e com 7 ou 8 anos eu já tinha uns hábitos estranhos como tirar as calças no meio da noite e passar o bumbum no adulto que dormia ao meu lado. Lembro muito bem que, com 6 ou 7 anos, eu tinha um boneco que eu brincava com ele todos os dias até que o perdi. Quando isso me aconteceu comecei a descobrir meu corpo, deitava numa cama num quatinho isolado perto da sala e me masturbava... Certo dia minha irmã mais velha me viu e disse que nunca mais era para eu fazer aquilo... Era como se falasse dessa forma: “Sexo é feio, é nojento e você vai levar isso para quem você ama”. A mensagem que ficou do que aconteceu foi exatamente essa... (B.I. F, 39 anos)

E para isso a política-vida, que Bauman (2001) critica, desenvolve seu papel, desestabiliza o cristal viril. O desespero masculino começa com a aproximação do outro, em que a relação é negociada livremente. O amor romântico favorece um entrave para a cumplicidade ao imputar uma clandestinidade sentimental aos homens, a uma singularidade que o cerceia; já o amor confluyente Giddens (1993) tende a estabelecer sua importância sobre a relação, em que a satisfação de ambos é o que a mantém. O homem não é mais privilegiado por ser homem, deixando de ser uma coerência em si. Há uma tendência em manter uma ética, em que a exposição de cada um tende a enriquecer o relacionamento do outro. Assim, a afetividade passa a ser construída no cotidiano, e sua segurança não é mais vislumbrada no futuro, e sim no esforço sobre o presente;

Isso aconteceu comigo, e pude constatar que a música popular já prenunciava meu destino. O pior é que uma dessas músicas é *I can't stop loving you* (Eu não consigo parar de te amar). Sofro, de um lado, pela frustração de não ter podido fazer a felicidade de quem eu amo, da forma (completa ou quase total) que eu desejava e acreditava fazer, e, de outro lado, porque não vejo como poderia tentar alterar meu comportamento anterior, causador do desamor unilateral que a mim foi declarado, na hora em que a coragem surgiu e a oportunidade apareceu, antes que passasse e provocasse mais dor, arrependimento ou mais sofrimento. (A.A. C, 34 anos)

Há uma adequação das forças masculinas com as novas conquistas emergentes, apontadas pelo avanço das conquistas feministas e do movimento *gay*, nos quais as relações se fazem também através destas estruturas políticas. Ao pensarem sobre as novas formas de traduzir não mais os atos mudos, e sim a sua transformação em palavras, os homens encontram a solidariedade de seus iguais, que compartilham suas dificuldades. As vozes passam, portanto, a demonstrar os sentimentos. Se o amor romântico transformou as mulheres em vozes do coração (Giddens, 1993 e Banditer , 1993 e Nolasco, 1995), as conquistas femininas feriram o peito masculino, no qual se descobriu não um vazio, mas um metal:

Se tomarmos a representação de Thanatos, veremos que a semelhança com a identidade dos homens é instigante. Deus grego associado à morte ou aos infernos, era filho da noite e irmão do sono, tinha o coração de ferro e o corpo de bronze. Ter um corpo perfeito e guerreiro é um indicador de masculinidade, bem como ter as emoções distantes para não se envolver e deixar que a razão flua melhor. Um coração de ferro lembra um coração frio, pesado, sem emoção, semelhante ao exigido para os homens. (NOLASCO, 1995, p.79)

3.3 Alguns homens choram, enquanto algumas masculinidades amam.

A masculinidade passa a ser uma forma de controle exercido sobre alguns homens que não são “suficientemente homens”, subjugando-os e controlando-os através ainda da

instância de poder patriarcal que, inibidora de uma liberdade afetiva e alegre, de uma vida sexual mais autônoma e feliz age de acordo com as normas dominantes de masculinidade e de heterossexualidade. Ao reduzir os comportamentos a um órgão, suspendem-se as sensações subjetivas, produzindo-se assim comportamentos nos quais o campo de atuação, a espera, seja atendido de imediato. Com a supressão de desejos e anseios em detrimento daquilo que vai ao encontro social, uma vida sexual livre e sem coerção, ser homem começa a não ser mais visto como um privilégio de gênero, talvez sim uma punição e violência.

E nestas instâncias de controle e normatização de comportamento (Foucault, 1997) e Bauman, 2001), tinha-se uma rigidez comportamental, consistindo na exatidão dos papéis sociais. A anormalidade assim era prescrita como diferente, a natureza neste sentido desempenhando um papel de diferenciação, homem/mulher, alto/baixo, normal/anormal. A identidade era então definida por intermédio da exclusão, em um mundo que era feminino. O desempenho sexual era assinalado como o da produção, sua economia era a eficácia. Bauman (2001) chama isto de *capitalismo pesado*;

Esse mundo não tem espaço para o que não tiver uso ou propósito. O não uso, além disso, seria reconhecido nesse mundo como propósito legítimo. Para ser reconhecido, deve servir à manutenção e perpetuação do todo ordenado. É a própria ordem, e somente ela, que não requer legitimação; ela é, por assim dizer, “seu próprio propósito”. (p.66)

Joia a ser defendida (Foucault, 2006), o lar terá seu ponto de fixação, o prazer feminino ficará recolhido ao coito vaginal, enquanto as crianças e adolescentes terão uma missão com as futuras gerações. Prevalece ainda a imagem do pai, cujo prazer é a lei que configura a hierarquia em casa. Mesmo que a mulher tenha um maior controle sobre a vida das crianças (Giddens, 1993), o gozo ainda é masculino: “A necessidade de dominação, ascendência e controle de um sobre o outro também aparece como parâmetro tanto no trabalho quanto no plano sexual.” (NOLASCO, 1995, p.67).

E nesta percepção de mundo polarizado, na ascendência e emancipação feminina, que Castells (2002) identifica através da solidificação da democracia, temos um desequilíbrio de forças. Ao conferirem o poder político, como também o campo de trabalho, as mulheres desequilibraram esta balança. Avançar em espaço e na vida pública significa que alguém está com menos, e esta transformação atinge o “âmago de nosso ser”.

Esta radicalização atinge a todos nós, desde as instituições políticas até a forma de concebermos as nossas relações. Giddens (1993) acredita que é por meio e através da transformação da intimidade que constituiremos instituições mais sólidas, contidas não em

base de igualdade, mas sim, no controle do exercício de poderes: “...a democracia não implica apenas o direito a um autodesenvolvimento livre e igual, mas também a limitação constitucional do poder (distributivo).” (p.203). Neste ponto, a negociação das fronteiras e sua visibilidade neste instante passam por uma trama simbólica, na qual não está só em jogo a legitimidade dos papéis sociais, mas antes um corpo social que fora incomodado pela outra parcela do “paraíso”:

Essa não é, nem será uma revolução de veludo. A paisagem humana da liberação feminina está coalhada de cadáveres de vidas partidas, como acontece em todas as verdadeiras revoluções. Entretanto, não obstante a violência do conflito, a transformação da conscientização da mulher e dos valores sociais ocorrida em menos de três décadas em quase todas as sociedades é impressionante e traz consequências fundamentais para toda a experiência humana, desde o poder político até a estrutura da personalidade. (CASTELLS, 2002, p.171)

A cada mudança, ou como assinalou Foucault (2001), a cada movimento, temos o “movimento do outro”, ao longo dos quais percebemos uma imersão permissiva a favor do prazer individual. Banditer (1993) e Nolasco (1995) consideram que a crise masculina se dava através das mudanças e consolidações democráticas, em uma sociedade refinada. Vincent (2009) percebeu um clarim sobre a amizade. Se a amizade era o laço de confraria masculina, que o ligava e o comunicava com as instâncias do mundo, fazendo diferenciação entre as relações familiares e a rua, hoje temos a anúnciação de sua morte. A amizade passa a ser instaurada em casa, sendo controlada pela família, universo antes estranho aos seus pares: “O amor, como vimos, tornou-se a condição do êxito do casamento. Os conjugues apaixonados devem se “comunicar” entre si. Aplacados os ímpetos do desejo, estabelece-se uma espécie de amizade.”(p.361)

Os Passos 8^o²¹ e 9^o²² tornam-se muito difíceis de praticar quando se ignora em que, quando, como e quantas vezes se feriu, magoou e provocou dor ou desencanto em outrem. Quando, por falta de diálogo ou falta de condições para discutir a relação desfeita ou ameaçada, aquele que recebeu o “bilhete azul” ou o “cartão vermelho” não tem mais do que seus críticos patológicos interiores a infernizarem seu viver, a trazerem-lhe as suspeitas mais esdrúxulas e os pensamentos mais terríveis.

Subsista a fé no Poder Superior. Permaneça-se confiando que esse Poder Maior, privilegiadamente, esteja tudo vendo e acompanhando, sabedor da medida acertada e adequada que cada um desses dois em crise merece ou necessita, para corrigir-se e evoluir. O pai não dá ônus maior do que aquele que cada filho pode suportar. E, quantas vezes, uma punição é justa e deve ser aplicada! Persista o amor real, puro,

²¹ 8º Passo: Fizemos uma relação de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.

²² 9º Passo: Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-lo significasse prejudicá-las ou a outrem.

desinteressado. Pratique-se o perdão, pois eu só posso fazer por mim, e o que não foi por mim praticado somente quem o praticou deve por essa prática responder ou dela se beneficiar. Cada vez que um amor acaba, com certeza, não era amor. (AAC, 34 anos)

Esta contestação pode ser aferida, nas perspectivas “giddienianas”, chamadas de amor confluyente, tendo como base o diálogo e a negociação sobre a relação: “Para que este padrão seja satisfeito, é necessário não somente o respeito pelo outro, mas uma abertura em relação à outra pessoa.” (p. 207). O ocultamento de sensações e emoções é transformado em pecado e podemos olhar com desconfiança este epíteto dourado. Foucault (2006) nos traz a redução dos efeitos de viver. Se o corpo é o emblema de nossa sociedade, a verdade é seu símbolo a ser escrito nele:

A confissão libera, o poder reduz ao silêncio; a verdade não pertence à ordem do poder mas tem um parentesco originário com a liberdade: eis aí alguns temas tradicionais da filosofia que uma “história política da verdade” deveria resolver, mostrando que nem a verdade é livre por natureza nem o erro é servo: que sua produção é inteiramente infiltrada pelas relações de poder. A confissão é um bom exemplo.(p.69)

Ao recomeçar a dizer a verdade, produzindo maneiras de se relacionar e nesta encruzilhada, o homem aprendeu a ser um “animal confidente”, em um mundo antes compartilhado por seus amigos. A vida na rua o legitimava à glória, filhos de santas e homens da puta, uma moral ambígua, que o diferenciava das mulheres. Cabe aí não mais em uma prática coercitiva. Bauman (2001) entende como “autoridade” esta figura emblemática, que é vista por aí a passear, cuja prática não é mais a coerção, e sim um exercício próprio. Cuidar de si é se munir de verdades.

Nesta semana não almocei, dei uma escapadinha do serviço, uma rapidinha, mas quando chego em casa, tudo está pesado, não consigo falar com minha esposa. Não conseguia falar com ninguém sobre o que está acontecendo, foi quando entrei na internet, e vi falar sobre o D.A.S.A.. Ontem e hoje almocei, passei o final de semana em casa, não me masturbei, limpei a louça, lavei roupa, enquanto ela estava indo para o culto. Pedi força, para não ligar, para parar, foi um alívio quando ela retornou do culto. Hoje faz aproximadamente 4 dias que não a vejo, não sei como vai ser amanhã, mas só por hoje, só por hoje estou feliz. Voltar para casa, deitar ao lado de minha esposa. Nunca pensei em trair. Mas só por hoje peço Paz e Serenidade. (PDA, 43 anos)

E este ruir da casa viril demonstra como a sensibilidade peniana vem a se reconstituir. Se antes o silenciar fazia eco, agora o diálogo e a aproximação se fazem presentes. É definitivamente permitido chorar, e buscar a felicidade afetiva. Mas ainda prevalece um ideal antagônico, uma hierarquização masculina, em que este novo homem

surge, mesmo sendo visto como valor “positivo”. O “antigo” modelo ainda constitui o pano de fundo, servindo como mapeamento da sensação peniana. A plenitude humana ainda é vista como algo pertencente ao gênero. Ser frágil, meigo e sensível requer ainda uma descrição feminina, ou uma ruptura com valores estabelecidos cultural e socialmente.

Se antes as conquistas estabelecidas pelas mulheres que embaladas pela contracultura, pelos *hippies*, *gays* e negros, criticaram o modelo monolítico, a ascensão destes grupos na vida pública e partidária, passou a ter uma maior visibilidade (Scott, 1992). Aos homens restou uma observação crítica e alguns boicotes foram infrutíferos. O recrudescimento feminista fez dos espaços públicos o local de ocupação e atuação de legislação, direcionada para o amparo a um tratamento igualitário. As conquistas e ocupação, desta forma, deram uma maturidade, por algum instante, para as feministas. Por outro lado, o movimento masculino era visto por muitos homens como uma forma de delicadeza, e por isto o que vinha em pauta era um sentido mais de perda do que de transformação. Hoje, ao nos observar, tanto os Grupos Feministas quanto os Grupos Masculinos, percebem um capengar dos homens sobre uma afetividade antes negada em seu reino e, mesmo mudando de lugar, a dinâmica de superioridade e dicotomia ainda prevalece sobre a credencial feminina.

Como foi dito antes, as inquietações masculinas não podem ser entendidas como uma reivindicação de visibilidade política, diferente das lutas que tiveram início nos anos de 1950 e 1960, de movimentos feministas, *gays*, negros e estudantis, mas, sim, de um realinhamento e da perda de espaço e poder, que Giddens (1993) identifica como transformação da intimidade. O fato é a transformação de modelos verticalizados de relações, no caso do amor romântico, que instituía modelos, e a inerência se fazia presente. Com o alargamento das conquistas pessoais, este modelo monolítico ou patriarcal começa a ruir, constatação de que Castells (2002) também comunga, relativa à mudança do mercado de trabalho remunerado, ao avanço de métodos contraceptivos e técnico-científicos sobre os meios de reprodução. Segundo também Banditer (1993) e Nolasco (1995), a mudança aferida no campo afetivo teve como pano de fundo o fortalecimento das democracias. Porém, as primeiras mudanças foram incipientes e ocorreram em ambientes restritos, nos quais as mulheres gozavam de mais liberdade. É com a ampliação de vozes insatisfeitas e desejosas de atuação no campo político que se percebe um desconforto em ser homem, situação que passou a ser sinônimo de autoritarismo.

Esta “incoerência” que ocorre em papéis bem definidos, que seja atribuição social ou científica, perturba e promove a instabilidade do gênero definidor de comportamento, promovendo desejo e prazer. As peripécias do corpo pela busca de outras formas de prazeres

desafiam os comportamentos compulsórios, estas instâncias definidoras de indivíduos, ao serem questionadas passam a ser definidos por estes. A ordem masculina ao contrair a sua fonte de prazer em torno do pênis fez do silêncio a ordem vigente de vigilância, a desqualificação de outros prazeres é o que legitimador da coerência exigida nos corpos, a redução da vivência sexual seria, desta forma, a norma heterossexual, (Butler, 2008):

Quando a desorganização e a desagregação no campo dos corpos rompem a ficção reguladora da coerência heterossexual, parece que o modelo expressivo perde sua força descritiva. O ideal regulador é então denunciado como norma e ficção que se disfarça de lei do desenvolvimento a regular o campo sexual que se propõe descrever. (p.194).

O desejoso de amor è uma lacuna na qual se insere o homem. Ele é perseguido em silêncio, em locais nos quais se reúnem “grupos de homens”, que debatem sua masculinidade que foi construída como ideal. A possibilidade de se tornarem mais úteis e dóceis constitui esse farol que ilumina o presente. Se nos anos de 1970 nascem grupos nos Estados Unidos para discutir uma revalorização dos sentimentos. O trabalho é percebido na busca de satisfação pessoal, este modelo alavancado por uma cultura individualista e consumista. O contato físico não se restringe mais à cama, mas sim, à busca de sensações que foram negadas antes. Se a linguagem nos permite perceber as práticas sociais, a palavra unissex, difundida nos anos de 1960, sugere uma união entre masculino e feminino, tendo na figura do *hippie* seu estereótipo de confusão. No corpo e sobre o corpo, adereços, antes endereçados às mulheres, fazem parte do visual a ser apresentado: cabelo grande, pulseiras, anéis e colares traduzem a contestação de modelo vigente.

Se no Brasil o D.A.S.A. tem sua fundação nos anos de 1990, com a preocupação de alguns homens sobre a masculinidade e sobre sua vivência social, podemos usar como bússola, as leituras de Giddens (1993) e Banditer (1993), segundo as quais havia um terreno em preparo para um questionamento de seus valores dominantes, ao caminhar para uma escala educacional quanto de instituições democráticas. As afirmações destes atores têm como prisma a ascensão e a ocupação feminina na esfera pública, e principalmente em tarefas antes masculinas, como as forças armadas, conforme assinala Giddens (1996). Mas o abismo sexual entre homens e mulheres parece ficar cada vez mais raso através dos processos de educação, apontados por Banditer (1993), ao analisar a primeira crise da masculinidade, ocorrida em civilizações mais refinadas. As observações de amostragem sobre a vida sexual brasileira, de Almeida (2007), consideram as pessoas de formação superior mais liberais que os jovens entre 18 a 24 anos, estes dados demonstram que as perspectivas sexuais, ou o refinamento da sexualidade, não estão contidos em estrato etários, mas associados a processos educacionais:

De longe, os mais liberais em termos de mentalidade sexual no Brasil são os que têm curso superior completo. Esse grupo apresenta os maiores percentuais de respostas “a favor” para as oito perguntas. De todos os segmentos analisados, são os que mais apoiam o homossexualismo; mais favoráveis (em média 20%) até do que os jovens de 18 a 24 anos (em média 13%). São também, na maioria, a favor da masturbação masculina (71%) e da feminina (74%), do sexo oral do homem na mulher (67%) e da mulher no homem (70%). (ALMEIDA, p.168, 2007)

Seria de fato a construção de um novo homem brasileiro a dos anos de 1990, mas parece que seu surgimento pode ser datado de antes. Em sua obra, *Sobrado e mucambos*, a questão é abordada pelo antropólogo Gilberto Freyre (2000). A urbanização brasileira, no século XIX, é pintada em *Os preciosos dos trópicos*. Ao referenciar aqueles iniciados e influenciados por uma aristocracia francesa, o homem do sobrado brasileiro irá se ornamentar, ter uma “superornamentação”. A ostentação se faz de moeda corrente, não ao sexo “belo”, mas sim livre transição que corre ao encontro do mais forte:

Consistiu principalmente no abuso de teteias, presas à corrente de ouro do relógio, de anéis por quase todos os dedos, de ouro no castão bengala ou no cabo do chapéu de sol e às vezes punhal, de penteados e cortes elegantes de barba, de perfume no cabelo, na barba, no lenço. (p.132)

E esta diferenciação, mesmo que tivesse traços fortes, como a entoação da voz, e uma virilidade agressiva, aproximava-se da feminilidade, por conta do excesso de ornamentação. A condição de dono parece ser o campo de legitimação desse limiar. Essa condição de dono, “indivíduo de ócio e lazer”, favorecia as mãos finas a demandarem certo cuidado, o cultivo de anéis, “uma mistura de agressividade machona e de molície efeminada.” (FREYRE, 2000 p.133). Assim, Freyre define o Brasil rural patriarcal como a “mulher a cavalo”. Nesta observação, o referencial é que o elemento masculino, na estrutura patriarcal, foi o “elemento móvel”, “militante” e “renovador” e a mulher o elemento conservador e estável dentro da ordem;

Homem, o elemento de imaginação mais criadora e de contatos mais diversos e, portanto, mais inventor, mais diferenciador, mais perturbador da rotina. A mulher, o elemento mais realista e mais integralizador. (FREYRE, 2000, p.134)

Estas perturbações têm um ponto de encontro: as influências francesas e inglesas, cuja civilização refinada, chegou ao Brasil através de visitantes que para lá viajavam. Ao negar valores antigos, mancebos que iam estudar na Europa, perturbavam o “ponto mais íntimo” da sociedade patriarcal. Este “novo homem” é assinalado por Nolasco (1995), nos anos de 1960, através do movimento Tropicália, no Brasil:

A síntese do que hoje é valorizado como característica do “novo homem” pode ser encontrada nas letras de músicas de Gil e Caetano. Ambos foram precursores, na ação, do que hoje está sendo considerado importante na transformação dos homens. (p.184)

Ao que parece, nesta tentativa de lançar luzes sobre a masculinidade, tecida por mãos anônimas, ainda há certa violência direcionada a estes “quase homens”. Na tentativa de vivenciar uma nova sexualidade, abrindo espaço para angústias e dores, o anonimato assegura a felicidade de ter novas experiências. E nesses espaços que surgem como local de reflexão, a hegemonia masculina é deslocada para outros locais de vivência, onde alguns homens tentam viabilizar uma alegria incomum, esbarrando nos predicativos de uma identidade com “H” maiúsculo. É no silêncio e na solidariedade transformada em palavras, que as identidades masculinas aparecem. Em frases ditas a toda hora, “...só por hoje”, encontramos a subjetividade a ser reivindicada e reclamada por indivíduos que querem ser sujeitos.

CONCLUSÃO

Ao abordar a questão da masculinidade, dentro de um ambiente propício à recuperação de dependentes de amor e sexo anônimos, foi observado o deslocamento do campo afetivo masculino, fazendo parte do que é chamado hoje de “novo homem”. Essa nova identificação ainda é atravessada por uma visão de gênero hierárquico, que analisa este novo posicionamento através de forças sensíveis e sentimentais, que fazem parte ainda de uma classificação feminina.

Neste desdobrar, a “sensibilidade peniana” é perturbada pelo deslocamento de força que, no jogo social, faz com que o homem perca o espaço no qual atua. A ampliação da força de trabalho feminino, assim como outras maneiras de sexualidade e prazer, desestabilizam a fundação heterossexual, ao questionar sua naturalização, justificada pela propensão inata para o desempenho de determinadas atividades. A masculinidade, como dado natural, perde sua força ao ser interrogada sobre sua virilidade, passando a ser um artefato a desmoronar. Neste desmanche é que se dá a formação de homens incompletos, ou “quase homens”. A violência está compartilhada por uma definição rígida de gênero e de papéis, que associou a totalidade masculina aos mecanismos de poder e prestígio. Este processo de descentralização põe em xeque o privilégio que todos os homens compartilhavam, ao nascerem. Sua associação era inevitável. Ser homem significava estar sempre à frente, ser dominador e procriador. Mas é nos estudos *gays*, que esta ordem binária/hierárquica é colocada em questão. A dimensão heterossexual/masculina passa a ser seriamente questionada. E o ponto a ser debatido não era mais “os homens”, mas sim, a sujeição da masculinidade dos homens, cujo privilégio passava a ser visto não apenas como um *status*, mas também como uma ordem compulsória, que violentava alguns que traíam seu gênero, tornando-os, assim, “quase homens”. O “quase” ganha uma menção estrita da violência que é usada para policiar a fronteira de gênero entre homens e mulheres e a ordem heterossexual, que determinam as relações sexuais entre os gêneros e proscurem o sexo no interior deles.

Ao subtrair a subjetivações masculinas, os saberes técnicos e científicos tornavam-se locais de comprovação e de reforço para o consenso em relação aos homens. A masculinidade desprovida de artefatos e fragmentos sentimentais, empurrados para a clandestinidade, quando se referi àqueles que não respeitavam as regras. Estas grades ficam mais rígidas e fixas com o amor romântico. Ao definir uma dicotomia sexual, o processo de normalização se fazia crescente em instituições nascentes do capitalismo, que Foucault (1997) observou, como organizadoras da vida cotidiana: quartéis, escolas e indústrias. A regra fazia jus a uma

nascente administração e ao uso do próprio sexo. Sob tais controles, o amor romântico, de acordo com Giddens (1996), iria deslocar antigos valores morais, que consistiam na honra da família. A virtude da mulher era defendida a qualquer custo em detrimento do patriarcado. O direcionamento desta defesa implicava o uso da violência dos homens contra os homens; o valor da mulher era seu arauto, a ordem familiar era seu valor. Com isto, o amor romântico, que tem suas raízes no século XVIII, viu o patriarcalismo ser redirecionado, a honra passando a ser uma prescrição de normalidade. A sexualidade na era Vitoriana, assinalada por Foucault (2006), acompanhou a transformação e a sujeição da feminilidade sendo obscurecida por uma rede de olhares e saberes que tendiam a decifrá-la, tornando-se assim, uma questão de Estado. A sexualidade feminina há muito tem sido debatida, e reforçada neste instante como sexo “doméstico”. Assim, faz-se uma distinção entre as mulheres virtuosa e puta. A sexualidade masculina começa a ser rabiscada em sua eficiência, o *status* de clandestinidade é a impotência, o que confirma as observações de Giddens (1993) de que neste instante há uma ativa radicalização da sociedade moderna com o machismo.

A masculinidade será transformada em atributos a serem evocados, através do caráter a ser confeccionado, dando ornamento ao corpo. O amor romântico agiria na modernidade como norma, que Foucault (1997) aponta através de uma repressão, não negativa, mas positiva, sendo constituído de formas tanto individuais quanto no controle da população. No indivíduo, a masculinidade mostra-se centrada em seus dispositivos de segredo, em que o anormal constituiria a margem da negociação da identidade masculina: o indivíduo a ser corrigido e o masturbador. Estas figuras, que orientam a masculinidade serão centradas em locais próprios; o primeiro a se apresentar fracassará na instituição familiar, depois nas demais. O amor romântico é a argola institucional moderna. Falar de “homens” remete a uma categoria singular, pois sua regra está estreitamente presente na figura do homem/pai e da mulher/mãe. O comportamento masculino denuncia aquilo que não é dito através da maneira de abordar não a questão do sexo, mas da sexualidade. Neste sentido, a definição do homem é sua perfeição e plenitude, e é nos atos do cotidiano que a masculinidade é declarada. Por outro lado, temos a centralização cada vez mais apartada da masculinidade, agora seu espaço mais restrito, o quarto. O silêncio é o guia compartilhado por todos, mas incomunicável; a masturbação centra dois problemas: o das doenças, “raiz” de todas as mazelas, e o da hereditariedade, condenando assim gerações futuras.

Cruzando os dois pontos: primeiro, a vigilância constante sobre cada ato, sem relaxamento, o detalhamento inspecionado dos movimentos, a coerência e a inteligibilidade que reforçam a lógica do homem em seu cotidiano; as relações entre pais e filhos governadas

por um saber universal, mas não evocadas pela aproximação, mas através de segredos, que circulam em volta da sexualidade. E neste ponto Giddens (1993) afirma que o amor romântico colocou definitivamente a mulher no lar. Produzindo uma aproximação constante sobre os filhos, a autoridade do lar passa a ser cada vez mais exercida pelas mulheres, que influenciam sua educação e suas relações com o mundo. Isto pode ser também assinalado como o principiar do declínio patriarcal sobre a família. Ainda é muito cedo para falar de declínio, já que esta estrutura de autoridade patriarcal era também exercida sobre as várias maneiras de relacionamento, envolvendo as constituições familiares e a organização social como um todo (Castells, 2002). Como segundo ponto, temos a sexualidade masculina marcada por segredos, cujo espaço é formado cada vez mais por uma limitação e pelo enquadramento da masturbação. Esta organização de saberes irá associar a masculinidade à potencialidade. A força primária fará com que a virilidade seja o artefato presente na formação do homem, potência esta que será aplicada, não apenas dentro de casa, mas principalmente com outros homens, pela demonstração de autoridade e defesa de seu espaço. Legitima-se com isto o uso da violência, para proscrever o sexo no interior do gênero, dirigindo-o contra as mulheres, ao classificá-las como virtuosas e prostitutas, ou contra outros homens. Demonstra-se assim potencialidade e capacidade, refreando-se sentimentos e sensações que possam colocar em dúvida a masculinidade.

A masculinidade seria, portanto, a torre de observação, em que o homem se organizaria. Através de seus anéis de laços amorosos, o romantismo fomentaria uma violência suave e meiga que vigia os corpos masculinos, e em gestos e atos faz a cobrança de cavalheirismo e de nobreza, o sonho burguês. Colocavam-se neste aspecto novas molduras, que sujeitaria o homem, ou alguns homens, a técnicas disciplinares. Tais técnicas não eram vistas como uma prolongação das leis jurídico-políticas, mas sim de forma independente, o que caracterizava o ato da infração das leis como sendo algo punível. Daí a contradição, que Foucault (1997) apontava na distinção de uma sociedade *panóptica*. O delírio burguês visa à vigilância sobre os indivíduos, não no que se faz, mas no que se é.

Seu contraponto ocorre através do deslocamento do poder. A sociedade panóptica concebeu esta arquitetura, fornecendo um olhar hierarquizado e de vigilância constante, cujo objetivo era identificar os espaços vazios e as faltas. Por outro lado, temos agora o deslocamento não mais de estruturas ou instituições, mas a produção cada vez mais crescente de subjetividade, que Guattari (2008) define como sendo o modo de sistema capitalista que ocorre em larga escala. Sua fabricação dá-se de forma industrial, diferindo dos meios tradicionais em que sua produção era de âmbito mais restrito, no espaço do território. Agora

ela ocorre na retomada de valores que são negociados na recomposição estrita da família. O amor romântico seria, então, esta produção capitalista, que age na produção de subjetividade, gerando desejos e anseios entre homens e mulheres. Ao definir tais produções em série, as chamadas máquinas disciplinares, como Foucault (1997) denomina as casernas, as escolas, as oficinas e prisões, necessitava-se apreender o indivíduo masculino, para situá-lo entre os outros, passando a defini-lo como homem. Esta definição era intermediada pelo uso da violência, primeiro pela defesa do seu espaço ocupado dentro da maquinaria disciplinar, através da concorrência eficaz; segundo, pelo seu transbordamento externo, seja na rua, através da demonstração constante de valores nobres, coragem e honra, ou seja, na defesa do lar, como procriador sendo homem, e como dominador na figura de pai.

Através do uso da violência, garantia-se a constância do poder exercido por alguns homens sobre outros homens. Sua transfiguração ocorre com a entrada da mulher no mercado de trabalho, sendo agora exercido sobre elas todo o peso do poder patriarcado. Neste aspecto, começa uma guerra contra as mulheres, cuja situação específica é a manutenção e a permanência do poder patriarcado que começa a se dissolver. Esta organização, em volta da ampliação do mercado de trabalho e com a entrada da mulher nele, colocou em xeque as uniões não mais por contrato, mas em volta dos laços afetivos, como aponta Giddens (1996), mesmo que sua concepção esteja vinculada à sexualidade. É o amor, entretanto, que irá organizar os laços afetivos.

Antes do ruir da casa patriarcal, às mulheres era negada a liberdade sexual. Esta organização sexual normalmente demonstrava a desigualdade entre homens e mulheres, às quais o poder patriarcal negava tanto o prazer quanto a felicidade. Ao organizar a sua vida sexual em torno das restrições sobre as mulheres, os homens também negavam a si mesmos a alegria e a autonomia de seus prazeres, em razão das normas dominantes de masculinidade e heterossexualidade. Com a entrada do amor, na vida do casal por volta dos anos de 1930, havia uma negociação e uma preocupação crescente com o prazer, voltando-se assim para uma forma de organização em cima da felicidade e da alegria.

Tais sentimentos trazem consigo a agonia sofrida por alguns homens, que são rotulados por uma incompletude de gênero. No entanto, estudos sobre homens e masculinidade oferecem relatos mais matizados de como homens com privilégios de gênero iniciam e vivenciam sua sexualidade. Estes relatos trazem os homens de volta ao gênero, afastando-os da abstração do “Homem Patriarcal” e analisando suas angústias e tristezas. Para Butler (2008), o conceito de gênero abrange quatro elementos: sexo anatômico, identidade de gênero, desejo e prática sexual. A sociedade exige coerência entre eles, mas não

é o que ocorre quando alguns homens não conseguem mais viver comportamentos nos quais têm uma inexistência afetiva sexual. Desejo e prática sexual oscilam, escapam à inteligibilidade. Daí Butler traz para nosso socorro a ideia de que gênero é um ato performático, não comportando uma identidade estável. O D.A.S.A. seria o local, o interstício de uma negociação da vivência masculina em seu cotidiano. Ao afirmar sexo e amor, há uma preocupação do Grupo em afirmar ato e afetividade como não sendo dissociáveis, e que sua ligação tem como esteio o autoconhecimento e a afirmação do indivíduo perante seu presente.

A origem do que chamamos de “quase homens” seria a instabilidade criada no interior do gênero. Percebem-se, nesta categoria hegemônica, várias arranhaduras e fissuras da fragilidade construída ao longo de uma história que os concebe como seres abstratos, desprovidos de sentimentos. O amor romântico, tanto em voga na coroação feminina de “senhoras e donas do amor”, destronou o homem de poder senti-lo, e este ato fez com que ele se aproximasse das mulheres, assumindo sua incompletude, o quase, que o rabisca e o rasura. Talvez seja esta a afirmação incômoda que Foucault (2006) diz que estes homens devem pagar: o fato de não serem reconhecidos como homens. Ao observar tais mudanças (Badinter, 1993) sociais que perturbam a masculinidade, verifica-se que são crises que os homens não conseguem organizar, e que aumentam com as “civilizações refinadas”, em que a mulher goza cada vez mais de liberdade. Chegaríamos, então, a um ponto em que a procura por uma vivência mais ampla de afetividade e sexualidade estaria ligada diretamente ao grau de educação e de instrução, os homens, ao questionarem sobre pressupostos de sua relação consigo mesmo, e com o outro. Em outro aspecto, mesmo não havendo restrição para serem integrantes do D.A.S.A., mas sendo capazes de reconhecer a sua dependência de amor e sexo, todos os homens que participavam das reuniões tinham nível de instrução superior. Mesmo que o número seja bastante pequeno para chegarmos a tais afirmações, eles são considerados como “quase homens”, ou homens imperfeitos.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Sônia. **A sexualidade na aurora do século XXI**. Rio de Janeiro: Ed. Cia. de Freud: CAPES, 2008.
- ALMEIDA, Alberto Carlos. **A cabeça do brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2007.
- ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: O dilema da educação**. 1ªed. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.
- BADINTER, E. **XY sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1993.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1º.ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.
- _____. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. 1º.ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.
- _____. **A sociedade indivudalizada: vidas contadas e histórias vividas**. Tradução de José Gradel. 1ª.ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **Mágia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo. 10ªed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila. 4ªed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. 12ªEd. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2004.
- BRETON, David Le. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. 2ªed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.
- _____. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. Tradução Marina Appenzeller. 3ªed. Campinas,SP: Ed. Papiros, 2008.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 1º.ed. Ed. UneSP, 2002.
- _____. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. 1º.ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.
- BRANDEN, Nathaniel. **A psicologia do amor: o que é o amor, por que ele nasce, cresce e às vezes morre**. Tradução de Monica Braga. 2ªed. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 2002.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 2º.ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2008.
- CARLOS, Fuentes. **Em 68: Paris, Praga e México**. Tradução de Ebréia de Carlos Alves. 1ªed. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2008.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini, 3ªed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2002.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: Um percurso pelos temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Müller Xavier, 1ªed. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Entre Prática e Representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2ª Ed. Lisboa, Portugal. 2002.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. Tradução de Eduardo Brandão. 12ªEd. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2007.

_____. **O Amor a solidão**. Tradução de Eduardo Brandão. 2ªEd. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2006.

CORBIN, Alain. **História do corpo vol. 2** : Da Revolução à Grande Guerra. Tradução de João Batista. 1ªed. Petrópolis,RJ. Ed. Vozes, 2008.

_____.**História do corpo vol. 3**: As Mutações do Olhar. O Século XX. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 2ªed. Petrópolis,RJ. Ed. Vozes, 2008.

CORNWALL, Andrea. **Questões de Sexualidade**: Ensaios Transculturais. Tradução de Jones de Freitas. 1ªed. Rio de Janeiro. Ed.ABIA, 2008.

COSTA, Cléria Botelho da. **Contar história, fazer História**: Brasília: Ed. Paralelo 15, 2001.

DASA – **Dependentes de Amor e Sexo Anônimos**. Apostila do grupo DASA. S.d.

DARTON, Robert. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. Tradução de Sônia Coutinho. 4ªed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2001.

DEL PRIORE, Mary. História do amor no Brasil. 2ºed. São Paulo. Ed. Contexto, 2006.

DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Tradução de Loudes Menezes. Rio de Janeiro. Ed. Forense Universitária, 1982.

_____. **A invenção do cotidiano vol 1**. Petrópolis, Tradução de Loudes Menezes. RJ. Ed. Vozes, 2002.

DOSI, François. **A História**. Tradução Maria Elena Ortiz Assumpção. 1º.ed. Bauru,SP: Ed. EDUSC, 2003.

ERTZOGUE, Marina Haizenreder. **História e sensibilidade**. Brasília: Ed. Paralelo 15, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. 16º. ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2001.

_____. **As Palavras e as Coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Eduardo Brandão. 3º ed. São Paulo: Ed.Martins Fontes, 1985.

_____. **Nascimento da Biopolítica**. Tradução Eduardo Brandão. 1ºed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de A. Sampaio. 5ªed. São Paulo: Ed. Loyola. 1996.

_____. **História da sexualidade vol.1: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da C. Albuquerque. 17ªed. Rio de Janeiro. Ed. Graal. 1988.

_____. **Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 32ªed. Petrópolis. Ed. Vozes. 1987.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução Magda Lopes. 1ªed. São Paulo: Ed. UneSP, 1993.

_____. **As conseqüências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. 5.ed. São Paulo: Ed. UneSP, 1991.

_____. **Para além da esquerda e da direita: O futuro da política radica**. Tradução de Alvaro Attnher. 1ªed. São Paulo: Ed. UneSP, 1996.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O cultivo do ódio**. Tradução de Sérgio Goes de Paula. 1ªed. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1995.

GIFFIN, Karen. **A inserção dos homens nos estudos de gênero: Contribuições de um sujeito histórico**. Revista Núcleo de gênero e saúde, Rio de Janeiro. Fiocruz, 2005.

GREGERSEN, Edgar. **Práticas Sexuais: A História da Sexualidade Humana**. Tradução de Antonio Alberto de Toledo. 1ªEd. São Paulo: Ed. Roca, 1983.

GUATTARI, Félix. **Micropolítica: cartografia do desejo**. 9ªed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 1ªEd. São Paulo, Ed. Centauro, 2006.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. 2ªed. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2001.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2ª.ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. Tradução de Mário Vilela. 1ªEd. São Paulo: Ed. Contexto, 2001.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamento do feminino**. 2ªEd. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2008.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia. 1ªEd. Rio de Janeiro. Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. Tradução Eduardo Brandão. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1990.

MALERBA, Jurandir. **A história escrita: Teoria e história da historiografia.** 1ª Ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

MAYER, Arno J.A **força da tradição.** A persistência do Antigo Regime, 1848-194. Tradução de Denise Bottmann. 1ªEd. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1987.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade.** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1993.

_____. **A desconstrução do masculino.** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1995.

NORWOOD, Robin. **Mulheres que amam demais.** Tradução de Cristiane Perez Ribeiro. 32ªed. São Paulo: Ed.ArX, 2009.

PERROT, Michelle. **História da vida privada, 4:** Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Tradução de Denise Bottmann. 1ªed. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** 2º.ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2005.

_____. **Memória e história:** Fronteiras do milênio. 1º.ed. Porto Alegre: Ed Universidade UFRGS, 2001.

PROST, Antoine. **História da vida privada, vol.5:** Da Primeira Guerra a nossos dias. Tradução de Denise Bottmann. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCOTT, Joan. **A invisibilidade da experiência.** Projeto História, São Paulo, n. 16, fev. de 1998.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: Tirantias da intimidade.** São Paulo: Ed.Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **IDENTIDADE E DIFERENÇA:** a perspectiva dos estudos culturais. Tradução de Tomaz Tadeu. 2ªEd. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2000.

SOUZA, Raquel. **Rapazes negros e socialização de gênero:** Sentidos e significados de “ser homem”. 1ª Ed. Revista Pagu, 1993.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero.** Tradução de Mirna Pinsky.1ªEd. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

WELZER-LANG, Daniel. **A Construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia.** Revista Estudos Femininos, vol. 9, nº. 2. Florianópolis, 2001.

ZAMPIERI, Maria A. Junqueira. **Codependência:** o transtorno e a intervenção em rede. São Paulo: Ed. Ágora, 2004.